



Isis da Silva Oliveira

O livro de



“Quando à ousadia e ao entusiasmo juvenil se aliou o Ideal Literário, nasceu o Clube de Letras de Sete Lagoas. Era dezembro de 1964. Chegava o sodalício trazendo o vigor, a criatividade, o civismo e objetivando o melhor e mais sensato para a cidade que o acolhia. Entretanto, forjado pela vivacidade e a energia, na flexibilidade e na inocência próprias da juventude, buscava entre os grandes nomes da comuna encontrar mentores que o acompanhassem na caminhada. Felizmente, o Grupo se lembrou de paradigmas que lhe abonaram as "investidas", contiveram ímpetos das experiências e arrebatamentos iniciais.

É quando entra na história clubista - hoje, escrevendo a página anual de número quarenta e cinco - a figura ímpar de ISIS DA SILVA OLIVEIRA. Professora de História, de Língua e Literatura Portuguesa, de Francês, e, sobretudo, de vida!

O livro de



Isis da Silva Oliveira

O livro de Isis
Copyright © 2009 by Isis da Silva Oliveira

Patrocínio: SINPRO-MG

Obras de Arte Marina Jardim

Revisão Lígia Coelho

Fotografia Sílvio Santos

Projeto Gráfico e Capa Patrícia Magda Souza Rocha

Diagramação, Edição de Imagens e Arte Final Em Focos Artes Visuais Ltda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Oliveira, Isis da Silva

048 1 O livro de Isis / Isis da Silva Oliveira ;
ilustrações Marina Jardim . --- Belo Horizonte , 2009.

208 p. il.

1 . Autobiografia. I. Oliveira, Isis da Silva. II. Título.

CDU 82-94

ISBN 978-85-912278-0-8

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem a prévia autorização da organizadora, por escrito, sob pena de constituir violação do copyright (Lei nº 5.988).

Impresso no Brasil

Belo Horizonte - Junho / 2011

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À © ISIS DA SILVA OLIVEIRA.



Isis da Silva Oliveira

O livro de



S

ão muitas as pessoas a quem gostaria de dedicar este livro, registro de algumas memórias da minha vida. Penso que cada um encontrará algo da sua própria vida nesses relatos.

Especialmente, essa pequena obra é dedicada aos meus filhos, netos, irmãos e amigos íntimos, que acompanharam a minha trajetória.

À minha mãe, origem de tudo, a quem devo o despertar do amor pelas letras.





A

gradeço à amiga Bernadeth, a primeira pessoa, que se dispôs a me ajudar quando comuniquei a ela o desejo de compilar os meus escritos.

Ao Libério, mais do que amigo, um irmão, que encampou este projeto como se fosse seu e fez com que ele tomasse um vulto muito maior do que a idéia singela de deixar esses registros como lembrança para meus filhos.

Ao colega Patrus Ananias, pela gentileza do prefácio.

À Marina Jardim, que transpôs para eles sua arte por meio de belas ilustrações e ao Sílvio Santos, que as digitalizou.

À Lígia Coelho, a quem devo a revisão do livro.

Ao Clube de Letras de Sete Lagoas e a Mariza da Conceição Pereira, que me apresentam aos leitores.

E ao Sinpro, de quem tive a honra de ser diretora, que viabilizou sua publicação e lançamento.

A todos que, de maneira direta e indireta, contribuíram para que este sonho pudesse ser real, minha gratidão e carinho.

Coletivo de trabalho na produção desse livro

Escritora Isis da Silva Oliveira

Organizadora Bernadeth Maria Pereira

Colaboradores Antônio Libério de Borba
Roberto Caldeira Barros
Cleise Soares
Magda Braga de Souza
Marina Jardim
Eveline de Oliveira
Jaqueline de Oliveira
Heloisa Aline de Oliveira
Maria Luiza Lima Rosa
Silvio Santos
Lígia Coelho

Patrocinador Sinpro-MG

Apresentação.....	9
Prefácio.....	10

CAPÍTULO I

Primeiras histórias: conversando sobre nós 13

CAPÍTULO II

Histórias sobre os outros: discursos 35

1. A mulher no mundo moderno.....	37
2. O Pos-modernismo.....	44
3. Amor, adolescência, juventude e maturidade.....	46
4. Professor: reprodutor do sistema, ou agente de transformação social ?.....	51
5. Irmãs Clarissas Franciscanas.....	54
6. De professora à secretária de educação, saúde e assistência: Discurso na Câmara.....	55
7. Desenvolvimento e comunidade.....	63
8. Ali morre um bêbado e nasce um homem.....	65
9. Jorge setelagoano.....	68
10. Sobre a poesia de Gilson Geraldo Costa Matos.....	70
11. Assim é Gilson Geraldo Costa Matos.....	73
12. Sobre a poesia de José Cândido Siqueira.....	74
13. Que Pátria é esta?.....	77
14. Ao herói.....	78
15. Gaia agoniza.....	79
16. Retribuindo uma homenagem.....	80

CAPÍTULO III

O livro de ouro: conversando sobre sentimentos, sensibilidades e valores 83

1. A meus filhos.....	85
2. Ao riso de Eveline.....	85
3. Para Fernanda, nos seus quinze anos.....	87
4. Ainda há esperança.....	88
5. O crepúsculo.....	90
6. O dentro e o fora.....	92
7. Onde ficou a vida?.....	93
8. Poema à solidão.....	94
9. A desesperança.....	96
10. O canto dos passarinhos.....	97

11. Mensagem.....	98
12. O valor da amizade.....	101
13. A um casal de namorados.....	102
14. A uma praça de nossa cidade.....	103
15. Em busca de paz.....	104
16. O caminheiro.....	105
17. Pensamentos.....	109
18. A mulher brasileira (Texto teatral).....	112

CAPÍTULO IV

Conversando sobre a neurose coletiva 123

1. Aqueles que morreram e não foram enterrados.....	125
2. Tudo vai recomeçar.....	126
3. Mulher ou mãe?.....	130
4. Agora, ele não era nem Deus, nem diabo, nem gente.....	134
5. Trinta anos se passaram.....	138
6. Flagrantes da vida.....	141
7. Reminiscência.....	143
8. "Mea culpa".....	145
9. Sede de viver.....	146
10. O dia é amigo e a noite inimiga.....	148
11. A espera.....	149
12. Nunca mais.....	151
13. Estou aqui sozinha.....	153
14. Quero viver.....	154
15. Vai deitar cachorra!.....	155
16. Reflexões de uma mente doentia.....	157

CAPÍTULO V

Tributo a Isis 173

CAPÍTULO VI

Baú da memória 187

A criança	189
A família.....	191
A secretária de educação, saúde e assistência de Sete Lagoas...	194
A solidariedade e a militância político-sindical.....	197
A professora.....	198
As viagens.....	199
Os amigos.....	205

Passados dez anos do novo milênio, muita coisa mudou em nosso país. Temos como Presidente da República um ex-sindicalista, torneiro mecânico de ofício, que rompeu os preconceitos da elite e do povo brasileiro, executando um dos melhores governos da nossa história. E agora, uma mulher, guerrilheira em várias frentes de luta, apresenta-se como forte candidata ao cargo maior de nossa República.

Entretanto, um dos pilares do processo civilizatório da humanidade vai muito mal, tanto em Belo Horizonte quanto em Minas. O governo do nosso estado não paga aos professores valores dignos, mantendo pisos remuneratórios menores que o salário mínimo estabelecido para o país. No município de Belo Horizonte os educadores em greve pleitearam melhores salários e condições de trabalho; no setor privado da educação, os sindicalistas patronais investiram sobre as conquistas históricas dos professores, tentando reduzi-las ou eliminá-las. Ao mesmo tempo, sobram vagas nos cursos de licenciatura por falta de estímulo e valorização dos docentes.

No final da década de setenta e início dos anos oitenta do século XX, a situação era muito parecida, com o agravante da repressão militar à nossa luta. Foi naquele cenário que muitos de nós aprendemos que era preciso lutar, e muito lutamos. Um dos símbolos dessa verdadeira odisséia dos professores naquela época foi Dona Isis (Isis de Oliveira), com sua experiência de vida, sensibilidade, ternura e combatividade.

Ao assumir a diretoria do Sindicato dos Professores do Estado de Minas Gerais, juntamente com um grupo de professores e professoras combativos, como resultado da greve de 1979 e do anseio de mudanças da categoria, Isis ajudou a resgatar a entidade para um profícuo ciclo de sindicalismo classista e de luta, comprometido com as reivindicações da categoria.

Temos grande satisfação de apoiar o lançamento de *O Livro de Isis*, registro da trajetória exemplar da educadora, mãe e mulher, sempre preservadora do coração de luta.

Nossa homenagem e reconhecimento,

Gilson Reis, Presidente do Sinpro Minas

Isis tem um livro e recebi o honroso e prazeroso convite para apresentá-lo, envolvido em mantas de afeto que sempre marcou nossa amizade.

A primeira imagem que me veio à mente é da própria Isis e o livro, a partir do título bem sugestivo, incorpora essa presença, torna-a ainda mais forte, deixando-a revelada e inteira e, ao contrário da música do Chico, quem não a conhece pode ler pra crer e quem jamais a esquece vai sempre reconhecê-la em cada linha escrita.

Guardo um grande carinho pela Isis, muito amiga da Vera, mãe da Verinha, minha mulher. Amigas de Sete Lagoas. Já começa aí uma grande simpatia. Tive a oportunidade de conviver com ela mais tarde, no movimento sindical. Isis militava no Sindicato dos Professores e no final dos anos 1970, início dos 1980, quando advoguei neste sindicato, nos aproximamos muito mais. Desde então, ficamos muito amigos. Considero-me um privilegiado de compartilhar da história dessa mulher, educadora, mãe, batalhadora, militante. Isis reúne essas muitas dimensões femininas.

Impossível, conhecendo a Isis como a conheço e lendo seu livro, não se lembrar de uma bela poesia da Adélia Prado: “Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina. / Inauguro linhagens, fundo reinos / – dor não é amargura / Minha tristeza não tem pedigree, / já a minha vontade de alegria, / sua raiz vai ao meu mil avô. / Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. / Mulher é desdobrável. Eu sou”.

A desdobrável Isis – ela também não foge da sina – vai se revelando ao longo do livro, que recolhe escritos de variados momentos de sua vida – ao longo dos anos 1960, 1970. Primeiro, na forma de uma conversa íntima, na sala de estar. Uma reunião de família muito compartilhada, que nos envolve numa agradável conversa caseira, com cheiro de lírio do vale, lá de Sete Lagoas. Nessa conversa caseira, de histórias muito próprias da infância e mocidade de Isis, vão surgindo também traços da família nossa de cada dia, com as venturas e

desventuras do dia a dia, de famílias trabalhadoras, mineiras, feitas de montanhas, pedras, minérios e um amor contido, porém forte.

Logo depois, na segunda parte, histórias de vida, literatura e poesia. Um pouco de cada. Isis conhece o poder das palavras. Mas conhece também a arte de observar as pessoas, de vasculhar os sentimentos. A educadora e militante conheceu muitas histórias, narrativas singulares de questões universais, que habitam nossa alma, revelando as fragilidades do projeto humano, mas também descobrindo as muitas possibilidades que se traduzem na superação diária dessas mesmas fragilidades. “Existirmos, a que será que se destina?”, pegamos de empréstimo a pergunta estruturada no verso de Caetano Veloso.

A terceira parte, o “Livro de Ouro”, formado de escritos dos anos 1960, é anunciada de maneira aparentemente despretensiosa: “Não constituirão eles nenhuma obra prima de filosofia ou literatura, mas registrarão meus sentimentos mais profundos”. Como se falar dos sentimentos mais profundos fosse pouco... Teimosa Isis.

Por fim, no quarto capítulo, Isis, como Caetano em outra música, nos diz que “de perto ninguém é normal”. E nos ama mesmo assim. Ou talvez nos ame justamente por isso. Esse poço de contradições que é a pessoa humana. A riqueza do convívio da beleza e das angústias, do que foi e do que podia ter sido. Tudo isso ela expõe, tudo isso ela nos faz pensar. “Não tivesse eu me deixado vencer pela antipatia, e, ao contrário, houvesse me aproximado dela a minha amizade e o meu apoio, talvez a pobre Nancy tivesse se sentido mais gente e não tivesse sofrido tanto...” Será? Os muitos “ses” da vida. As possibilidades e impossibilidades. Amores queridos e não podidos. Amores prometidos e não cumpridos. Amores vividos.

O livro da Isis bem que podia ser chamado de um livro de sentimentos. Sentimentos profundos sim, da alma humana. Mas, sobretudo sentimentos de mulher. Por isso talvez seja tão mais coerente o

nome dado. Isis está neste livro. Da mesma maneira que nos brinda aos conhecidos com sua presença, agora podemos compartilhá-la com muitos outros. Seu olhar é amoroso. Seu livro também é. Nos fala do amor pelo registro das pequenas coisas que nos fazem vê-lo. E no caso do livro da Isis, esse amor não raro se apresenta com todos os seus tumultos. Mas é o mais puro sentimento humano.

Patrus Ananias

Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

CAPÍTULO I

PRIMEIRAS HISTÓRIAS:
CONVERSANDO SOBRE NÓS



Para: Nelly, Edil, Sílvio e Antunes

Com muita ternura, para que vejam como é verdadeira a assertiva do nosso historiador, Jovelino Lanza, quando diz:

"O que passou não passou: ficou".

Parabéns a vocês pelo aniversário e aceitem o meu singelo presente: essa viagem de volta ao passado!

Isis da Silva Oliveira



Foi vindo de Belo Horizonte para Sete Lagoas, ao deparar com um vale repleto das flores a que nossa mãe chamava lírios do vale ou “casaremo”, que veio à idéia: escrever sobre as reminiscências da nossa infância, enfeixá-las em uma pequena plaquete, para oferecer-lhes no dia de seu aniversário.

Seria algo sem nenhuma veleidade literária e sem nenhum compromisso cronológico: abriria as portas da memória e iria registrando as lembranças, apenas.

Gostei da idéia: achei-a delicada, sensível. Meu escopo? Attingir a sua sensibilidade e arrastá-los junto comigo nesse recuo no tempo para que pudéssemos viver de novo aquela época em que, apesar de todos os pesares, éramos felizes e não sabíamos.

Venham comigo, venham. Vamos à Rua Alagoas, 459, Boa Vista, onde os lírios do vale proliferam em torno da torneira do jardim, exalando seu doce perfume...

A casa estava a cavaleiro de um barranco e, à sua entrada, uma escada cavada nele próprio conduzia ao jardim. À frente da casa, a torneira que foi, durante muito tempo, comunitária. Muitos vizinhos se abasteciam de água ali. Em volta da torneira, os lírios do vale e um pé de rosa-chá, que floria durante todo o ano. Ao lado da casa, uma alameda entre duas filas de canteiros, onde se encontravam um pé de espirradeira, um pé de minerva, um pé de jambo (que fora plantado por mim aos 4, 5 anos, mais ou menos, com caroços trazidos do Boqueirão) de um lado; do outro lado, a roseira Rui Barbosa.

Você se lembra, Edil, da Odete? Parece-me que era baiana e uma das pessoas que buscavam água naquela torneira. Você a paquerava e cantava: “Odete, ouve o meu lamento...”. Havia também uma menina, não sei se chamava Judite ou Edite, essa era bem pequenina, tinha seus 5 a 6 anos. Toda vez que ela propunha: –

“Vamos brincá de fuco-fuco?” vocês, homens, se punham a rir e eu, inocente, não sabia de quê, pois a menininha só queria brincar de trenzinho...

Naquele barranco, do lado de fora do muro, comecei a namorar. Deveria ter meus 8 ou 9 anos. Ele era filho de D. Iracema cabeleireira, chamava-se Niltinho, era muito bonito e morava muito próximo de nós. Toda noite, eu pegava o banquinho que meu pai havia feito para mim, levava para fora e esperava por ele. Ali ficávamos todas as meninas da vizinhança e nós dois, até que a mamãe chamava para dormir. Tudo ia indo bem, até que chegou do Rio com a família o seu primo Waldir. Mais feio, porém carioca, de olhos verdes, mais atrevido e entendeu de tomar a namorada do primo. Fiquei dividida, assim, entre os dois, sentindo-me o próprio prêmio da batalha.



16

Mas, bem antes disso, vêm os namorados de Nelly! Será por que você nunca arranjava namorados que eram do agrado de nossos pais?

Lembra-se do Alcides, filho do “Seu” Chico de Matos? Rapaz bonito, mas de origem um tanto quanto duvidosa, pois o que se sabia era que o pai não era nenhum santo.

Havia aniversário em casa. Todo mundo em volta de uma mesa de doces, exceto você que tinha dado uma escapulida até o portão para conversar com o Alcides. Foi quando apareci, com meus inocentes três aninhos. Com medo de que eu deixasse escapar alguma coisa a respeito do encontro, você me prometeu muita coisa: roupinha, sapatinho, meinha, bonequinha para que eu não contasse nada.

E eu, na inocência dos anjos, chego lá dentro e digo: – “Mamãe, a Nelly me prometeu isso, isso e isso só para eu

não contar que ela está lá fora conversando com Alcides!”
Acho que a mamãe nem teve nenhuma reação, não sei.

Depois, foi a vez do Getúlio barbeiro. Ninguém em casa queria esse namoro, para variar! Getúlio... ah! Getúlio de gloriosa memória...

Tinha eu os meus 6 anos e você me pediu que, à hora em que ele passasse na sua bicicleta, lhe desse um recado. E eu fiquei lá fora, brincando com a Terezinha Martins. Ele passou, dei o recado, mas ele me convidou para ir até a sua casa, pois queria que D. Tiana, sua mãe me conhecesse. E eu, mais que depressa, montei no cano da bicicleta e lá fui, na maior das inconseqüências. Mamãe procurou por mim, Terezinha me “dedou” e eu tomei uma surra daquelas (pelada, pois primeiro a mãe me deu o banho e depois bateu, antes de pôr a roupa!).

No tempo da proibição, lembro-me também do papai, ameaçando lhe bater e eu pedindo a ele que não o fizesse e ele me dando uma solada de sapato na coxa, de ficar alta e vermelha a marca da botina...

Depois, parece que a resistência cedeu e ele passou a ir em casa. Dessa época, lembro-me de dois episódios: o primeiro foi a Maristela de Seu Alípio derramando no seu terno branco uma jarra de água e ele tendo que ficar quase literalmente debaixo da mesa, porque não deve ter ficado muito decente; o segundo, mamãe lhe oferecendo um doce de laranja da terra e dizendo: – “O doce não ficou muito macio”. E ele, tentando parti-lo: – “Ficou duro, deveras...” o que não foi nada gentil, mas foi sincero. A mamãe não gostou, chamou-o de mal-educado.

E a história do gongo? Ele tinha ido cantar em um programa de calouros e tomou gongo. E o Edil, que era o capeta, colocou uma enxada velha perto da torneira e, ao vê-lo aproximar-se na sua bicicleta, batia com o ferro na enxada, reproduzindo o gongo...

Com o passar dos anos, o Getúlio passou, mas veio o Duda. Baixinho, bem moreninho, era uma figurinha! Mas, o amor é cego e acho que vocês gostaram muito um do outro.

Até hoje não entendo porque a mamãe lhe impingia a minha companhia... De onde tirava ela que uma menina de 7, 8 anos seria companhia para uma moça de 17, 18 anos? Será que ela achava que eu impediria alguma atitude da sua parte que não estivesse de acordo com o figurino? Pense, eu, defensora da sua virgindade... Logo com você que continua virgem e pura de pensamentos e obras até hoje...

Enfim, é lógico que você não apreciava o “rabo” que lhe coagiam a aceitar, mas eu também não apreciava muito. A não ser quando você ia escondida às horas dançantes do Ferroviário, porque aí eu me divertia. Os rapazes achavam divertido dançar com a garota de 9 anos que não saía do ritmo.

Até hoje fico pensando nisso e filosofando “pela rama”: será que continuei “dançando no ritmo” pela vida afora? Sim, quanto ao meu ritmo, não quanto ao ritmo que os outros me impuseram.

Mas, isto são “outros quinhentos”. Os daquele tempo era que eu fazia o Duda me carregar no colo, na volta para casa, sobretudo quando estava com aquele sapato lindo de camurça bege e crocodilo que você comprou e que parecia ser um número menor que o meu e doíam-me os pés de fazer horror. Era o preço do meu silêncio, pois tudo era feito escondido e eu era a comparsa fiel, desde que minhas condições fossem respeitadas.

Mas, o Duda bebia muito, coitado. No fim, consta que morreu de beber: uma cirrose violenta o levou. A memória me leva a um dia em que ele foi procurá-la em casa, quase caindo em cima da roseira Rui Barbosa de tão

tonto. Disse, depois, que teria ido pedi-la em casamento. Lembro-me perfeitamente do diálogo estabelecido entre ele e meu pai:

- A Nelly está aí?
- Não, ela não está morando mais aqui.
- Eu sei que ela está em Belo Horizonte.
- Então, por que procurá-la aqui?

Ele deu as costas por resposta e lá se foi no seu passo cambaleante, rumo ao portão. Lembro-me ainda do papai gritando: “Ô Maria, venha cá. Veja o ‘caco’ de namorado que sua filha arranja. Olha o estado dele!”

Não sei o que mamãe respondeu, mas só sei que não deve ter engolido o “sua filha”, que não era mulher de deixar sem resposta coisas assim.



A liderança da mamãe era algo muito marcante. Ela falava tanto e tanto nos ouvidos do meu pai! Ele se calava e só uma vez o vi responder-lhe:

- É, Maria-homem, você quer as minhas calças?

Ficou ele assim uma figura meio apagada na minha vida, não sei se também na de vocês. Quando ela não queria tomar a responsabilidade sozinha a respeito de um pedido nosso, ou não queria responder afirmativamente, dizia: “Peça a seu pai!”. Lembro-me de que ele ficava tão feliz de ser consultado, que costumava aquiescer, para alegria nossa.

Lembro-me, também, do dia em que pedi a ele para catar umas penas no galinheiro para fazer uma peteca. Ele o fez, mas as penas que me entregou eram pequenas e eu, mal-humorada, lhe disse: - “Essas, o senhor pode engolir”.

Que crime, meu Deus! Ao invés de corrigir-me, o que seria mais lógico e eu realmente merecia, “alfinetou” a mamãe dizendo: – “Ela está numa boa escola”.

Por causa disso, a mamãe me deixou de óculos escuros no traseiro, de tanto bater-me de tamanco. Pôs-me de castigo durante todo o dia, até que pedisse desculpas a meu pai. Resisti durante todo o dia e, só à noite, cabeceando de sono, disse-lhe que chamasse papai para me desculpar com ele. Ele chegou e ouviu um pedido de desculpas que saiu entre os dentes e secamente: – “Desculpe!” e só.

Ô gênio ruim, ô casca de ferida, coisa horrorosa! Mal sabia que a vida me abaixaria “essa crista” logo, logo!

Um dia, estava eu cantando e pondo água na bacia para tomar banho e ele me mandou calar, porque estava atrapalhando a sua conversa com mamãe. Retruquei: – “Nessa casa não se pode nem cantar!”

Acho que continuei, porque ele investiu em mim, eu refugiei no quarto e fechei a porta e ele gritava: “Abra essa porta, Célia!” (chamando-me pelo nome da minha tia, ele comparava nossos procedimentos). Quando abri, ele bateu com minha cabeça na parede até eu ficar quieta, porque a ruindade era tanta que, enquanto ele me batia, eu dizia: – “Coisa engraçada, estou apanhando só porque estava cantando!”

Nesse dia, resolvi sair de casa. Fiz uma trouxinha e fui para casa do tio José, onde passei o dia. À noite, o tio reconduziu a ovelha negra ao aprisco.

Lembranças boas também me ocorrem, por exemplo, ele chegando ao portão e dizendo: – “Ce qué, nego?” Já sabíamos, ele havia trazido um doce de mamão feito com rapadura que adorávamos. Então, saíamos correndo a seu encontro.

Ou, mais longe ainda, quando ainda não sabia falar direito e ele saía à noite para ir à sede do Fluminense e eu pedia: – “Taz bolo de mistula pá mim, pai!”. E ele trazia e me sentia contente.

Mais tarde, quando saí para trabalhar em Belo Horizonte, soube que ele falou aos vizinhos que sentia muito a minha falta, que toda a hora ouvia o portão abrir e eu chegar, para tornar a sair, na vida agitada que me impus desde antes de me formar. E isto, que “Seu” Zé Raimundo de D. Preta me contou, ficou sendo uma das recordações mais caras que passei a ter, porque, quando vim de volta, foi atendendo ao chamado urgente de minha mãe e, praticamente, já não o encontrei com vida.



Do relacionamento dele com você, Edil, lembro-me com muita nitidez da última e decisiva briga de vocês: ele lhe bateu e você, de tanto apanhar, chamou-o “desgraçado”. Dessa briga, resultou a sua ida para Belo Horizonte para passar os seus dias terríveis junto à “poderosa” família de Antônio Martins e, depois, morar sozinho na época em que o filho mais precisa dos pais: em plena adolescência.

Que bom, meu irmão, que você, apesar de todos os pesares, do ambiente em que vivia e dos prognósticos dos nossos tios, deu essa pessoa maravilhosa, humana, íntegra a quem tanto admiro!

Nelly, inegavelmente, era a preferida de nossos pais. Menina quieta, medrosa, nem precisou apanhar muito. Diante da ameaça de uma palmada, fazia xixi na calcinha e pedia desculpas.

Não fora pelos namoros desastrados, seria a filha perfeita, ainda mais quando comparada a essa figura contestadora e questionadora que eu era.

Eu e o Edil, sim, fomos os bodes expiatórios, porque, depois, o relacionamento deles com os dois últimos já foi outro. O Sílvio e o Antunes se queixam meio de barriga cheia, pois apesar de a mamãe continuar enérgica, não era a mesma que foi com nós dois e isso é natural.



Edil, você se lembra do dia em que a mamãe lhe mandou buscar carvão (econômica como era, cozinhou com seragem e com carvão, para não gastar com lenha) e lhe disse:

– “Vai trazer carvão com fogo, ouviu?”

E você, não percebendo a sutileza da advertência, cumpriu à risca, trazendo as brasas que foram comendo a carrocinha? É, o que dá pra rir, dá pra chorar, não é?

Lembro-me do tanto que mamãe gritava o seu nome, a ponto do papagaio da “Mãe Ia” imitá-la e trazer você de onde estivesse, meio apavorado, para constatar que tinha atendido ao grito do papagaio e não da mãe; das suas brigas com o Chicão de mãe Laida e da intervenção da mamãe, pondo os dois de castigo; dos piolhos desses nossos irmãos de criação tão queridos que a mamãe debelava; das pneumonias que ela tratava com angu quente e ventosa (eles eram tão achacados destes males de pulmão!); do pão com manteiga que Mãe Ia fritava na chapa, naquele desperdício de manteiga que nós só ingeríamos quando estávamos gripados e que, portanto, tinha um gosto especial para nós...

Tinha eu seis anos quando você nasceu, Sílvio, irmão tão querido que a vida arrancou da minha caçulice! Apesar disso você foi tão bem recebido por mim!

Assim que você cresceu o suficiente e eu também, você era uma das minhas obrigações. Menino tão bonito, de

rosto tão delicado, parecia uma menina. Ainda mais que a mamãe resolveu deixar-lhe os cabelos grandes, tão bonitos, tão ondeados. Por isso, brincávamos com você como se fora a “nossa boneca viva”.

Eu e a Íris (parece-me) lhe dávamos o nome de Arlete e o vestíamos como mulher. Que perigo você correu, hein?

O dia em que a tia Leonor (ela morava, então, em Sete Lagoas) vestiu-o com um dos vestidinhos azuis que ela fazia para vender, nem a própria mãe o reconheceu de longe. Disse ela que se perguntava: – “Quem será aquela menininha que vem no colo da Ísis?”

Quando D. Luísa me perguntou um dia se você era meu irmão, pois muitos anos nos separavam, eu respondi inocentemente: – “É, a mamãe tem filhos de 6 em 6 meses”. Sem saber, transformei a mamãe em coelhinho da Índia...

Três anos depois, chegou você, Antunes, e a mamãe pôs as mãos na cabeça, achando que o tempo era pouco demais entre você e o Sílvio.

E eu depois iria ter filhos cuja diferença era de um ano e seis dias...

Ela (minha mãe) gostava de dizer que você nascera no dia sete de setembro, em Sete Lagoas, às sete horas e tinha sete camisinhas de pagão. Sete, portanto, deve ser o seu número da sorte.

Aí sim! Como carregar os dois ao mesmo tempo? Antunes no colo, escanchado nos meus quadris e Sílvio segurando a minha saia; o peso era tanto para a menina franzina que eu era que fiquei com um “ovo” de lado.

Papai veio em meu auxílio e fez uma carrocinha de caixote, onde eu punha os dois e empurrava pela rua afora para distraí-los.

Essa parceria de maternidade entre mim e minha mãe ia se perpetuar, pois até hoje acompanho os seus passos e sofro com cada “lance” desfavorável que vocês vivem. Amo-os com amor maternal.

Por isso, sofro com o afastamento do Sílvio, que, durante muito tempo, foi também parceiro das minhas dificuldades e amenizou um pouco a minha luta. E procuro aproximar-me ao máximo do Antunes, o meu caçula da maternidade co-participada.



Falemos, pois desses meus dois irmãos-filhos, ao mesmo tempo.

Do Sílvio, lembro-me de quando ingeriu o conteúdo de um vidrinho de Creosoto. O Edil, padecendo de uma dor de dentes infernal (nem sempre podíamos nos dar o luxo de um dentista), usou, durante a noite, o tal remédio e deixou-o sobre uma cadeira, ao lado da cama (meu Deus, como “vejo” a cena, ainda hoje!). Mamãe, entrando no quarto, censura no pensamento, aquele procedimento e coloca o remédio entre o colchão e a tábua da cama, de modo que ficasse difícil para qualquer pessoa perceber a sua existência. Mas não para o Sílvio que, entrando no quarto minutos depois, o encontra e o sorve inteiro. Chorando, vai ao encontro de mamãe que, pelo cheiro, percebe o desastre.

Corre para a farmácia do meu tio Antônio e dá-lhe lavagens no estômago com leite de magnésia, que era vomitado com um cheiro forte do creosoto. Enfim, salvou-se o Sílvio, mas ficou a “encheção”. Tudo que ele fazia, alguém retrucava: “Ele fez assim, porque tomou creosoto quando era pequeno”, o que o punha com muita raiva.

E você, Antunes, tão lourinho, o cabelo quase branco, o “ai, Jesus!” da nossa mãe, que enchia a boca na hora que

falava: “O Antunes, quando estava para nascer, havia duas opções: se fosse mulher, chamar-se-ia Vânia (por que não Vânia? Não sei); se homem, Antunes”. Ai, meu Deus! Que torcida para ser mulher! Dizia a Nelly que Antunes era nome de português velho...

Mas... Nasceu homem. Resolvemos chamá-lo de Tuninho, para amenizar a sobriedade do nome... Um dia, Dona Lídia, então nossa lavadeira, resolveu chamá-lo assim e a resposta veio firme, decidida, adulta: – “Meu nome é Antunes!”. Pronto, lá se foi o apelido.

E a sua mania de coisas grandes? Tudo o que se lhe ia dar, você retrucava: – “Eu quero é tantão...”. (Uma reflexão: será que modificou alguma coisa no Antunes adulto? Creio que não...)

Lembro-me do dia em que você pediu água, mamãe lhe deu meio copo e você exigiu: – “Eu quero é tantão...”.

Mamãe encheu um caneco de litro de água e lhe deu, com raiva. Daí a pouco, você aparece com uma barriga enorme, mal podendo andar. Mamãe, assustada:

– Você bebeu toda aquela água?

– Joguei um pouquinho para as galinhas – responde você, mal podendo falar.

Essa mania só foi curada quando vimos na vitrina da Sapataria Fidalga uma bota enorme de propaganda. A partir daí, então, passamos a ameaçá-lo, toda vez que você pedia “tantão”: iríamos comprar para você aquela bota enorme... O remédio, pelo menos naquela época, fez efeito.

Depois, surgiu aquela outra mania: você não podia ver ninguém conversando que entrava no meio, dizendo: – “Deixa eu falar, deixa eu falar; todo mundo já falou muito, agora eu que vou falar”.

Passou essa fase? Acho que não passou até hoje. E dizer que você demorou a começar a falar... E, por isso, tenta tirar o atraso ainda agora.

Mamãe comprava caco de vidros para a fábrica de vidros do tio Antônio e, com isso, defendia um dinheirinho para aumentar o orçamento doméstico.

Você que era tão “quietinho” (para capeta só faltavam rabo e chifre), entende de subir no muro (fugindo de bois bravos?) e, de lá, esborrachar em cima do monte de vidro, cortando horrivelmente a mão, do polegar ao pulso. Lá dentro do corte, via-se a banha branca. O susto, meu Deus! A nossa pobre mãe quase morreu do coração! Correu para a farmácia para dar pontos. Mas, o resultado ainda está aí: a sua dificuldade de usar o polegar.

Quantas vezes, hein, Antunes, mamãe o trouxe pelas orelhas do campinho de futebol?

E quando você e Sílvio já eram rapazes e que a ordem inexorável era chegar às 10 horas em casa? O Sílvio, sempre obediente, cumpria o regulamento. E você? E a “pregação” da mamãe no dia seguinte? Seus argumentos eram no sentido de que o que você fazia até a uma hora ou duas o Sílvio fazia até as 10. Mais tarde, fiquei sabendo que o Sílvio entrava as 10 pela porta e saía outra vez às 10:30 pela janela, usando o mesmo expediente para o regresso...

Sacana! Fingido, hein?

Voltemos lá atrás, nas brigas homéricas da Nelly e Edil. Começavam no bate-boca, atingia o ápice quando o Edil gritava: – “Surubim pintado”, insultando-a, e você Nelly, retrucava: – “Fevereiro ateu!”.

Como não havia essa pausa da vírgula, eu ficava intrigada: haveria um mês de fevereiro que seria ateu?

E o que significaria ateu? Devia ser algo de muito sério, porque, depois disso, vinha a agressão física.

Muito tempo depois, fiquei sabendo a razão do “fevereiro”, uma vez que o “ateu” já sabia há muito: tratava-se de um passarinho muito mole que, quando tinha que virar o pescoço, virava o corpo todo, bem lentamente.

O autor do apelido? Não sei. Só sei que deve ter-se originado do fato de você, Edil, ser muito gordo e mole quando criança. Mas, não tinha nada a ver, no tempo em que ficava tão injuriado com o cognome.

Ateu, certamente porque ele era muito encapetado e irreverente.

O surubim pintado para você, Nelly, estava mais explícito: as inúmeras pintas que você tinha e que depois se multiplicariam inúmeras vezes.



Talvez Sílvio e Antunes não se lembrem das inúmeras vezes que os filhos do tio José vieram morar conosco, em virtude de a mãe deles ter sido internada no “Raul Soares”.

Coitado do tio! Casara com a Isabel, moça tão bonita, que logo, na primeira gravidez, apresentara sintomas de desequilíbrio mental e assim foi até morrer...

Pois bem, do tempo que só o Heli e o Hélio estavam conosco e a Íris estava com o povo do tio Antônio, lembro-me de que não sei qual de vocês, inclusive você, Edil, defecou atrás do tanque. O Heli resolveu fabricar uma “malé” (acho que se trata de máquina para bitola larga), para levar o “troço” enorme e grosso para a privada, só para mexer com o autor anônimo (para mim, o Edil).



Os filhos do tio José são quatro e, até a terceira, os nomes que o tio lhes dava eram semelhantes aos que minha mãe já havia dado: assim, à nossa Nelly, correspondia o Heli; ao Edil, correspondia o Hélio e à Isis, correspondia a Íris; só a última, a Sheila, não foi semelhante ao nosso Sílvio.

Da última vez que a Isabel foi internada, a Íris e a Sheila, esta ainda bem pequena, de berço, ficaram conosco. Só que a Íris era sonâmbula, conversava e agia dormindo. Quantas vezes abria a janela e gritava: “Socorro!” ou tentava tirar a Sheila do berço, alegando que ela estava suja...

Foi boa companheira para mim. Meu pai nos chamava de “o par de jarras”. Namoramos juntas, casamos mais ou menos na mesma época. Ela, coitada, tão infeliz no casamento!

Participaram efetivamente da nossa infância e eram como que irmãos para nós.

Tão separados estamos agora...

Fizeram parte integrante da nossa infância também, pois fomos criados juntos, mais próximos que parentes, a Malvina, a Tereza, o Chicão (que Deus o ilumine, morreu tão cedo) e depois os filhos da muito querida Augusta: o Toninho (Sivirola), o Emílio (Xavante de 3...), a Sandra, o João, esses filhos do Sr. José Lopes também, nascidos quando eu já estava bem mocinha, estudante de colégio.

Com muito carinho, lembro aqui a Tereza, companheira das brincadeiras de casinha (a dela, sempre linda, ficava no “paiol” de sua casa; a minha, atrás da casa, no “beco”); juntas, pegávamos carona nas carroças de boi ou de burro que tráfegavam pela Rua Alagoas (que era também chamada estrada de automóvel, por se constituir uma das saídas da cidade), e íamos até a “cascalheira”, para, de lá, voltar a pé; juntas, gritávamos para o “tio Jojó”, o primeiro a ter uma

baratinha conversível: – “Dá uma volta conosco, Jojó?”. Não sei se fomos atendidas alguma vez, mas gritávamos sempre que ele passava defronte a nossa casa. Juntas, também, vestíamos farrapos e brincávamos de pedir esmolas nas casas conhecidas. Que loucura! Que falta de gosto! Mas... Que saudades!...

Esse povo precisava saber o lugar que ocupa no meu coração. São meus legítimos parentes, sim.

Mas você, Edil, teve uma briga feia com Chicão, o que valeu uma inimizade para o resto da vida. Estou enganada? Você quebrou um pedaço de pau dentro do braço do Chicão e Mãe Ia ficou muito brava com você. Você brigou também com o filho do “Seu” Astrogildo, o Tito, apelidado “Rabo Grosso”, não sei por quê.

Inegavelmente, você não era fácil, hein? Comigo você “aprontou” foi já na minha formatura de 8ª série. Recusou ser o meu padrinho, porque não poderia vir na data, mas o motivo era outro...

A história foi a seguinte: estávamos preparando a inauguração do prédio novo da Escola de Comércio e eu, presidente do Grêmio “Castro Alves”, liderava a campanha financeira para mobiliar a escola. O Governador Milton Campos viria para o evento e, evidentemente, compus a comissão de recepção. Na comitiva, estava um rapaz muito bonito, tipo “Tyrone Power” (assim o comparamos na época) e eu e várias das minhas colegas, achando que ele era integrante do “staff”, começamos a “flertar” com ele. Na hora do banquete, constatamos que era um garçom.

Mas, brincadeira é brincadeira e continuamos a olhar para ele, agora já disputando quem, entre nós, ele iria escolher. E eu ganhei a disputa, infelizmente para mim. O rapaz veio conversar comigo. Coitado, como falava errado! Eu e a Iris, debochadas como éramos, rimos muito

quando, por exemplo, ele disse que em São Paulo havia ótimos cinemas, com “plotonas” muito confortáveis. E tudo não passou dessa “gozação”!

Para minha infelicidade, esse rapaz o conhecia, Edil, parece-me e contou que “fez e aconteceu” com uma loura chamada Isis, etc... etc... Você não quis nem me escutar! Recusou o meu convite para ser meu padrinho na minha formatura (convidei o Chicão na última hora), chegou em casa e encheu a cabeça da mamãe. Quando cheguei feliz do baile de formatura, encontrei debaixo do meu travesseiro palavras aspérrimas da mamãe que me condenavam a um castigo que duraria até que eu “lhe merecesse de novo a confiança”.

Pior ainda: você veio à formatura e ofereceu à sua então noiva Maristela um presente na minha vista. Era uma sombrinha.

Durante muito tempo, guardei uma mágoa terrível de você.

Mal sabia que, depois, teríamos tantas afinidades!



Você, Nelly, tirava muito a minha espontaneidade com um só olhar. Você se lembra como eu chamava esse olhar? – “Não adianta me olhar com esse olho de Aristides!”.

E Aristides era um homem quase preto de olhos verdes, alcoólico, que, toda vez que me encontrava e olhava para mim, eu gritava de dor de cabeça que remédio nenhum debelava...

Lembra-se daquele dia em que “fomos” (você foi; eu era seu rabo) convidadas para comer uma leitoa na casa de Juvenal Cristino? Lá chegando, encontramos a carcaça da leitoa. A mulher dele (como se chamava?) mandou buscar, então, uma lata de marmelada Colombo e partiu duas

fatias finíssimas para cada um, pôs no prato e eu, na minha ingenuidade, espetei os dois pedaços no garfo e pus na boca de uma vez. Você ficou horrorizada, olhou-me com o melhor olhar de censura que encontrou e, chegando a casa, contou à mamãe a minha “gaffe”. Claro que me defendi e expliquei a situação. Mãe me compreendeu e disse: – “Ora, para quem foi convidada para comer leitoa e não chegou a ficar de boca cheia ao colocar as ‘hóstias’ de marmelada na boca, está tudo certo”.

Livre-me, assim, da surra que seu “dedo duro” queria que eu levasse.



Se recuarmos mais no tempo, Nelly, vamos nos encontrar na casa de “Seu” Zezinho Silva, eu nos meus três anos e você nos seus treze, eu infestada de oxiúros, “morrendo” de coceira no ânus e pedindo a você que coçasse. Você tirou minha calcinha e, com ela, coçava pelo lado de fora, até que, para hilaridade geral, eu implorei: – “Enfia o dedo, Nelly!”

Sua cara deve ter ficado mais vermelha que um pimentão maduro, enquanto as pessoas da sala quase sofriam um ataque de tanto rir!

Foi com você também que aconteceram dois fatos dos quais eu não me esqueço: o primeiro foi no dia em que, não sei por que cargas d’água, a mamãe resolveu fazer um chocolate depois do almoço (que acontecimento! O leite era sempre para o papai que vivia fazendo regime!). Você, que adorava leite, sorveu a sua parte rapidamente; eu, que nunca apreciei essas coisas, brincava com a minha. Vendo que ainda havia muito no meu copo, você me pediu um golinho. E eu, solícita, disse que podia tomar o resto. Quando você já terminava, perguntei, ingenuamente: – “Chocolate com feijão é bom, né Nelly?”

Olhando para o fundo do copo, você constata a existência de uns três grãos de feijão. Eu havia colocado caldo de feijão no chocolate. Aí, já viu, você quase me bateu e saiu provocando vômitos.

Outro fato também relacionado com leite aconteceu quando, depois de fervê-lo, apareceu uma nata grossa, espessa mesmo e você e Edil, parece-me ficaram disputando quem a passaria no pão, à guisa de manteiga, que era uma coisa muito rara em nossa casa. Até que enfim, você venceu e coube, então, a você espalhá-la no pão e comê-la com gosto. Só um pouco mais tarde viemos a saber que aquilo não era nata: eram impurezas (pus, por exemplo) do leite, porque a vaca não havia sido esgotada. O homem (Sr. Levindo Damásio, que Deus o tenha!) vendera leite impuro para sua clientela, ocasionando doença e até morte do filhinho pequeno da Mariinha de Pio. Trágico resultado da inconseqüência humana, em busca do vil metal! Quanto a você, passou o dia vomitando e, durante bastante tempo, não quis saber de leite, quanto mais de sua nata!



E você, Edil, que me ameaçou de morte quando nasci? Você queria muito um homenzinho para ser seu companheiro e dizia que, se fosse mulher, você abriria a cabeça dela com a machadinha. Pois bem, eu nasci e dizem todos que muito engraçadinha. Assim que me arrumaram, minha tia o chamou e disse: – “Pode buscar a machadinha, Edil, pois nasceu uma mulherzinha!”. Você veio, olhou para mim demoradamente e disse: –”Não tenho coragem, ela é muito bonitinha!”. Assim, contam que salvei a minha vida por ser um bebê bonito, o que parece meio inacreditável hoje.



As lembranças vão e voltam; de um tempo mais longínquo (do meu nascimento, e põe longínquo nisso!) até a minha adolescência. Aí entram vocês, Sílvio e Antunes, meninos ainda, juntos para me darem uma surra, em legítima defesa da honra da “ilustre” família Silva Ferreira! Eu e Tereza ainda não havíamos perdido a mania de pedir “carona”. Passou um moço bonito de Jeep, e lá fomos nós dar uma volta com ele. Fomos as duas? Fui só eu? Não me lembro. Só sei que, ao chegar, lá estavam vocês dois com uma vara de bambu nas mãos e “dá-lhe” bambuzadas! Atrevidos, não é?

Vejam: até no meu namoro com Wallace, eu já trabalhando para sustentar a casa e vocês me vigiando para me “dedurar” com a mamãe, nos áureos tempos do Nevada Clube!



As dificuldades da família, o ordenado do papai quase todo gasto na farmácia, mamãe fazendo malabarismos para não passarmos fome, depois a morte do papai, a responsabilidade nos meus frágeis 18 anos, tudo isso tão longe agora... Dois irmãos menores dos quais escuto queixas até hoje no sentido de que eu teria sido excessivamente enérgica e u'a mãe enérgica eles já tinham, não precisavam de outra... Vontade de acertar, excesso de zelo, sei lá! Só sei que brigava com vocês, mesmo depois de vocês grandes, como foi o caso de meu atrito com Vicente Gulhemelli na época em que você, Sílvio, ia entrar para a Escola Profissional e eu já esperava a minha Heloísa Aline; ou com Prof. Camargos porque ele queria obrigá-lo a frequentar as aulas de religião ou lhe deu castigo porque você não compareceu a u'a missa!

O Edil casado, com a Sônia já nascida, vindo morar conosco, sem se acertar na vida...

A Nelly casada com nosso primo primeiro, filho da tia Leonor, recebendo como herança duas cunhadas e um sogro e levando a sua missão com galhardia, o que, tenho certeza, fez com que ela resgatasse todas as suas dívidas cármicas para com essas criaturas; eu, com meu casamento tão díspar, trabalhando sempre como uma doida para criar sete filhos; o Sílvio que, em virtude do casamento, se afastou tanto de nós, com suas dificuldades enormes com um dos filhos; o Antunes, atravessando seus altos e baixos financeiros, preocupado sempre com o bem-estar da família...

Diante de tudo isso, o questionamento: conquistamos a felicidade?

Sei que trazemos todos marcas indeléveis de uma criação muito rígida, repressora mesmo. Mas sei que também trazemos dentro de nós momentos muito felizes de uma infância vivida intensamente, apesar de todos os pesares...

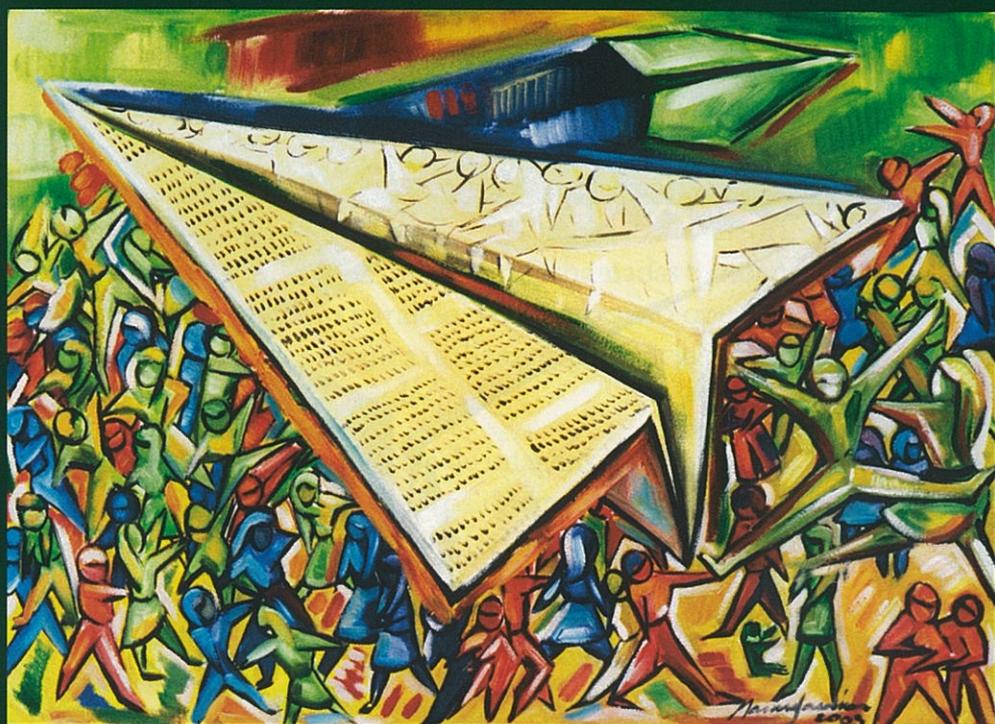
E, considerando que a felicidade são momentos, tenho a convicção de que vivemos, sim, muitos momentos felizes.

Sobretudo, e isso é o que mais importa, temos todos vivido de acordo com a moralidade, com a integridade de caráter, o que representa para nós o mais rico legado dos nossos pais.

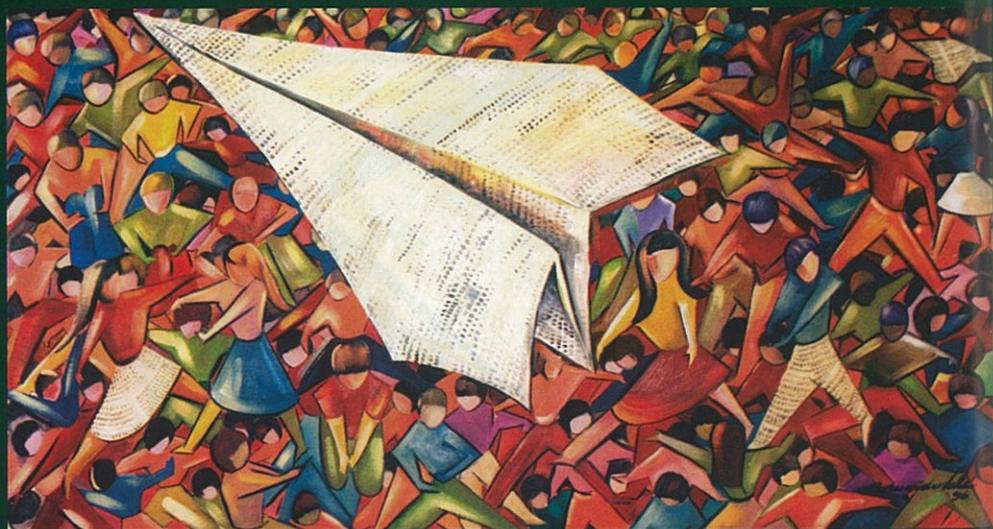
Que Deus nos abençoe na luta de cada dia, nunca nos deixando desviar do caminho do bem e do dever.

CAPÍTULO II

HISTÓRIAS SOBRE OS OUTROS: DISCURSOS



Este capítulo apresenta alguns discursos de Isis proferidos à época em que foi Secretária de Educação Saúde e Assistência de Sete Lagoas. Registra também palestras da professora educadora e falas da integrante do Clube de Letras de Sete Lagoas.



1. A mulher no mundo moderno

Julgamos procedentes, antes de iniciar o trabalho que nos propusemos a fazer, duas retomadas que pensamos importantes.

A primeira delas diz respeito a uma posição que assumimos pessoalmente: não somos “feministas” no sentido político do termo; para nós, o famoso Women’s lib americano é muito conveniente ao sistema político, uma vez que a mulher, em choque com o homem, não consegue sequer segurar o seu próprio lugar.

A segunda retomada diz respeito às modernas concepções psicológicas, principalmente em Jean Piaget, que defende o princípio de que a “inteligência não é inata”. Isso porque os cromossomos e genes não poderiam transmitir funções imagéticas e semióticas, tanto que, até 18 meses, não se consegue encontrar representação mental na criança, apesar das afirmativas dos psicanalistas sobre “lembranças uterinas” e dos “arquétipos de Jung”.

A partir de uma infraestrutura hereditária de caráter neurônico, ligada ao sistema nervoso, denominada biogênese, inicia-se a psicogênese, ou seja, a interiorização imagética das ações inteligentes, chamadas também de lógica interior. Em paralelo a esse processo operatório, que dura anos, a criança utiliza a inteligência prática para sobreviver, (antropóides).

Entre os 6 e os 8 anos, a massa de imagens interiorizadas pela criança inicia os processos operatórios, ou seja, as ações inteligentes – a lógica interior. Mas nesse ponto, Piaget verificou que a psicogênese, a interiorização imagética, se transforma em sociogênese. Tanto o desenvolvimento do sistema nervoso (biogênese) que ainda está em pleno crescimento, como a psicogênese (operações lógicas com os símbolos interiores construídos pela criança

entre dois e sete anos) vão depender – para prosseguir o equilíbrio final até as operações concretas e hipotético-dedutivas – das relações sociais, das trocas de pontos de vista, das situações – problema provindo do relacionamento, da vida em grupo (dinâmica de grupo), da discussão e do desafio das situações vivenciais.

Ora, a criança justamente aos 6, 7, 8 anos de idade começa a ser treinada para o casamento por meio das brincadeiras a elas destinadas como brincar de casinha, de boneca, etc. (não se concebe uma menina jogar futebol ou conversar nas esquinas até de madrugada). Este enclausuramento pode produzir uma parada no desenvolvimento psicológico, estacionando a menina no pensamento intuitivo (pré-operatório) ou uma regressão pelo casamento e pela domesticidade. As publicações de artigos voltados para a mulher, na revista *Manchete*, conforme dados de 1970, reforçam a tese citada acima:

Como prender o marido por toda a vida.

A melhor maneira de aproveitar os vestidos do ano passado;

Você se considera bonita?

10 maneiras de conquistar um homem.

Enquanto isso, os norteamericanos estavam remetendo outra *Apolo à Lua*, os soviéticos enviavam uma sonda à Marte, dois cientistas italianos pesquisavam a possibilidade de criar bebês em provetas, o videocassete modificava o papel da televisão nas sociedades de consumo. E os temas propostos à mulher continuavam os mesmos.

A derrota da mulher começou no dia em que foi à caverna, enquanto o homem saía e estabelecia novas relações com o mundo e com os outros homens.

O estado doméstico das mulheres é um fenômeno oriundo dos problemas do mercado de trabalho, que não tem lugar para todos os homens. Um grande número deles vegeta em subempregos. Outros se encontram desempregados. Dentro desse quadro, o sistema prefere as mulheres fora da competição econômica. Elas devem continuar em ocupações não produtivas e, se aparecer um fenômeno social que lhes torne o trabalho necessário, haverá uma convocação rápida. Foi o que aconteceu na Inglaterra e nos Estados Unidos, por ocasião da Segunda Guerra Mundial. Da noite para o dia, solicitadas para colaborar no esforço total da guerra, as mulheres tiveram de deixar de ser rainhas do lar.

Jornais, revistas, rádios lhes forneceram a imagem corajosa e estimulante de enfermeiras, aviadoras, médicas, padioleiras, guerrilheiras. Elas provaram largamente a própria competência, mas não por muito tempo. Voltando a paz, os meios de comunicação de massa reconstituíram a ideologia da mulher de prendas domésticas, que predomina até hoje em nosso mundo ocidental.

No colégio, mesmo quando a jovem estudante é bem dotada intelectualmente, ninguém dá a esses dotes a devida importância. Ainda que a moça entre na Faculdade, é comum ver que seus parentes pensam muito mais nos bem encaminhados rapazes que ela conhecerá no cenário das aulas, do que em seu sucesso durante o currículo.

Um grande número de universitárias interrompe o curso para se casar ou uma vez formadas, penduram o diploma na parede e nunca vão exercer outra profissão a não ser “esposa de meu marido e mãe de meus filhos”.

No entanto, é difícil negar o quanto é duro o emprego de esposa. É um emprego sem férias, sem licença-prêmio, nem aposentadoria. O pagamento do trabalho é muito direto e não se faz de maneira concreta usada nas repartições e

escritórios. O marido põe, diretamente, o dinheiro na mão de sua devotada servidora e não é raro que lhe diga:

– Você já comprou meia dúzia de calcinhas no mês passado. Cuidado!

Alguns maridos chegam a admitir – com sorrisos protetores – que a mulher, transformada humilhanamente em ladra, lhe surrupia dinheiro dos bolsos. Outros se comportam como autênticos gerentes exigentes. São capazes de, ao entrarem em casa, ver sob o móvel o mais recôndito grão de pó e notar, na colcha da cama, a mais insignificante dobra. Então dizem:

–”Você não tem mesmo nada o que fazer? Olhe só a casa imunda com que me recebe depois de trabalhar 8 horas para sustentar a família”.

A mulher se levanta e vai arrumar o apartamento, tomada de um sério sentimento de culpa. Ela sabe que deve prestar vários serviços ao marido, além dos serviços sexuais. Nestes, sua atuação deve ser condizente com a estabilidade do contrato, feito para durar até a morte. A mulher casada não se deve dar ao luxo de apresentar frigidez, desajustamento ou cansaço físico. E mesmo quando está doente ou sofrendo, veem sua enfermidade ou sofrimento em função do senhor que lhe contratou os serviços.

Uma boa profissional não cai doente e só nisso a mulher casada se iguala às empregadas assalariadas. Os que compram a força de trabalho não admitem doenças e, por isso, tantas empresas recusam as mulheres, alegando suas deficiências femininas (ciclos menstruais, partos, aleitamento, etc.).

E o que acontece quando a mulher vence toda a discriminação que lhe é imposta e consegue trabalho? Torna-se duas vezes explorada, uma vez que, em casa, lhe cabem

todas as tarefas domésticas e jamais consegue uma remuneração que se iguale à masculina, apesar de executar tarefa igual. Daí a nossa bandeira de luta bem atual: salário igual para trabalho igual.

Sobre a mulher e a maternidade podemos dizer que, aos nove meses, a criança se desprende do útero da mãe e nasce. Toda gente sabe disso – o médico parteiro, a enfermeira que cortou o cordão umbilical, os parentes ansiosos por saber se a criança era menino ou menina, toda a gente sabe que a criança nasceu, menos a mãe. Para ela, a criança continua sendo parte de seu ser, continua a se integrar à sua carne, aos seus tecidos.

Durante anos, a mulher preparou-se para esse momento: a maternidade. Para isso, brincava de bonecas, fazia-lhes a comidinha. Chegou enfim, o que a justificará e a explicará diante do mundo. Ela fará tudo o que ela não realizou. Chegaram o seu álibi e o seu messias. A mulher se cola ansiosamente à criança, pelo maior espaço de tempo possível. Agora tem, mais do que nunca, desculpas por não ter projetos próprios.

Em cima disso, porque não tem outros objetivos, vêm as cobranças. Se for do tipo eterno feminino, impede o amadurecimento do filho de todas as maneiras. Ela opõe a relação Mãe-Filho X Filho-Mundo. Exerce autoridade exacerbada em cima dele por ser a única pessoa mais fraca que ela.

Acerca da mulher e da política citamos Simone de Beauvoir que dizia “A mulher, ainda quando prostituta, é conservadora”. E lembramos que, Zazá, de Honoré de Balzac, era contra a República. Se participasse efetivamente da produção, a mulher abandonaria a sua atitude conservadora. Mas, prosseguindo em sua situação atual de reserva de mão de obra, não participa das lutas do trabalho e, em consequência, dos avanços sociais.

No Brasil, as mulheres que trabalham são minoria. Em numerosas classes profissionais, logo que um contingente maior de mulheres é contratado, gera baixa nos salários. Elas atuam, assim, na classe operária, como água no vinho: ao entrarem nela, não só reduzem a remuneração, como enfraquecem o nível das reivindicações. Raramente se sindicalizam. Dessa maneira se tornam as mais inermes das trabalhadoras. E elas, primeiro que todos, aceitam a argumentação patronal: “Para uma mulher, este salário serve”.

Afastada da consciência de classe, é comum que a mulher proletária tenha a ideologia da pequena burguesa que aspire ao parasitismo. Ela defende, mesmo sem querer, os valores que lhe são inimigos. É corriqueiro ver a mulher pobre desestimular o seu marido e seu filho de qualquer ação que pudesse melhorar a situação social. Passiva, ela deseja a imutabilidade do mundo, que se transforma cada vez mais depressa. São as cidadãs que se mobilizam primeiro, para defender tudo o que a História já condenou. Elas são as presas mais fáceis de todas as propagandas retrógradas e de todas as bandeiras passadistas.

Embora continue a ser uma criatura sem projetos próprios, – vivendo ainda através de outrem – a mulher já pode ver o mundo que lhe negaram. Enquanto ela passa o aspirador de pó, a TV lhe mostra, via satélite, cientistas que substituem um fígado por outro, o pintor que apresenta sua tela premiada, o estadista que expõe a sua plataforma política. Por que não poderia ela ser esse cientista, esse pintor, esse estadista? Por que deve continuar passando aspirador, enquanto eles modificam o mundo?

A insatisfação e a depressão da mulher podem ser causadas pelos filhos, que são tomados pelos amigos, pela rua, pelo aprendizado, pela vida. E também pelo marido, que pode não querer viver o tempo todo a seu lado. Frequentemente,

os dois nada têm em comum, salvo a rotina de sua vida sexual, isto quando o homem não se utiliza, francamente, dos direitos que lhe concede a “dupla moral”.

Qualquer mulher sabe que a destinam a ser, literalmente, um objeto sexual. É em função do sexo do homem que ela cresce, vive e morre. Quando se reivindica a libertação do próprio corpo, correm os puritanos a acusá-la de desagregadora da moral.

Mas a libertação do corpo feminino também quer dizer: o direito de resguardar o corpo, de não exibí-lo, de não discriminá-lo por conceitos de beleza e feiura, de não conduzi-lo à passarela ou capas de revistas, de não transformá-lo em objeto de consumo.

U Thut, pouco antes de deixar a ONU, afirmava que “um terço da humanidade morre de fome, no entanto, se todas as mulheres trabalhassem, o nível de vida, em todo o mundo, subiria em cerca de 35%”. E não seria o único resultado. A mulher adquiriria, finalmente, a capacidade do conhecimento. Assimilaria a civilização. Compreenderia o funcionamento dos processos sociais. Piaget explica: Só se conhecem os objetos (conceitos), agindo sobre eles e sobre eles produzindo transformações.

Concluimos, portanto, que o caminho da emancipação da mulher passa, inexoravelmente, pela sua libertação econômica. Temos hoje um quadro bem diferente, embora ainda minoritário. Uma bruxuleante consciência política começa a aparecer. As sábias palavras de Lênin em Cartas de Longe resumem a atitude que cada um deveria tomar em relação à mulher: “Não se pode assegurar a verdadeira liberdade, não se pode edificar a democracia – se não chamamos as mulheres ao serviço, na milícia, na vida política, se não as tiramos da atmosfera brutal do lar e da cozinha”.

2. O Pos-modernismo

44

Há qualquer coisa no ar. Um fantasma circula entre nós nesses anos 1980: o Pos-modernismo. Uma vontade de participar e uma desconfiança total. Nietzsche e Boy George comandam o desencontro total sob o guarda-chuva nuclear. Nessa geléia total, uns veem um piquenique no jardim das delícias; outros, o último tango à beira do caos.

Que é Pos-modernismo? O Pos-modernismo nasce simbolicamente no dia 6 de agosto de 1945, com a bomba de Hiroxima. Historicamente foi gerado em 1955 e veio à luz pelos anos 1960. É o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando se encerra o modernismo (1900-1950). Ele surgiu com a arquitetura e a computação nos anos 1950. Toma corpo com a arte pop nos anos 1960. Cresce ao entrar pela filosofia nos anos 1970. E amadurece hoje, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecnociência, sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento:

Saturação com informações, diversões e serviços no cotidiano;

Na economia, passeia pela ávida sociedade de consumo (agora personalizada) que tenta a sedução para uma “moral hedonista”. Os shoppings feéricos são os altares de hoje;

Na arte, quer rir levemente de tudo;

Encarna estilos de vida e de filosofia arquissinistra:

- a) o niilismo, o nada, o vazio, a ausência de valores e de sentido para a vida: “A gente somos inútil” (Ultraje a Rigor). Desconstrução de princípios e

concepções do pensamento ocidental – Razão; Sujeito; Ordem; Estado; Sociedade; Família, etc.;

b) o individualismo, ou melhor, o neo-individualismo: “Eu me amo, eu me adoro, eu não consigo viver sem mim” (Lobão);

c) O Pos-modernismo é um adeus ao real. “Que criança linda!” – “Isto é porque você ainda não viu a fotografia dela em cores!” Preferimos a imagem ao objeto, a cópia ao original, o simulacro (a reprodução técnica) ao real. Não existe mais o real. Existe o espetacularizar a vida, em outras palavras, criar um hiperreal, viver das aparências: TV – pudim / Roberta Close; fôrmica / jacarandá; fantástico / o show da vida; pirâmide / cone.

Não reagimos fora do espetáculo. Até a miséria é televisionada em cores e primeiro nos seduz para depois nos indignar – “[...] Realce, realce, quanto mais purpurina, melhor...”. (Gilberto Gil)

O pós contém um princípio esvaziador denominado (des): desreferencialização do real; desmaterialização da economia; desestetização da arte; desconstrução da Filosofia; despolitização da sociedade; dessubstancialização do sujeito. O Pos-modernismo desenche, desfaz princípios, regras, valores, práticas e realidades. Nada tem identidade definida, a imagem e a inteligência enfraquecem. A vida não é um problema a ser resolvido, mas experiência em série para se fazer.

O pós-modernista é um ecletismo, ou seja, várias tendências e estilos sob o mesmo nome. É decadência fatal ou renascimento hesitante? Agonia ou êxtase? Ambiente? Estilo? Modismo? Charme? O Pos-modernismo flutua no indecisível.

3. Amor, adolescência, juventude e maturidade

Meus queridos amigos,

Com muita honra, porém muito cônica das minhas limitações, recebi há dias, na Secretaria de Educação, o convite feito por uma plêiade de jovens simpáticas para lhes falar hoje sobre o tema Amor, adolescência, juventude e maturidade.

Tarefa difícil, não resta a menor dúvida, mas ao mesmo tempo agradável, uma vez que, para mim, é sempre um privilégio estar em contato com jovens.

Pedindo desculpas pelas lacunas, falhas, omissões que se deverão unicamente à minha mediocridade e colocando na suplência dessas lacunas todo o meu carinho e a minha dedicação, passaremos ao tema proposto.

Começaremos por esboçar um pequeno ensaio sobre a caracterização psicológica geral do adolescente.

Um ingênuo realismo é geralmente típico dessa idade, voltado para o exterior tem por base um forte sentimento corporal da existência. Foi conseguido um grau superior de adaptação às condições infantis da vida.

Existe uma superabundância de forças que se descarregam através dos conhecidos fenômenos da idade da má-criação.

A adolescência determina comoções tão profundas e inéditas que se tem aludido com razão, a um novo nascimento.

Resumiremos as características da sua organização psíquica nos seus pontos essenciais que são três:

I - A descoberta do EU

- II – O estabelecimento paulatino de um plano de vida
- III – Ingresso nas diferentes esferas da vida.

O primeiro constitui a fundamental vivência (metafísica) da individualização: o segundo é o desenvolvimento da tal propriedade na matéria da vida; o terceiro consiste na luta com os diversos aspectos da vida.

No primeiro aspecto, não se deve entender que até então não haja ocorrido vivências do “EU”. Ele é, porém, tão natural na criança que ela não tem jamais consciência delas.

Aquilo a que nos referimos como algo de inédito é o “volver o olhar para dentro” (reflexão), o descobrimento do indivíduo como o mundo em si mesmo, isolado para sempre de tudo mais que existe no universo, coisas e pessoas. É a grande solidão.

Devemos, porém ser mais precisos e dizer o seguinte: ainda não existe esse EU para o qual se volta o olhar.

Pelo menos não é visível. Em seu lugar começa a surgir um último flutuar que obriga o adolescente a ocupar-se de si mesmo.

Dessa ocupação, nascem de pronto, certos fenômenos típicos que se alternam com as cristas e as depressões das ondas.

A um excesso de energia e a um bater de recordes, segue-se indizível lassidão, enorme cansaço. A alegria turbulenta cede o passo a funda melancolia. A insolência desenvolta e a timidez invencível são apenas duas expressões diversas de um mesmo fato: o que é mais importante na alma se realiza em absoluta reserva e segredo. Egoísmo e abnegação, nobreza de ânimo e o instinto criminoso, a sociabilidade e a tendência ao isolamento, a fé na autoridade e o radicalismo revolucionário, o impulso

aventureiro e a reflexão tranquila se revezam na alma do adolescente.

O adolescente que se encontra em meio dessas forças interiores do destino não compreende a si próprio.

Daí, o anseio infinito de ser compreendido, experimentado precisamente nessa fase e as dúvidas metafísicas:

Por que existo? Em que consiste o meu valor? (impulso de independência, susceptibilidade).

É comum nessa época o registro diário, os famosos diários da adolescência.

É comum também a correspondência epistolar de que os adolescentes lançam mão, não para expressarem-se uns aos outros, mas para contemplarem a si mesmos no espelho das cartas que escrevem e recebem.

Daí como se pode concluir obviamente, dizermos que, nessa fase, ainda não há lugar para o amor, na verdadeira acepção do termo, na vida do adolescente.

Quando ele afirma estar amando uma pessoa, está apenas se amando na figura do outro. Está se namorando no outro.

A sua insegurança, o tumulto dos seus sentimentos, a sensibilidade exagerada, o despertar dos sentidos faz que ele seja ainda uma criatura verde para o amor.

Quando há alguma admiração por uma pessoa do sexo oposto é ela, a maior parte das vezes, derivada do seu amor à beleza corporal e de certa forma, preserva-o de sentimentos mais grosseiros, da libertação de seus instintos.

Abordemos agora a juventude. É a fase em que se desenvolve o segundo aspecto da organização psíquica do indivíduo, ou seja, o estabelecimento paulatino de um plano de vida.

Não se trata aqui necessariamente de reduzir esse processo à escolha de uma profissão.

Trata-se da direção que toma a vida interior ao constituir, em face da tendência dos impulsos e das pressões do mundo exterior, um paralelogramo de forças.

Assim se forma o homem no mais íntimo do seu ser, no labirinto inconsciente ou despercebido do seu interior.

O jovem é aquele que contesta.

Contesta a autoridade, contesta estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais.

Ergue-se em sua alma uma defesa protetora contra as exigências culturais.

Ele não confessa que não deseja participar da cultura, mas se salva afirmando: “Não quero me interessar por essa cultura porque ela não tem valor.”

Estabelece-se ao largo do tempo uma distância enorme entre as gerações.

A anterior é sempre a superada, a deteriorada. Segue-se a derrubada de todos os valores dessa geração.

Nessa época, ele só sabe o que não quer, o que está errado, sem, todavia, ter consciência do que realmente deseja.

Existe um tipo de conduta que Alfred Adler caracteriza de maneira justa:

“Hei de agir de sorte que, em última instância, serei o senhor da situação”.

É corajoso, destemido, ousado, capaz de façanhas que determinem sua autoafirmação, quer sejam elas de caráter puramente lúdico ou de caráter sério, social ou político.

É a época das grandes “paixões”, corações despedaçados, decepções e amarguras amorosas.

E quantos jovens, antes de terem o discernimento necessário, comprometem as suas vidas em uniões fadadas ao fracasso, às vezes motivadas apenas pela atração física ou por um pseudo-amor!

Vê-se por aí que ainda não é o momento adequado para o verdadeiro amor.

Evidentemente, estamos tratando aqui de generalidades, pois é sabido que muitos jovens, seja por efeito de uma sábia orientação familiar, ou seja, por caracteres biológicos que não nos cabe analisar, atingem a maturidade muito cedo. Levem-se em conta, portanto, as diferenças individuais.



Eis que chega o período em que o ser está na plenitude da sua potencialidade.

Está pronto para o ingresso nas diferentes esferas da vida, ou melhor, está entrando na terceira fase de sua organização psíquica.

Sabe o que deseja, já se organizou profissionalmente ou está em fase de realização profissional.

Aceita o que não pode modificar, modifica o que é possível no seu meio, adapta-se às exigências sociais e culturais.

Aí está o seu ser, pronto para se doar num amor adulto e consciente, o que lhe permite arcar com as conseqüências advindas da constituição da família.

O amor nessa fase é de tal forma, que o torna capaz de renunciar, de assumir, de gostar mais do ser amado que

de si próprio. Realiza-se aí o “amar por primeiro” que nos ensinou Cristo.

O adulto tem a consciência de que o outro tem defeitos e qualidades e assume tudo isso.

Sendo o ser humano uma potencialidade, um “vir a ser”, torna-se maravilhosa a descoberta que um faz do outro, nessa fase em que a compreensão, o raciocínio batem uníssonos com o coração.

Eis a fase do verdadeiro amor.

4. Professor: reprodutor do sistema ou agente de transformação social ?

Sra. Diretora, queridos colegas, caros formandos, prezadas afilhadas.

Há no homem um desejo imenso e perene de imortalidade: permanecer vivo, mesmo já tendo desaparecido fisicamente. É sua maior ilusão.

Para que tal aconteça, ele planta bandeiras nos lugares mais inóspitos, escreve livros, quebra recorde, toma atitudes heróicas, tem filhos.

Talvez seja essa também a ilusão que temos nós professores: o grande anseio de nos perpetuarmos através de nossos alunos; deixar um ensinamento, uma filosofia de vida, uma ideologia, enfim, um rastro positivo para ser lembrado e talvez reproduzido.

Acho que foi nisso que pensei durante essa minha longa carreira de magistério. E nada me enche mais de satisfação e de prazer do que o fato de encontrar-me, depois de longos anos, com um ex-aluno que me abraça com ternura e se recorda de algo que lhe disse lá atrás.

Queira Deus que em vocês possa ter deixado pelo menos algum questionamento para o qual não me foi dado obter solução.

Vocês, contabilistas, (e aqui falo, em nome de seu paraninfo, tentando me fazer porta-voz de seus pensamentos), vão entrar agora no jogo principal, terminada a peleja preliminar. É um jogo duro, difícil, cujo prêmio é a preservação de sua honestidade, de sua integridade moral.

Tenho a certeza de que foram preparados profissional e moralmente para o jogo, já quando no exercício da profissão, para céus que não tergiversem com a verdade e que possam, de consciência tranquila, repousar todas as noites a sua cabeça no travesseiro.

A contabilidade maior é feita pelo Grande Contador lá de cima, a quem teremos de apresentar nosso último balanço.

E ele, como expert, não admite balanço fraudado.

Vocês, professores, terão nas mãos a mais sagrada das matérias-primas: o ser humano, o projeto do homem de manhã.

Saber trabalhar essa matéria-prima, dar uma diretriz sábia a esse projeto, ter cuidado para não danificar o produto final, esse deve ser o seu maior cuidado.

Discutimos, muitas vezes, dentro da sala de aula, a defasagem do nosso sistema educacional. É preciso questioná-lo sim.

E mais que questioná-lo, torna-se necessária a nossa participação ativa para que algo seja mudado.

Nesse questionamento, surgem, forçosamente à baila, as indagações.

Qual o papel do professor no mundo moderno?

Será ele um simples transmissor de conhecimentos? Então, ele é dispensável, uma vez que as fitas gravadas reproduzem para uma platéia infinitamente maior esses conhecimentos.

Estará ele em frente a uma classe para reproduzir o sistema? Para garantir a ideologia da classe dominante?

Ou será ele realmente um agente de transformação social, consciente, crítico, atento às mudanças que se operam no mundo?

Creio que é essa a nossa alternativa correta.

Ter uma consciência crítica e formá-la em nossos alunos; aceitar as mudanças necessárias, renovar a cada dia, acompanhar essas mutações, que a própria evolução do homem está a exigir.

Essa seria a minha mensagem às minhas queridas afilhadas, no meu coração guardadas para sempre.

Como esquecer o “ô le le lê, eu não estou morta” da Carlinha? O talento teatral da Jaqueline e da Eliziara? A ternura e o capricho da Alexandra; as graças da Cláudia; a determinação da Cássia em quem muitas vezes me vi; a tranquilidade da minha ‘pastelzinha’, a Rejane; a dupla de Denises – o salário mínimo e o custo de vida; a minha retirada mais famélica, a Liliane; o momo, denço da morena charmosa, a Andréia; a manicure mais famosa, a Rita?.

São imagens vividas, gravadas indelevelmente em mim.

Contabilistas e professoras: foi dado o sinal. Vocês sabem as regras. Vocês estão preparados. Vão, seus professores lhes desejam muito êxito. Nas vitórias ou nas derrotas, lembrem-se de nós.

Estaremos na torcida, gritando, aplaudindo, torcendo por vocês.

Que Cristo os abençoe.

5. Irmãs Clarissas Franciscanas

Conflito. Ódio. Violência. Guerra. Vingança. Interesses mesquinhos. Calúnia. Rancor. Incompreensão. Egoísmo.

Nessa paisagem caótica que o mundo se nos apresenta, um oásis de paz, um recanto de amor: o trabalho de centenas e centenas de mulheres que fizeram a opção de esposar Cristo e a Ele dedicar a sua vida.

São essas abnegadas irmãs Clarissas franciscanas que, tendo vislumbrado um ideal maior, se desfizeram das ilusões mundanas e o seguiram, tal como nos conta a parábola.

Fazendo oferenda de sua existência ao Mestre dos Mestres, de seus lares paternos, salpicando de amor e carinho os seus passos, enxergando o Cristo em cada irmão, enxugando-lhe as lágrimas em seu santo nome.

Na sua infinita misericórdia, permitiu-nos Deus que aportassem aqui em nossa cidade. E quis também que nós, professores desse Colégio, chegássemos até elas para sentir-lhes a grandeza.

E é por termos convicção da validade de seu trabalho e da magnitude de sua missão, que aqui estamos representando todos os colegas de magistério, para saudá-las, queridas irmãs, nesse dia dedicado aos educadores.

Vocês, mais que ninguém, merecem essa homenagem, pois, se algo realizamos dentro desta casa de São Francisco, muito devemos às orientações sábias e amigas que recebemos de vocês.

Vocês que são mães, irmãs, amigas, confidentes; vocês que nos transmitem com tanta pureza a grandeza das pequenas coisas, o valor incomensurável do dia a dia, vocês que vivem conosco cada problema, nosso ou de nossos alunos; vocês que são as vigas, o sustentáculo de nosso trabalho; vocês, sim, devem receber todos os louvores deste dia.

Queríamos dizer-lhes na simplicidade e conseqüentemente na autenticidade das nossas palavras: é um prazer e uma honra tê-las conosco, gozar desse convívio ameno que nos oferecem.

Que Deus as abençoe agora e sempre.

6. De professora à secretária de educação, saúde e assistência: Discurso na Câmara

De princípio, quero deixar bem claro que o motivo da minha visita a esta nobre Câmara se prende única e, exclusivamente, ao enorme respeito que os senhores



merecem, como representantes legítimos do povo, como seres capazes de colocar o bem comum, acima de qualquer interesse político-partidário, exercendo assim, a verdadeira Política, a velha POLITIKÉ dos gregos, tão bela na etimologia da palavra e frequentemente destorcida e deturpada em politicagem ou politiquice, que avilta os mal avisados.

Julguei por bom alvitre, que V. Sas. me conhecessem melhor, que estivessem conscientizados dos nossos planos e de nossas realizações na Secretaria Municipal de Educação Saúde e Assistência, pois imbuídos do verdadeiro sentido de equipe, só compreendemos o trabalho quando executado de comum acordo, de mãos dadas com todos os que se acham vinculados a um mesmo ideal – SERVIR À COMUNIDADE.

Para que V. Sas. entendam, para que se torne bem clara a minha posição, começarei por dizer que, quando convidada pelo Sr. Prefeito Sérgio Emílio, minha humildade, ou melhor dizendo, a consciência de minhas limitações, me levou a considerar desacertada a escolha. E, se aceitei, não foi seduzida por aquilo que eu pudesse usufruir da administração, mas sim, motivada pelo que poderia dar a essa mesma administração.

Não me envaidece ocupar um cargo de destaque, nem a recompensa financeira, que seria a mesma que eu perceberia no magistério, tendo em vista o novo acordo salarial. Vi nessa escolha uma oportunidade de servir à causa da EDUCAÇÃO, de maneira mais abrangente, pois há vinte anos que abraço essa causa de coração e alma, nela militando, sem às vezes, nenhuma remuneração, como no caso do Colégio Dr. Márcio Paulino, em que servi dez anos, sem recompensa financeira. Aceitei, pedindo ao Meigo Nazareno, a Cristo nosso Irmão Maior, que guiasse meus passos no cumprimento de mais uma Missão que Ele me propunha realizar.

Vejam os senhores que não foram interesses mesquinhos e inconfessáveis que me colocaram onde estou e que, justamente por isso, sinto-me à vontade para cumprir minha tarefa que, antes de tudo, é uma tarefa de amor.

1. Organização da Secretaria

1.1. Levantamento do pessoal

1.1.1. Nenhum elemento especializado em nenhuma área da Secretaria;

1.1.2. Ninguém, com exceção de dois ou três, com função definida;

1.1.3. Criação do Serviço de Orientação Pedagógica;

1.1.4. Criação do Serviço de Orientação Educacional;

1.1.5. Contratação de nova assistente social;

1.1.6. Especialização de um funcionário para o Serviço de Saneamento, através do Curso de Auxiliar de Saneamento, pela Escola de Minas Gerais;

1.1.7. Criação da Assessoria de Planejamento, Convênios e Planejamento, Convênios e Projetos, Estruturação da Secretaria através de modelos e orientação fornecidos pelo IBAM;

1.1.8. Contratação de médico e dentista;

1.1.9. Criação do Serviço de Atendimento;

1.1.10. Crescimento dos trabalhos e projeção dos mesmos na comunidade.

2. Saúde e saneamento

2.1. Atendimentos ao educando;

2.1.1. Exame médico e dentário de toda a comunidade escolar da Zona Rural;

2.1.2. Exames de fezes para amostragem;

2.1.3. Projeto à Secretaria, solicitando convênio para se conseguir vermífugos e ferruginosos;

2.1.4. Campanha de profilaxia da verminose: fossas e filtros - 10 a 31 de agosto;

2.1.5. Fase de distribuição dos vermífugos;

2.1.6. Campanha de Vacinação – 1700 doses aplicadas na Zona Rural, conforme documentação em anexo – tarefa conjunta com Unidade Sanitária e Acar;

2.1.7. Estudo de convênio a ser assinado com o Funrural;

a) ônibus hospitalar

b) atendimento gratuito

c) ambulância

2.1.8. Programação da Campanha da Vacinação Antivariólica e contra sarampo Programa Nacional.

2.1.9. Montagem de um ambulatório para atendimento aos operários

2.2. Saneamento

2.2.1. Atendimento aos leprosos.

– retirada da rua

– tratamento

– preenchimento de fichário- atualização de endereços.

2.2.2. Atendimento aos tuberculosos

– entrosamento com unidade sanitária.

2.2.3. a) exame das condições higiênicas da Zona Rural – águas, fossas, etc.

b) construção de duas fossas nas localidades de Riacho do Campo e Morro Redondo

2.2.4. Internamento de pacientes para tratamento neuropsiquiátrico – Convênio com a Feap.

2.2.5. Vistoria em chiqueiros e cevas – providências devidas.

2.2.6. Fiscalização de Bares, Restaurantes e Botequins, para verificação das condições de higiene.

2.2.7. Para que estes trabalhos sejam melhor executados, o encarregado desses serviços fará agora um curso de auxiliar de enfermagem ministrado pela Escola de Saúde de Minas Gerais.

3. Educação

3.1. Situação anterior:

3.1.1. Duas escolas criadas por lei.

3.1.2. Nenhuma registrada na Secretaria de Estado da Educação.

3.2. Situação atual:

3.2.1. Todas as escolas criadas e aprovadas na Câmara.

3.2.2. Todas as escolas registradas.

3.2.3. Criação de Salas de Leitura – registradas através do convênio firmado com o INL.

3.2.4. Instalação de 6 quartas séries.

3.2.5. Tentativa da Instalação das 5 séries.

3.2.6. Doação das Bolsas de Estudo. (Distribuição da sobra das 80 doadas por Alberto Moura).
Critérios: Indicação, residir na Zona Rural e filhos de operários.

3.2.7. Reforma de prédios escolares.

– ampliação: Morro Redondo, Riacho do Campo

– modificação: Barreiro – visando à funcionalidade.

– reforma da Escola Municipal de Lontra – Execução Esmop.

3.2.8. Assinatura de convênio com a CNAE – principal responsável pela distribuição da merenda escolar.

3.2.9. Adoção de três classes de pré-primário nos bairros:

– Eldorado

– Esperança

3.2.10. Encaminhamento de 15 professoras leigas para frequentarem Curso Supletivo Ministrado pelo Projeto Minerva.

3.2.11. Encaminhamento de 5 professoras leigas para Curso em Ibirité.

3.2.12. Curso de Atualização para as professoras da rede municipal. Carga-horária 80 h.

3.3. Ajuda aos estabelecimentos de ensino de Sete Lagoas:

3.3.1. À Fundação Educacional. Monsenhor Messias, para construção do Campus – Cr 700.000,00 – Mercê dos Senhores Vereadores.

3.3.2. Ao Ginásio Industrial Prof. João Fernandino Junior, para aquisição de terreno – 35.000,00

3.3.3. Ao Colégio Dom Silvério, para pintura – Mão de obra.

3.3.4. Ao Colégio de Minas Gerais, para pintura – Mão de obra.

3.3.5. Ao Colégio Polivalente – para manutenção – 6 serventes.

3.3.6. À Creche Regina Apostolorum, para pintura – Mão de obra.

3.3.7. Ao Serpaf, para manutenção – 3 professoras e uma servente.

3.3.8. Ao Jardim de Infância do Bairro Industrial, para manutenção – uma cantineira.

3.3.9. À Apae, para manutenção – 4 professoras e uma assistente social.

3.3.10. Às Obras Assistenciais da Paróquia de São Geraldo – uma atendente.

3.4. Municipalização do Ensino

3.4.1. Participação no Encontro de Comissões Municipais em BH, por convocação da Delegacia Regional de Ensino.

3.4.2. Cadastramento e inscrição para matrículas em todo o Município – junto à DRE.

3.4.3. Levantamento de plantas de todas as unidades escolares de 4 primeiras séries de Primeiro Grau – Através do Smop. Interno.

3.4.4. Projeto de ampliação do Modestino Andrade, com gerência de verba da Prefeitura Municipal.

3.4.5. Démarches construção do Grupo do Paião – junto aos Maçons.

3.5. Comemorações, participações e entrosamentos.

3.5.1. Semana da Alimentação – CNAE, PRE, Smesa. – 73/74 com incentivo à criação de hortas escolares, domiciliares. Se comunitárias, – distribuição de sementes.

3.5.2. Aniversário da Revolução – 1973 – com a DRE. Gincana Monstro promovida pelo meio estudantil. 1974 – Palestras cívicas do Sr. Prefeito em colégios locais.

3.5.3. Independência – Desfile Cívico do TGE e Colégios locais.

3.5.4. Comemoração do Dia da Criança.

a) distribuição de balas e bolas nas escolas rurais.

b) representação de peças infantis nas escolas rurais.

3.5.5. Comemoração do dia das professoras – Excursão a Ibirité.

3.5.6. Comemoração da Semana da Árvore – Smesa – Acar.

3.5.7. Semana da Comunidade. Reunião com a limpeza pública, visando à conscientização do seu papel, plantio de árvores em todos os grupos.

3.5.8. Campanha de limpeza e valorização dos Garis – programa nacional do Sugismundo.

3.5.9. Colaboração no Primeiro Festival Estudantil de Arte e Cultura de Sete Lagoas.

3.6. A Smesa promove mensalmente uma reunião com as professoras da rede municipal, para exame dos planos de aula – distribuição de planejamento e para a devida orientação.

- 3.7. Convênios feitos:
- INL
 - Acar
 - Apae
 - Fetaemg
 - em estudo o convênio do Funrural.

4. Assistência

4.1. Bairro Esperança

- 4.1.1. Levantamento da população e problemas do bairro.
- 4.1.2. Solicitação de infraestrutura ao SAAE, para execução de projeto de Saneamento e Alimentação.
- 4.1.3. METAS A ATINGIR - Água, esgotos e luz para todas as escolas.
- 4.1.4. Benefício ao pré-escolar Paulo de Tarso (dificuldades encontradas)

4.2. Atendimento aos indigentes

- 4.2.1. Temos atendido, mediante preenchimento de ficha sócio-econômica, a vários pedidos de indigentes, só deixando de fazê-lo quando tais solicitações fogem à nossa competência.
- 4.2.2. Encaminhamento de menor inválido de Lontrinha ao Hospital da Baleia para tratamento especializado.
- 4.2.3. Internamentos em BH.
- 4.2.4. Resolução de problemas sociais.

7. Desenvolvimento e comunidade

Essas duas palavras se acham tão intimamente ligadas que não há como separá-las. Para analisarmos essa interação, temos que voltar à significação da palavra –comunidade – um aglomerado de pessoas que lutam por um bem comum.

É evidente que, se as pessoas se reúnem simplesmente porque moram num mesmo bairro, numa mesma rua, mas não se unem em torno de alguma idéia comum, não haverá aí uma comunidade.

Por outro lado, se os moradores de uma região, ou os frequentadores de uma igreja, ou os habitantes de um mesmo lugar se predispõem a reunir suas forças em prol dessa região, dessa igreja, desse lugar, fatalmente irá surgir daí o desenvolvimento e esse pessoal realmente formará uma comunidade.

O que não se pode conceber é uma comunidade indiferente aos destinos do lugar onde habita, onde passa os seus dias.

Pelo que vocês viram, a palavra comunidade está muito mais presa às pessoas do que ao lugar.

O que é um lugar apenas sem seus habitantes?

Pensem aqui na Estival! Por que se tem prazer em vir aqui? Porque o lugar é agradável ou porque o pessoal é convidante, é amigo e hospitaleiro? É claro que a segunda hipótese é a verdadeira.

Ainda aqui nesse lugar: foi por iniciativa do lugar ou de seus habitantes que se levantou a graciosa capelinha que frequentamos hoje? Dirão vocês: muita gente de fora ajudou. Mas, ajudou por quê? Porque houve quem solicitasse, quem procurasse alguém que pudesse ajudar.

Todo o pessoal se reuniu em torno de um ideal comum: ter a sua igreja. Da reunião nasceu a força; da força, o desenvolvimento.

O desenvolvimento nasceu, então, do espírito de comunidade que aqui sentimos.

Está para ser construída aqui a sede de um conselho vicentino. Terá essa idéia nascido de uma só pessoa? Não.

Ela é fruto de uma aspiração da comunidade que executa um trabalho maravilhoso de ação social, quer seja no setor masculino como no feminino.

A sede tornou-se necessária. A comunidade decidiu emprender esforços para sua construção. E ela vai ser construída porque a comunidade assim o deseja.

Que representará isso para Estiva? Uma única coisa: desenvolvimento. É uma reivindicação antiga da comunidade a água e a luz.

Esperaram que alguém viesse aqui oferecer-lhes esses benefícios? Uniram-se, foram a quem de direito e fizeram a sua solicitação.

Sabemos hoje que a Prefeitura pagou a quantia de Cr\$ 281.000,00 para a instalação da rede elétrica.

Solucionado o problema da luz, estaremos também solucionando o da água. Isto representa desenvolvimento para a Estiva.

Vejam os senhores que não há como dissociar essas duas palavras: desenvolvimento e comunidade, pois a ação da última acaba sempre gerando a primeira.

É preciso que aqueles que ainda não integram o trabalho da comunidade passem a integrar o mais rápido possível, dando o melhor de si, o que for possível dar, para

que a comunidade atinja todos os seus ideais de desenvolvimento.

Sabemos que nem sempre todos colaboram. Alguns trabalham e outros recebem o benefício.

É preciso que haja uma união total de esforços para acelerar o processo desenvolvimentista.

É preciso que todos se coloquem a serviço com a certeza de que tudo o que fizerem para o progresso do lugar estarão fazendo por si próprios, para sua família.

8. Ali morre um bêbado e nasce um homem

Durante a Semana Santa, de 23 a 26 de março, realizou-se, em Belo Horizonte, o V Conclave Brasileiro de Alcoólicos Anônimos e, para nossa grande honra, fomos convidados a dar a nossa humilde colaboração ao acontecimento.

E realmente nos sentimos assim privilegiados por nos ter sido concedida a oportunidade, pois o que presenciamos desde a nossa chegada foi um espetáculo maravilhoso de fé, de otimismo, de alegria.

Do Conclave participaram 19 estados brasileiros, representados por cerca de duas mil pessoas, todas elas, inegavelmente, tocadas pela graça de DEUS.

No dia 23, ouvimos, além do depoimento de um A.A., a palestra do Dr. José de Laurentys Medeiros, presidente da Associação Médica de Minas Gerais, inclusive convidado especial dos grupos da Coordenação do Conclave.

Antes de abordar o aspecto clínico-patológico dos efeitos do álcool sobre o organismo humano, demonstrando com slides o que afirmava, falou sobre a necessidade

de cooperação mútua entre médicos e grupos de A.A., uma vez que o médico pode tratar dos efeitos orgânicos do álcool, através de processos de desintoxicação e outros, mas o programa espiritual desenvolvido por A.A. trataria da doença espiritual e mental, restabelecendo o equilíbrio do paciente.

Reconhecendo o trabalho maravilhoso dos grupos de A.A., disse que o Dr. Bob, co-fundador da irmandade, deveria pertencer à mesma galeria de imortais de que fazem parte Freud, Pasteur, Flemming e outros, pelo benefício enorme que prestou à humanidade.

No dia 24, a Maratona Temática discutiu os doze passos, os doze conceitos e as doze tradições, além de tratarem outros assuntos inerentes à problemática do alcoólatra.

À noite, o Dr. Jack Morris, outro convidado ilustre, americano, vindo diretamente dos Estados Unidos para falar ao Conclave, fez a sua conferência traduzida por um alcoólatra em recuperação e narrou suas experiências de trabalho clínico com o apoio do grupo de A.A.

O que nos impressionou sobremaneira foi verificar a atuação dos grupos de Al-anon, formado de esposas dos alcoólatras, seguindo, passo a passo, o programa de vida espiritual proposto por Lois, esposa do co-fundador de A.A., o inesquecível Bill.

Mulheres felizes, otimistas, que encontraram Deus através do alcoolismo do esposo segundo o testemunho da amiga H, que nos disse despreziosamente: "Deus se manifesta para nós de diversas maneiras. Para mim, Ele se manifestou através do alcoolismo do meu marido, dentro de Al-anon".

Os grupos de Alateen!

Que coisa maravilhosa!

Filhos revoltados com o problema dos pais e que passam a encarar o alcoolismo como deve ser encarado: como doença e se dispõem a ajudar na sua recuperação, vivendo também o seu programa espiritual, fortalecendo-se na fé e nos mais profundos sentimentos cristãos.

Enfim, após uma reflexão feita ao fim da nossa permanência em BH e da convivência com pessoas maravilhosas de todos os quadrantes de nosso país, constatamos que somos realmente felizes.

Voltamos revigoradas, firmes no propósito de nos colocarmos sempre ao lado dessa causa profunda e humana.

Graças a Deus, não temos o problema nem pessoal, nem em nossos auxiliares diretos.

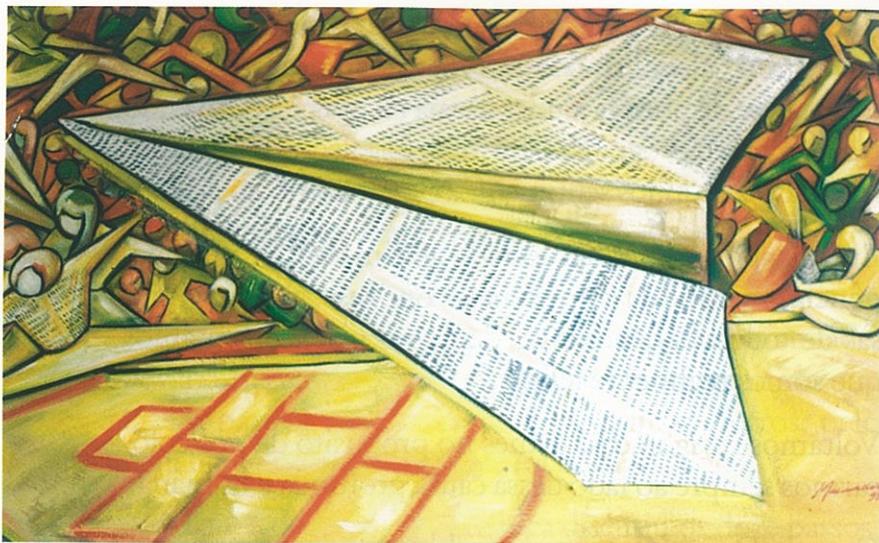
Mas, seria o caso de nos perguntarmos: o que é a nossa família senão toda a humanidade? Até que ponto a nossa felicidade não está ligada à felicidade de todos os nossos irmãos?

Ao finalizarmos a nossa conversa, fruto exclusivo do desejo de transmitir a outros a alegria que sentimos, aqui fica o nosso apelo no sentido de que os médicos, cujos pacientes sejam alcoólicos, trabalhem juntos com os grupos de A.A.: só assim obterão êxito total.

E mais: que todos que nos leem tenham real sensibilidade para o problema do alcoólatra e nunca olhem para um bêbado com desprezo: ele é um doente apenas.

Estendam a mão para o irmão como fazem os membros de A.A. e mostrem-lhe o caminho da sua redenção: os grupos de A.A..

Ali morre um bêbado e nasce um homem.



9. Jorge setelagoano

Felizes aqueles que privilegiados entre tantos insensíveis, sabem reconhecer os benefícios recebidos e praticam atos de justiça que só podem elevá-los e dignificá-los.

Felizes somos nós do Clube de Letras de Sete Lagoas que cultivamos a gratidão e procuramos torná-la pública assim que a ocasião se nos oferece.

Feliz me sinto neste momento, ao me desincumbir da agradável tarefa de saudar um amigo, um irmão, na ocasião em que lhe é conferido o título de Clubista Benemérito e que ele entra nessa casa, oficialmente através da porta aberta pelo seu desvelo, pelo seu carinho para com ela.

Mas, quem é esse que chega precedido por tantas atitudes de elevação, por tantas provas de dedicação?

Jorge Wilson Maciel de Oliveira.

Menino – Jorge, calças curtas, nos seus verdes 14 anos, aportando na terra dos lagos.

Jorge – menino lançando âncoras no infantil do Democrata Futebol Clube – Jorge crescendo no tamanho, na bondade e no futebol, no juvenil do mesmo clube.

Jorge – rapaz, atleta e forte, defendendo as cores vermelha e branca a que foi fiel toda a vida, mostrando garra também na defesa de seus princípios.

Jorge – estudante da Escola de Comércio, formando-se depois excelente contador. E contador foi também toda a sua vida das grandes virtudes que recebera de uma casa equilibrada e de sadios princípios.

Jorginho de Alípio, agora Jorjão presidente, técnico e jogador da nossa Praça de Esportes, diretor social do Iporanga, trilhando o caminho do Direito e formando-se advogado.

O Jorginho, diz o pai-coruja Alípio, já conta com 27 anos de serviços públicos...

Jorge – jornalista assinando colunas e agora página inteira.

Promoção social, cultural, filantrópica? Ali encontraremos o Jorge participando, atuante, dinâmico. Bailes famosos – quem os animará? Na certa, o Jorge aceitará fazê-lo.

Garotas bonitas na passarela e Jorge no microfone anunciando o desfile dentro e fora da sua cidade. Sem paga, sem recompensa financeira, porque o Jorge não cobrava nada pelos seus serviços. E solenidades grandes e pequenas, de âmbito municipal ou no recinto de um colégio. Todas elas com o toque pessoal de Jorge Maciel – o seu repórter em sociedade.

Olhos inteligentes veem o moço de longe. E o levam para a chefia do Gabinete de importante secretaria. E Sete Lagoas exulta. É o seu filho, agora em caráter oficial, mercê de seu diploma de cidadão setelagoano, aprovado

por unanimidade pela Câmara Municipal, que alcança importante posição. Sete Lagoas sabe que a convivência com pessoas muito importantes não sufocará a humildade de Jorge, que usará uma vez mais a sua posição para ajudar a todos aqueles que dele precisarem.

Na coluna de Jorge, sempre um cantinho para o Clube de Letras. E no seu coração também. E no Clube de Letras, um lugar para Jorge: o cantinho da gratidão e do carinho.

10. Sobre a poesia de Gilson Geraldo Costa Matos

Em 1971, tive o prazer de conhecer Gilson Geraldo Costa Matos, um poeta que nascia. Nessa época, tentava a forma clássica, explorando temas que revelavam a sua sensibilidade, de rara beleza, mas essa forma trazia ainda a marca do artesanato, um pouco forçada às vezes, uma vez que tinha de estar submissa à métrica e à rima.

Com mais prazer ainda, vi Gilson crescer, assenhorear-se de um estilo mais pessoal, libertando-se da forma fixa e alçando voos mais altos no sentido da pesquisa, apresentando determinadas poesias suas um certo concretismo nascente.

Mas, a alma do poeta apaixonado, trazendo grande reserva de amor dentro de si, essa não mudou. E em toda a sua evolução poética, a musa inspiradora se fez presente.

A musa Maura! Maura, ideal de mulher, mulher-símbolo, mulher-amor, mulher perfeita, mulher-musa! Maura, a realização no plano poético, no plano da fantasia artística, daquilo que no plano real não chegou a se concretizar. Mulher sonhada, sentida, porém inatingível, impossível e que, por isso mesmo, adquire dimensões de visão, de miragem.

Mitifica-se. Quase se deifica no decorrer de sua Maurinata.

No primeiro poema, “Mauramor”, a musa se revela e incendei o peito do poeta que se extasia diante do “fiat de teu corpo maurescente”, quando percebe “a eternidade brilhando nos teus olhos”.

No entanto, Maura é uma menina-moça que lhe sorri de dentro do uniforme azul e branco... botão que promete flor. E as rosas rubras são Maura na jarra verde.

Usando o radical do nome da amada, o poeta parte para as combinações poéticas, tentando definir o indefinível. Em “Mãos” aparecem as maurestrelas, relembrando com saudade, seus passos juntos, mãos nas mãos, através das “ruas empluvecidas”.

Gilson, grande admirador de Beethoven e estudioso de sua obra, coloca como pano de fundo para o seu grande amor, uma grande música: a sonata de Beethoven. E em “Mauramúsica”, a amada se confunde com a música, integrando-se a ela simbioticamente.

E nos versos “Minha figura se recompondo/Em progressões cromáticas/”, ainda é a idéia da música que prevalece, tratando-se do menor intervalo musical da notação pelo sistema ocidental, é como se a figura fosse tomando forma gradativamente, como esse procedimento musical.

A semelhança ainda deste ciclo com “A bem-amada distante” de Beethoven, revela a profunda afinidade do poeta com o imortal compositor.

Em “Mauriflora”, Maura é flor do Mauricosmos do poeta. São suas “mauriáceas maurazuis, maurifulvas, maurialvas que maurifloram” ali.

Mas a riqueza dos poemas não para nas variações com o nome da musa. A própria sintaxe inusitada valoriza

versos como em “Encontro” quando o poeta diz: “A casa clara, calma/Nós lá embaixo, lá? Observe-se ainda a aliteração em casa, clara, calma.

Ousadamente, além da onomatopéia “frim-frim-frim-frim dos grilos”, classifica-os de “flautíssimos”.

Em “Mauramusa”, as mulheres de sua vida se decompõem num acróstico para sintetizarem ainda o nome de Maura. A idéia de síntese é fortificada logo a seguir explicitamente nos versos “Em teu corpo-síntese-retorno/ de todos os meus sonhos/”.

A primeira estrofe de “Anel” revela a identificação do poeta com a joia, quando confessa: “Eu sou/minha lembrança/ abraçando o teu dedo anular/da mão esquerda/”.

Mas, Maura não quis prender o poeta em suas mãos. E “tudo escorre/ morre/ entre a fragilidade/ dos teus dedos/”.

“Tema com variações” – Maura é gênese. E como tal, com tudo se identifica. É nesse poema que se acentua a pesquisa do poeta no terreno linguístico, na tentativa de reafirmar o seu amor, combinando o nome da amada com o belo, com o significativo, com o próprio amor.

Quebra-se o encanto em “tema sem variações”. Tudo perde a vida, a grandeza. Apenas a lembrança do primeiro beijo tão vivo nos lábios do poeta... Mas, ao contar o desencanto, ainda usa ele de palavras grandiloquentes como “amplidão”, “mariposeiam” “luziluzência”, para dar idéia do seu grande sofrimento ante a desilusão.

E em “Maurilúdio”, o poeta procura nas ruas onde passou a sua felicidade a revivência de seu “Maurisonho”. No processo de formação de palavras, usa prefixos que lembram Guimarães Rosa, como “dessilenciam” ou “desadormecem”. E em muitos versos, a sintaxe continua inusitada, como no ritmo que sai sem pressa/ do

“percutindo das pedras pliformes das calçadas”, ou “No
ainda olhando das casas e das coisas”.

Mas, para terminar, o poeta não se mostra
desesperançado. Quem sabe o objeto de tão grande amor
poderá ainda voltar sobre seus passos e compreender a
intensidade do amor que lhe foi oferecido?

E por isso, cuidadosamente ele “guardará as cantigas no
sem fim da poesia./ Pode bem ser que algum dia/ Elas
voltem a ser o que foram/ Antes de serem cantigas/”.

11. Assim é Gilson Geraldo Costa Matos

O tempo urge. Os homens correm. Os homens correm
sempre. E o que buscam? Tudo e nada. Buscam alongar a
vida e morrem nas correrias loucas. É como se tudo ti-
vesse de caber dentro de pouco tempo e de pouco espa-
ço. Urge correr para aproveitar, e morre-se na ânsia de
viver. E tudo se materializa.

Os verdadeiros valores, os valores eternos são cada vez
mais esquecidos. A hierarquia se distorce, se deforma, se
estiola na busca de prazeres físicos tão efêmeros que não
resistem à menor análise superficial.

Por isso, senhores, quando nos deparamos com alguém
que ainda conserva o amor às coisas do espírito, julgamos
estar diante de um espécime raro da fauna humana. E nos
perguntamos: de onde virão esses anseios tão raros em
nossa época? E a resposta está ainda na bagagem spiritu-
al, anímica que cada um traz consigo. E é justo que reve-
renciemos essa alma escolhida para a perpetuação do dese-
jo de ascese do homem, para o crescimento vertical do ser
humano, no afã de se aproximar do Ser Supremo que o fez
à sua semelhança e à sua imagem.

Assim é Gilson Geraldo da Costa Matos, que tenho a honra de apresentar ao Clube nesta noite de gala.

A minha apresentação corresponde apenas a uma norma rotineira que o Clube de Letras estabelece. E decorre da minha felicidade de ter encontrado Gilson nas carteiras de uma sala de aula, onde eu era a encarregada de ministrar aulas de Português. E decorre do fato do Gilson ter deixado trespasar a essência de sua alma sensível nos trabalhos escolares de redação.

Porque a verdadeira apresentação do nosso focalizado se dará automática e antologicamente no momento em que os nossos trabalhos se desenvolverem e todos os senhores puderem aquilatar o valor que encerra essa alma de escol, esse cérebro privilegiado.

Após as formalidades de praxe, deixemos que se apresente por si mesmo, este que é um caráter introvertido e traz no olhar o hábito da reflexão e da pesquisa. E o Clube de Letras verá que vale a pena ter em seu quadro o talento e a sensibilidade de Gilson Geraldo da Costa Matos.

12. Sobre a poesia de José Cândido Siqueira

“O pior castigo que se pode infligir a um homem é fazê-lo viver em uma época de transição.”

Lamentavelmente, estamos passando por esse castigo. A confusão de valores está estabelecida: crises políticas ou se transformam em guerras cruentas ou incidem sobre o povo, trazendo-lhe as piores consequências, a injustiça social é flagrante, cada vez mais, se estabelece o arbítrio. E os homens não se entendem.

Com esse pano de fundo, surge o novo poeta. Não mais a figura alienada, cantando loas à mulher amada, criando mundos românticos, imaginários, cheios de sentimentalismo, mas

um ser engajado na luta que se lhe apresenta para o restabelecimento de uma harmonia social.

Assim é a poesia de José Cândido Siqueira em “Essas Minas em Gerais e outros poemas”, seu mais recente livro.

Desde o poema-título, podemos notar a perspectiva histórica em que ele se desenvolve, onde a história e a estória de Minas são focalizadas com agudo senso crítico.

Em “Que país é esse?”, sem perder de vista ainda o processo histórico, questionando-o sempre, disseca, com mãos de cirurgião hábil, o corpo do Brasil, expondo as suas mazelas, denunciando os desmandos, as injustiças, a escamoteação. Como cirurgião ainda, sente-se nele o desejo de extirpar os órgãos danificados e putrefatos, para que o resto do organismo possa, assim saneado, viver mais harmonicamente.

Agostinho Neto merece do autor um poema de homenagem, onde se pode constatar, viver e sentir a sua admiração e seu respeito pela figura do líder de Angola. Mas, nem só a combatividade e o engajamento político estão presentes na sua poesia. Além disso, em “Busca”, “Minas” e “Gerais”, constatamos a dor existencial bem sartreana, a procura do sentido da vida, da reconstrução e a nostalgia, a busca do passado de seu outro “eu” perdido no tempo.

No texto “O poeta: esse burro de carga, canga e viseira” encontra-se a própria destinação do poeta, uma definição muito real da sua luta, principalmente em nosso país, onde as atividades literárias são subatividades, quase ridicularizadas.

O “fazer poético” em José Cândido:

Tão interessante quanto a visão do conteúdo do livro que ora é lançado à apreciação dos leitores, é, realmente,

a excelente forma literária, bem elaborada, com que os poemas se nos apresentam.

De “Contemporaneidade” (livro escrito em co-autoria com o poeta Jaime França) para cá, notamos um crescimento a passos largos, um crescimento drummondiano que resulta da “luta com as palavras”.

E essa luta em José Cândido não é vã, não é infrutífera: a escolha das palavras no seu aspecto sonoro, as aliteraões, a exploração de determinados radicais e o sentido lúdico com que os termos são empregados, revelam bem a sua preocupação de lhes dar, além dos sentidos denotativo e conotativo, o valor musical como reforço de sua carga significativa e rítmica.

Exemplo disso é o que encontramos no poema “A Agostinho Neto”:

Sua poesia é arma
Armada
A disparar palavras...

Sua poesia é lança
É lastro...

Ou:

Neto nato nativo
Sob o sol vermelho e bravo

Tal procedimento se torna uma característica do estilo do autor, agora bem consciente de sua elaboração poética.

Curioso notar, também, a preferência pelos semantemas nominais em detrimento dos verbais. Existem poemas inteiros, longos, onde marcamos a presença de meia dúzia de verbos que, com esse emprego criterioso e intencional, ganham nova expressividade.

Enfim, depois desse exame superficial e desprezioso, podemos dizer que José Cândido não é mais a promessa de “Contemporaneidade”; é a certeza de um lugar ao sol no cenário poético mineiro.

13. Que Pátria é esta?

Uma grande extensão de quilômetros quadrados, povoado por milhões de habitantes?

Uma bandeira qualquer a tremular no alto de mastro?

Pátria será um símbolo?

E de que adianta uma grande extensão de terra depredada, dilapidada, entregue a povos de outras grandes extensões de terra?

E de que adiantam quilômetros e quilômetros de terra que abrigam um povo sofrido, faminto, desempregado, doente?

E de que vale uma bandeira que encobre injustiças sociais, corrupção, escândalos econômico-financeiros de toda ordem? Que bandeira é essa que protege uma minoria que se locupleta à custa da fome e da miséria de uma maioria?

Ostentar símbolos? Que representam esses símbolos? As dívidas contraídas levemente que fazem com que esse povo perca a soberania nacional? A situação de descalabro econômico, o caos financeiro, os jogos políticos, os interesses pessoais?

Ah! Pobre Pátria! Quanto te aviltaram alguns dos teus próprios filhos! Quanto gostaria de te ver altiva, altaneira, ocupando o lugar que, por merecimento, te cabe no concerto das nações!

Como desejo ver tua bandeira, escoimada de todas as vilzezas, desfraldada num mastro tão alto que pudesse ser vista por todos os povos da terra!

Gostaria de ver-te abrigando todos os teus filhos, indiscriminadamente, restituindo-lhes o inalienável e legítimo direito ao trabalho, à moradia, à educação, à saúde.

Sonho com um dia em que todos terão uma mesa farta, fruto de seu labor e desse solo fértil e rico que lhes oferecerá com carinho.

Quero-te de pé, soberana, justa, rica, dadivosa e assim hei de ver-te um dia: tudo farei para que tal aconteça num futuro bem próximo. Hei de, então, amar-te mais e mais. E a certeza de que isso acontecerá me vem do fato de saber-te uma terra cristã. Na certa, o Cristo não te abandonará, pois és “a Pátria do Mundo, o Coração do Evangelho”.

14. Ao herói

Abril de 1964

Há na vida das criaturas uma espécie de destinação. Há criaturas que nascem, crescem, vivem e morrem dentro da vulgaridade da rotina, porém, há aquelas cuja vida se assemelha ao rolar dos astros cintilantes.

Marcam sua passagem pela efêmera existência, imprimem com caracteres ígneos uma página de intelectualidade, de sabedoria, de bondade ou de heroísmos.

É o caso do humilde alferes Joaquim José da Silva Xavier, o “Tiradentes”, cujo heroísmo e amor à pátria o levaram ao sacrifício do mais precioso dom que nos foi confiado por Deus: a vida.

Esse homem, um mortal entre os mortais, dos demais se distinguiu, se distanciou e se elevou porque tinha um amor acendrado à Pátria, porque tinha em si condensadas as virtudes e a têmpera de que se fazem os heróis.

Cumprira-se a sua destinação histórica. Entrava, no dia 21 de abril de 1792, pelas páginas de nossa história gloriosa, ensinando abnegação, renúncia e heroísmo.

Até hoje lá está e estará por toda a eternidade na imortalidade que lhe foi dada por Deus.

Sereno e majestoso, o humilde se imolou; e o caminho do patíbulo o conduziu à glória.

15. Gaia agoniza

Gradativamente, o cinza vai cobrindo o planeta Terra.

A fumaça das chaminés das fábricas, o monóxido de carbono dos carros impedem a respiração de qualquer ser vivo, que passa a desejar ardentemente um sítio tranquilo onde possa respirar ar puro.

Mas onde estão os campos verdes, as árvores altaneiras que, cumprindo a sua missão, absorviam o gás carbônico, liberando para todos o oxigênio?

O desmatamento e o fogo assassino não deixaram nem um refúgio para o ser humano.

Onde buscar agora uma sombra acolhedora, um fruto saboroso?

Como regularizar de novo a natureza, tantas vezes agredida sem necessidade, simplesmente para proporcionar ao homem o lucro com o qual ele pensa ser feliz?

Entra, homem, entra no teu carro último modelo; agora, dirige-te ao teu palacete cheio de modernidades

tecnológicas, assenta em tua mesa e coma teu dinheiro, respira teu dinheiro, beba teu dinheiro.

Asfixia-te nos teus cargos importantes, no teu poder social; talvez seja a última coisa que te reste, depois de tal destruição.

E teus filhos? Onde e como viverão se poluíste o ar e a água dos rios, se derrubaste florestas inteiras para lhes dar conforto?

Ao mesmo tempo, tiraste-lhes o bem mais precioso: tu mataste a vida, tu mataste teus filhos.

16. Retribuindo uma homenagem

Sete Lagoas, 26 de janeiro de 1977.

Prezado Sérgio,

Há quatro anos, nenhuma afinidade, nenhuma afeição especial nos unia.

Construímos pacientemente, solidamente, com boa argamassa, uma amizade das mais legítimas, alicerçada em encontros e desencontros, pois, como é natural, não era sempre que nossos pontos de vista coincidiam.

Conhecemos mutuamente as nossas limitações e nos aceitamos tal como somos.

Fiz, da minha parte, um esforço muito grande para superar minhas falhas.

Não devo ter conseguido muito, mas, acredite, pus todo empenho nisso.

Para contrabalançar a mediocridade da inteligência, enchi meu coração de amor e estendi minhas mãos a todos aqueles que por mim passaram, vendo em cada infeliz o Cristo cujos ensinamentos maravilhosos busco seguir.

Não posso lhe dizer que encontrei só flores: espinhos bastante aguçados me fustigaram e me feriram profundamente. Mas, aprendi que valem a pena os ferimentos se se tem a glória de vislumbrar a flor. Sei que você também pensa e age assim.

Ao dar um balanço na missão cumprida, sinto a consciência tranquila, apesar do pouco que tive para dar.

E, nesse fim de caminhada, ao olharmos para trás e verificarmos o caminho percorrido, é com alegria que constatamos que conseguimos plantar árvores frondosas, que darão sombra, repouso e alimento aos caminhantes. Se um dia volvermos pela mesma estrada, também nós nos sentiremos protegidos do sol inclemente. Por isso, são felizes os que plantam.

Mais do que seu dinamismo ou sua capacidade administrativa, o que mais me impressionou na sua personalidade foi a sensibilidade para o belo, o estético. Você governou com os olhos voltados para as rosas e os pássaros.

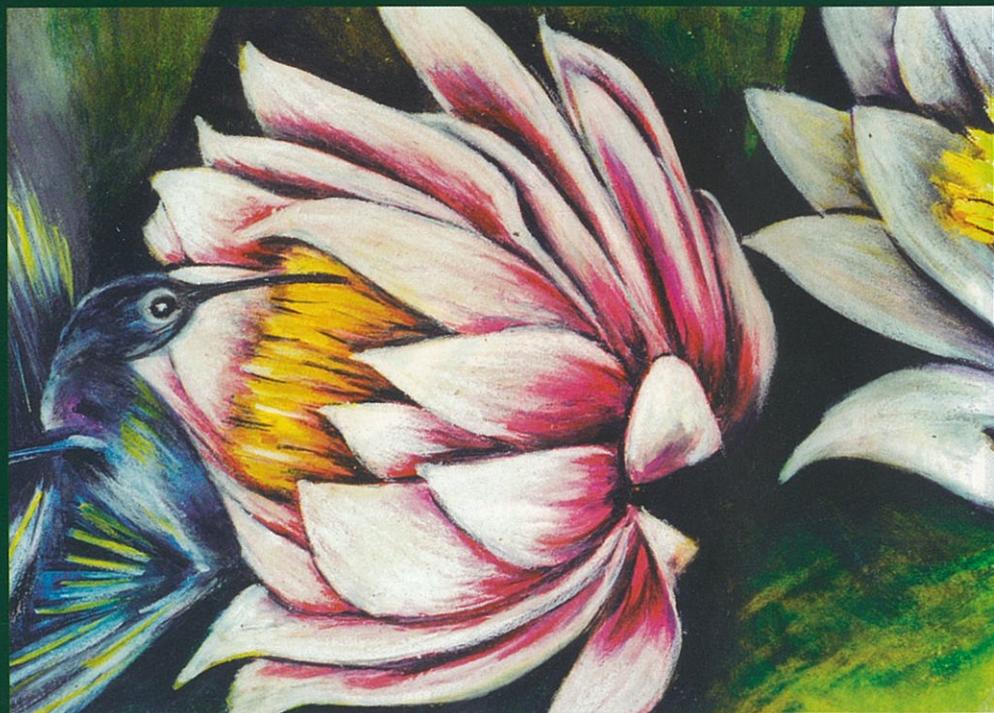
No momento em que me disponho a agradecer-lhe a homenagem prestada, através da delicadeza de uma mensagem e de uma medalha, gostaria de dizer-lhe que se há alguém que merecia ser homenageado com muitas medalhas é você, Sérgio. E, ao tentar devolver-lhe a homenagem, estendo-a a sua valente companheira de todas as horas, símbolo da mulher moderna que acumula com êxito as funções de mãe, esposa, companheira e auxiliar eficiente, ajudando-o a suportar as agruras do caminho.

Até breve, Sérgio. Continue sua trajetória luminosa. Um futuro promissor o espera. Termino aplicando a você essa famosa prolepse: "Siga o seu caminho, olhando as estrelas; muitos dirão que você poderá tropeçar. Não faz mal: o tropeço será só nos pés". OBRIGADA!



CAPÍTULO III

O LIVRO DE OURO:
CONVERSANDO SOBRE SENTIMENTOS,
SENSIBILIDADES E VALORES



*S*endo este livro uma delicada lembrança de um dos meus alunos, destiná-lo-ei a registrar alguns pensamentos meus.

Não constituirão eles nenhuma obra-prima de filosofia ou literatura, mas registrarão meus sentimentos mais profundos.

Isis da Silva Oliveira – década de 1960



1. A meus filhos

Novembro de 1964

Criança!

Seu riso cristalino, sua voz meiga, seu olhar doce e indagador, constituem, por si só, uma bela e sentida página poética!

Fonte inexaurível de poesia e doçura, você, criança, é a alegria do mundo.

Existe um mundo de esperança num sorriso de criança!...

As mais belas poesias, as mais suaves melodias estão encerradas no rosto da criança que sorri!

Não desejo, filhos meus, que vocês não tenham dificuldades na vida. Desejo, sim, de coração, que Deus lhes dê ânimo e forças para superar essas dificuldades.

2. Ao riso de Eveline

Abril de 1964

Minha filhinha, quando tu ris, não sabes o bem que me fazes.

Teu riso cristalino e puro me lembra o barulho brejeiro do arroio entre as pedras,

o rumor da brisa no campo, o gorjeio dos pássaros nas matas e me lembra também – ó se me lembra – u'a mavi-osa e cascadeante música de Mozart.

Teu riso ilumina teu rosto de tal modo que te transfiguras e te embelezas como um anjo.

Tu não ris propriamente, filhinha! Tu deixas escapar da garganta trinados que compõem uma harmonia musical.

E quando medito sobre a pureza de teu riso, peço a Deus que o conserve sempre puro e melodioso e que te dê a mesma alegria e expansão que tens hoje.

S Que os embates da vida não te tirem a disposição de rir e que possas sempre encarar as dificuldades com um sorriso.

Que ele seja um escudo contra as contaminações maléficas do mundo.



E, quando eu me for, que permaneça essa página que será uma homenagem à harmonia do teu riso, à melodia que brota de tua garganta, à cascata de gorjeios com que delicias a tua mãezinha.

3. Para Fernanda, nos seus quinze anos

Fernanda, menina-moça
Fernanda, menina em flor
Fernanda, menina, ouça,
Ouça meu canto de amor.

Você tem a graça singela
De um pássaro multicolor.
Parece saída da tela
De um inspirado pintor

Seus olhos alegres, brejeiros
Revelam-me sonhos mil

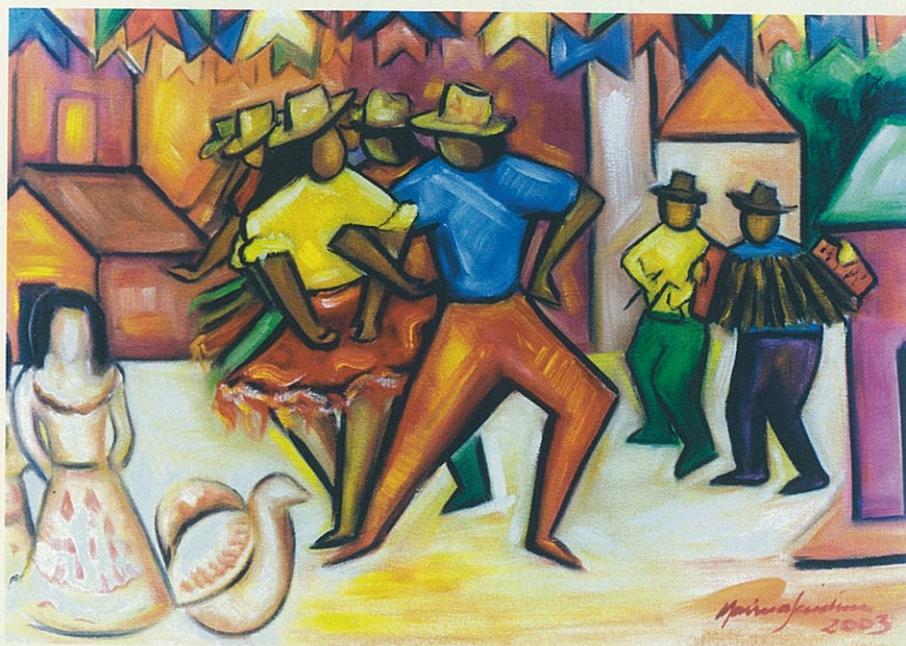


Risonhos, brilhantes, faceiros
Como um jardim primaveril
Ao vê-la assim, tão formosa
Tão lindamente vestida
Levando um botão de rosa
Pra abrir a porta da vida,

Só posso dizer-lhe, querida,
Dos ardentes desejos meus
De que seja sempre a escolhida
Pelos bons fados de Deus.

4. Ainda há esperança

Eu queria escrever um poema
que falasse de crianças sorrindo
de flores desabrochando
de pássaros voando



de pessoas se abraçando
de amantes se amando
de sol brilhando
de estrelas cintilando
de céu esnobando azul
de verdes, muito verde, enfeitando
de regatos cascadeando.

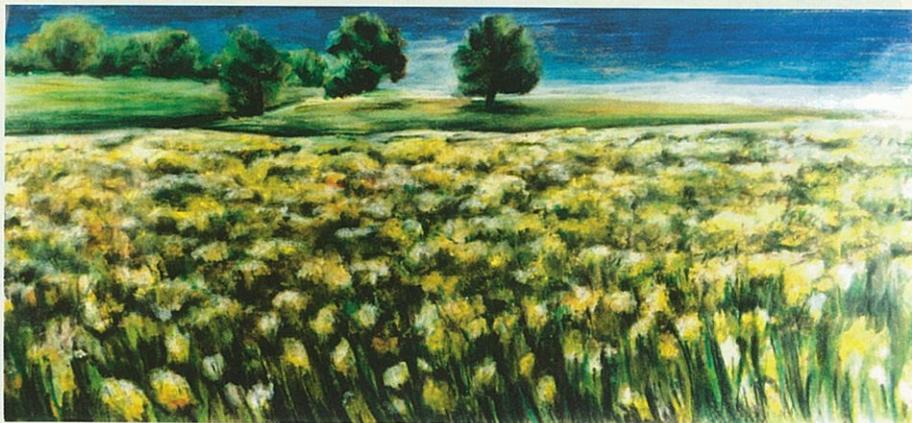
Eu queria escrever um poema
que falasse, enfim
de amor
de um amor, grande, profundo, universal
de um amor sem limites, sem preconceitos
sem discriminação de nenhuma ordem
de um amor que fizesse todos os homens se
darem as mãos
e, numa grande, numa enorme roda,
cantarem e dançarem felizes,
louvando a vida
agradecendo o dom de viver...

Mas, não devo,
não posso fazer o meu poema assim
Todos me considerariam louca...

Muito mais importante
é a crise do petróleo,
a carestia da vida,
o momento político,
os eventos tecnológicos,
a ânsia de poluir,
as guerras, a fome, a miséria
o desamor...
O dólar, a crise financeira,

Os planetas, os outros a serem visitados,
Os satélites,
O dinheiro,
A velocidade,
O sexo,
O desamor!
Seja sensata, alma anacrônica,
Entre no seu tempo
No tempo em que, salvo raras exceções,
as crianças não mais sorriem
não existem flores
os pássaros estão extintos
as pessoas se repelem
os amantes se traem.
Mas, ainda há sol
há estrelas
há regatos
e há verde
Portanto, há esperança!

5. O crepúsculo



Há uma harmonia de vozes divinas no crepúsculo do campo.

Agora mesmo, assentada no alpendre do velho casarão da fazenda, contemplo, extasiada, o crepúsculo e sua sinfonia exuberante de cores.

Uma suavidade doce, uma paz excelsa vai se apossando da natureza e um bando de aves, em revoada, oferece sua oração a Deus através de seus gorjeios.

A suave vibração que perpassa e agita levemente as árvores traz um sussurro das Ave-Marias saídas do fundo dos corações elevados a Deus em oração.

O lamento da juriti se faz presente.

De repente, o som melancólico do berrante quebra a monotonia da tarde, seguido do aboio triste dos boiadeiros que tangem o armento.

É espetáculo digno de se ver.

O gado se aproxima mugindo nostalgicamente, talvez com saudades das plagas deixadas para trás.

O berrante soa triste, os boiadeiros continuam seu canto inesquecível.

O gado gordo e alvo chega ao curral e corre afoito para as margens da lagoa, a fim de saciar a sede.

No momento seguinte, está solto no pasto, comendo, aqui e ali, o capim verde, seletivo manjar que Deus lhe oferece.

Novamente o silêncio. Silêncio feito de vozes pequeninas de grilos, sapos e, vez por outra, o mugido do gado.

As primeiras estrelas aparecem enfeitando o azul escuro do céu, bordando suavemente o manto da noite.

6. O dentro e o fora

O que está dentro é de dentro; o que está fora é de fora.

O que está fora não deve, sob nenhuma hipótese, vir para dentro.

Embora o que está dentro possa e deva projetar-se fora.

Dentro estão a certeza, o equilíbrio, a paz,

a autenticidade, a espontaneidade, a fé, o amor.

Fora estão a insegurança, o caos, os conflitos,

os questionamentos, as exigências, a máscara,

a hipocrisia, a incredulidade, o ódio, as guerras.

Dentro está a beleza das coisas naturais.

Fora, está a destruição delas.

Construir o dentro é tarefa árdua, suada,



cotidiana, sofrida em que não se concebe o esmorecimento.

Construir o fora é mais fácil: basta a sintonia com o plano menor

e aí se tem muitos ajudantes.

É alimentar a revolta, o ódio, a maledicência, o mau humor.

O de fora, a todo o momento, tenta quebrar o de dentro: desfaz minutos de paz e harmonia, de alegria e autenticidade.

Esmaga a flor da felicidade, ataca impiedosamente quem estiver perto.

O de dentro, todavia, bem estruturado e solidificado no amor,

constrói novos momentos bonitos, planta novas flores, resguarda-se dos ataques sem atacar por sua vez,

tudo isso utilizando-se da paciência, da concórdia, dos sentimentos maiores, da boa sintonia.

Com cuidado, o que está dentro nunca será destruído, pois a vigilância é plena.

7. Onde ficou a vida?

Me sinto
Como a hera
Sem muro
Para agarrar

9. A desesperança

A espera

A expectativa

A esperança

A ansiedade

A espera

A angústia

A espera

O tédio

A espera

A amargura

A espera

A

d

e

s

e

s

P

e

r

a

n

ç

a

10. O canto dos passarinhos

O canto dos passarinhos! Que de sensações contraditórias irrompem no coração ao escutar a suavíssima melodia que brota, que extravasa da privilegiada garganta dos cantores divinos!

Se os trinados partem de um prisioneiro ainda que querido, trazem em si um mundo de angústia, de saudade, de amargura.

Saudades da imensidão dos ares, da brisa olorosa, da água fresca e límpida do regato, do alimento nativo com que sacia a fome, das copas verdejantes das árvores, das matas sombrias!

Se, ao contrário, os gorjeios vêm de um peito livre; é, todo ele, um hino à liberdade, é marulho dos riachos, é prazer de viver, de varar a imensidão celeste, de brincar com as nuvens, de ser feliz!

É uma sinfonia exuberante em louvor a Deus!



Ah! O canto dos passarinhos! Desperta também dentro de nós uma saudade inexplicável de algo que não se define, de plagas maravilhosas que não conhecemos, mas sabemos que existem!

Pelo sentimento maravilhoso que desperta em todos nós, canta passarinho, canta!

11. Mensagem

Cansada da jornada, membros lassos, mente indagadora, encontro, numa curva do caminho, uma árvore anosa cuja sombra me convida ao descanso. No leito de relvas, deito-me e restabeleço-me da fadiga através de um sono reparador.

Resolvo me instalar ali para esperar o viandante que me trará a mensagem cujo conteúdo desconheço, mas acredito que mudará tudo em minha vida.

Eis que, lá longe, diviso uma figura diminuta que surge do nada e meu coração se alvoroça: será que ele é o portador da misteriosa mensagem?

E, à medida que o ser se aproxima, minha emoção redobra.

– Boa tarde, peregrino.

– Boa tarde.

– Venha descansar um pouco das fadigas da jornada. Enquanto isso conversaremos e nos conheceremos melhor.

– Sim, é bom alvitre. Imagine que, após grandes realizações em minha terra natal, sou obrigado a abandonar a família (uma das mais importantes do lugar) e os amigos igualmente influentes, e transmitir meus profundos conhecimentos mediante, é claro, generosa recompensa, aos habitantes da vizinha cidade e...

E tanto falou o homenzinho de si e de seus grandes feitos que deduzi não ter nada pra me dizer, que se ocupava exclusivamente de seu ego...

Uma sombra de decepção empanou meus olhos e meu coração.

Despedi do egocêntrico pedindo a Deus que lhe desse a noção de que nem tudo girava em torno dele. Havia a mais a humanidade inteira.

Não obstante, predispus-me a esperar ainda.

Passaram-se horas até que, em direção contrária, me vem uma fisionomia contraída, carrancuda, austera que, logo ao se aproximar, começa a me invectivar:

– Não adianta estares aí a sonhar. Tudo é utopia; e vida é uma enorme utopia. Que adianta o desabrochar da flor que fenece pouco depois? Ideias de fraternidade, de amor ao próximo, tudo isto é bazófia!

A realidade é a Morte! O que é a vida senão um caminhar gradativo para o ventre da Terra? De que te valem os sonhos, os ideais? Vais morrer como todos nós, se já não estás morta! Não conseguirás senão que todos riam de ti. A sonhadora! Ora bolas! Tua companhia me faz mal!...

Aparvallhada, permaneci incapaz de raciocinar por vários minutos, até que pude rezar a Deus por essa criatura pessimista e descrente, certamente porque fora muito ferida pela vida.

Refeita de minhas emoções, preparo-me para receber o meu terceiro viandante que se aproxima sorridente e embevecido:

– Veja as flores do campo! Observe o poente multicolorido! Dentro em breve dali sairá uma ninfa elevada aos ares por um belo cisne. Adejará sobre mim e falará comigo. Contar-me-á lindas histórias da terra que

se situa atrás do sol poente. Narrará as belezas dos castelos refulgentes e de princesas encantadas.

Só a mim é dado escutar-lhe a maviosa voz. Pobre de você, infeliz mortal, que não tem o Dom de viver no mundo maravilhoso em que vivo!

E, mal pisando em terra, lá se foi, gravitando, o meu sonhador. Mais uma vez permaneci rezando a Deus para que ele descesse de seu mundo e tomasse contato com as realidades da vida, para evitar-lhe dissabores.

Assim, diante de mim, desfilaram o vaidoso, o comodista, o rico, o avaro, o humilde, o poeta, o ignorante, etc. A todos amei por seus defeitos e por todos rezei. Ninguém me trouxe a mensagem esperada.

Pus-me a meditar!

O sol já declinava e a brisa olorosa favorecia a meditação! Como não tinha percebido antes? Como, por tão simples, não havia decifrado a mensagem que todos me trouxeram?

Tola que havia sido! Esperava certamente uma lição particular do Divino Mestre, quando Ele aí está a nos dar lições todos os dias!

Quem eram todos aqueles que se aproximaram de mim e que amei com suas imperfeições e rezei por eles?

Eles eram meu próximo.

E a mensagem? Muito simples: não veio cifrada, nem codificada. Estava no Evangelho e era minha velha conhecida:

“Amai-vos uns aos outros”.

Levantei-me do meu refúgio e volvi cantando a glória de Deus. Só tinha um desejo: permanecer entre meus semelhantes, amá-los muito e rezar a Deus por eles!...

12. O valor da amizade

A amizade é como aquela pérola rara encontrada nas profundezas do mar; e porque é rara, é preciosa. Caracteriza-se por um aprofundamento das relações humanas, por um envolvimento afetivo tão grande que, muitas vezes, somos levados a viver momentos tristes, amargos, difíceis que pertencem ao universo do outro.

Exige despojamento, solidariedade, renúncia, sacrifícios; repousa sobretudo na confiança.

A amizade é descontraída, sincera, autêntica: diante da pessoa amiga nada há para esconder, nem nossas alegrias, nem nossas tristezas, nem nosso lado forte, nem o fraco, nem a nossa coragem, nem a nossa covardia.

A verdadeira amizade nada cobra; dá-se espontaneamente, em pequenos ou grandes gestos.

Não se pode dizer que somos amigos se não respeitamos as pessoas: o respeito é fundamental numa relação de amizade.



Saber ouvir na hora certa, falar ou calar em determinado momento, aceitar o outro como ele é, crescer com ele, fazê-lo crescer, essas são características da verdadeira amizade.

13. A um casal de namorados

1962

Quando os vejo assim como agora, olhos nos olhos, mãos nas mãos, lábios a murmurar palavras carinhosas, desponta dentro de mim uma tênue nostalgia, uma longínqua saudade que se avoluma, que se aflora e logo se transforma em pungente amargura.

Súbito, sinto necessidade de expandir meus sentimentos e aconselhar ao par feliz: viva bem, integralmente, esses momentos; deixe que todas as fibras do coração se desdobre, que este mesmo coração se impregne desses momentos felizes.

Viva intensamente as horas felizes porque elas nunca se rão as mesmas.



Este é o momento de vocês. Nunca se repete. O tempo não tem efeito retroativo. Marcha sempre, inexoravelmente, para a frente.

E se considerarmos então a efemeridade da própria vida, se considerarmos que tudo é transitório nesse mundo, então ainda mais teremos vontade de viver a hora presente e prolongar pelo tempo de que formos capazes a maravilha de ser jovem e encontrar o amor pela vez primeira...

14. A uma praça de nossa cidade

Praça Rio Branco, domingo, 8 horas da manhã.

O casario alvinitente se espreguiça indolente, aos claros raios de sol matutino. O céu azul, sem nuvens, tranquilo, empresta à praça um bucolismo profundo.

As amarílis desabrocham, pois esperam pela Rainha das Flores, a Primavera.

Veza por outra, mulheres endomingadas, livros de missa e terço às mãos, cruzam a praça em direção à Matriz. Crianças com suas saias plissadas imitam os adultos e se deixam levar pelas vozes bonitas do coro da Igreja. A nós nos parece um coro celestial, convidando a todos para o Divino Ofício.

A tranquilidade contagia a todos que apreciam devidamente esses espetáculos em que Deus nos mostra que o caminho que conduz até Ele é de paz e amor.

A mente se engolfa em profundas meditações. Porque a humanidade não entende a mensagem do Pai? Por que se deixam os homens vencer pelas suas paixões sem lançar ao redor de si um olhar à Divina Obra, à paz reinante na natureza?

Quando virá para a humanidade a verdadeira noção de valores e, no ápice dessa hierarquia poderá ela enxergar a figura predominante do Supremo Chefe?

Que infinita é a paciência e a misericórdia desse incansável Mestre que vê nos discípulos só indiferença aos Seus Ensinamentos!

Porém, o dia da compreensão chegará para todos.

Esse Divino Professor não falha. E mais cedo ou mais tarde, todos ouvirão dentro dos corações o seu melodioso e harmônico chamamento.

Eis as reflexões que me vêm ao cérebro ao contemplar a tranqüila Praça Rio Branco, nesse domingo, às 8 horas da manhã.

15. Em busca de paz

A calma da noite penetra em mim, pouco a pouco.

Meu coração foi posto em sossego.

Tudo é tranqüilidade. Pressinto amigos que não posso ver. Não me argúem, nem me repreendem. Deles sinto emanarem doces vibrações que me fazem um ser feliz.

Se amanhã acontecer qualquer coisa que interrompa esse estado de graça, ainda assim darei graças a Deus por tê-lo vivido.

Não creio que possa vir a acontecer algo. Não me danifiquei, nem deturpei o senso geral. Tentei construir sempre. Tenho tido inteira disponibilidade para com o irmão. Meu ideal é servir a Deus através das pessoas que cruzam o meu caminho. Amei muito a todas elas. Estendi-lhes as mãos, mesmo quando as recusavam.

E agora me sinto inteiramente tranquila, como uma pessoa que fez o que pôde, dentro das suas limitações. Devo ter errado muito; é o mais certo. Entre os muitos erros, o maior foi amar demais. Os amigos que pressinto me entendem; os que vejo poderão censurar.

A mim me importam os primeiros, porque com eles irei conviver fora da prisão da carne.

Eu abençoô, querido Mestre, todos os momentos bons e maus da minha vida. Eles me conduziram a um hoje de paz!

16. O caminheiro

2 de dezembro de 1977

O caminheiro perdeu a bússola. O dia inteiro andou à deriva, perdido no emaranhado dos caminhos, buscando a estrada certa. E, por mais que caminhasse, acabava sempre saindo no mesmo lugar. Até quando tentava pensar na solução mais prática para retomar a caminhada, seus pensamentos também batiam sempre na mesma tecla: à noite, talvez se pudesse guiar pelo Cruzeiro do Sul.

A noite o encontrou exausto, amargurado, cansado e abatido física e moralmente. Mas a esperança ainda morava em seu coração. A vésper surgiu. Aos poucos, as sombras desciam. Mas, à canícula do dia, se sucedia uma noite nublada, feia e, em vão, ele esperou que as estrelas bordassem o manto escuro do céu.

A vésper já havia sido encoberta também. As esperanças se apagaram de vez, quando a tempestade desabou fragorosamente. Quase sucumbindo, o caminheiro desesperado não tinha nem o consolo das lágrimas.

Foi quando seu coração se abriu para Cristo e dele saiu a mais vibrante oração para que, no dia seguinte, pudesse encontrar a bússola ou, pelo menos, para que a chuva passasse, que a constelação-guia pudesse voltar a brilhar no firmamento para orientar-lhe os passos trôpegos.

Pedi também que Cristo lhe concedesse a graça da vida para esperar que tudo isso acontecesse.



3 de dezembro de 1977

O dia o surpreendeu com as roupas encharcadas, inteiramente desarvoradas, sem saber o que fazer. Os poucos suprimentos que levava haviam perecido com o temporal. Um pouco da água da chuva aplacou-lhe a sede e a fome.

Agora, ele já não procurava nada. Fazia simplesmente ao sabor da sorte, inanimado, um poço febril. Tentava erguer-se, movimentar-se, mas, após uns poucos passos incertos, voltava à imobilidade. E assim passou todo o dia, com a mesma esperança de que, à noite, com a temperatura mais amena, pudesse haurir forças e se guiar pelas estrelas. E a esperança era a única e débil força que o sustentava, no meio do desalento e da amargura.

E a noite caiu. Não só a vésper, mas todas as estrelas brilharam no céu. O Cruzeiro do Sul esplendoroso, amoroso mesmo, abria os seus braços luminosos. O caminheiro emocionado, com a luz da constelação brilhando em seu coração, se levanta subitamente descansado e parte em busca do caminho, sabendo que o amanhã traria novas esperanças e que no dia subsequente haveria de encontrar o que buscava: o tesouro da felicidade.



Todavia, inda não seria rápida a consecução de sua meta. Não chegaria hoje, nem amanhã ao cobiçado poço, ao desejado teto. Durante todo o dia, ou andava em círculos ou jazia imóvel, sonhando talvez com a noite que lhe traria novo alento.

Parecia-lhe mesmo estar subindo um morro cheio de sabão, a usar tamancos. Era áspera a caminhada.

Seu único alento era esperar a noite, olhar para as estrelas, seguir o caminho que elas lhe determinavam e sonhar com a ventura que sentiria ao se aproximar do lugar deserto.

Valorizaria de outra forma a segurança do teto, o fogo da fornalha, as mãos que apertassem, os braços que enlaçassem.

Antegozava o calor do convívio com as pessoas amadas e, para não perecer, recordava... Lembrava-se de cada detalhe, de vozes, de passagens lindas que o faziam agarrar-se à vida.

E se perguntava: até quando? Não seria amanhã ainda. Talvez, quem sabe, depois de amanhã?

Rezava e pedia forças para suportar as agruras, para sobreviver à fome e à sede e chegar maltrapilho, exausto, àquele lugar que agora se lhe afigurava o paraíso. E a esperança aquecia o seu coração. Era só chegar a noite e ele se sentia viver de novo.



5 de dezembro de 1977

Agora que já se aproximava o fim, agora que, com mais um pouco de esforço alcançaria a meta desejada, sentia aproximar-se também o fim das suas forças. O corpo se

negava a qualquer esforço. A febre subia e, por causa dela, delirava, tinha visões. Em meio ao calor insuportável do dia, sentia-se arrepiar de frio. E as horas custavam a passar. A cabeça lhe doía de estourar. Todos os músculos do corpo doíam. Já não sentia fome ou sede.

Só queria estar deitado, quieto, esperando... No entanto, tinha a certeza de estar no caminho certo e próximo.

Talvez, quem sabe, quando chegasse a noite, o tempo refrescaria, a constelação apareceria e aí... quem sabe? Ansiosamente perquiria a trajetória do sol. Teve um momento de alegria quase, quando o viu no poente. Sentiu quase com volúpia o mato escuro estreitar a terra num abraço. Mas... as estrelas?

Onde estariam elas? Com um esforço sobre-humano mudou um pouco a posição da cabeça para melhor observar. Nem uma. O céu saturno e tétrico, de uma escuridão terrível, encheu-o de pavor. Não resistiria a mais uma tempestade.

Poucas horas de caminhada o separavam de tudo aquilo que amava, daqueles que lhe eram tão queridos.

Reuniu todas as suas forças, para rezar. Cristo, na certa, não o desampararia, logo agora que antecipava a alegria de um abraço amoroso, de um beijo terno. Não, com certeza, se não pudesse andar, alguém o encontraria ali. Que Deus preservasse a sua vida até que isso acontecesse.



6 de fevereiro de 1977

O dia amanheceu quente como os demais. Fazendo um esforço muito grande, amparado por uma fé enorme e por enorme força de vontade, o caminheiro se ergue e caminha. À medida que se aproxima, sente-se reanimar.

Conseguiria chegar. Lança-se extenuado nos braços de seus entes queridos, sacia sua fome, aplaca sua sede e queda-se morto de fadiga em seu leito. Mais do que nunca, agradece a Deus a felicidade de amar e ser amado. Só o Amor lhe dera forças para vencer tudo.

17. Pensamentos

A verdadeira amizade é tão rara como a pérola encontrada no fundo do mar. Como a pérola, tem um valor incalculável.

A vida é como a rosa. Linda na sua essência, mas também cheia de espinhos. Apesar deles vale a pena viver, como vale a pena obter a rosa.

As montanhas existem para valorizarem as planícies. Assim também é a vida: os obstáculos existem para valorizar a felicidade.

A lágrima acrisolada no coração, aquela que nunca chegou aos olhos, atinge fulgurações mais intensas que as do diamante.

Todo sofrimento aceito com resignação é um passo largo dado no sentido da evolução espiritual.

A chuva é o pranto da natureza para fertilizar a Terra; o pranto que derramamos é o lamento fertilizador de nossos sentimentos.

Aquele que enfrenta a alegria e o sofrimento com a mesma naturalidade pode estar certo de que cresceu na direção do Cristo.

Aquele que se detém à margem do caminho para se lamentar, fatalmente não terá nenhuma chance de atingir o objetivo colimado.

Maior que todas as vicissitudes terrenas, maior que a imensidão do oceano, que a amplidão do céu, que o próprio infinito, é o amor do criador pela sua criatura.

Há tantos juízes no mundo que, não fosse pelo fato de serem eles mesmos réus de outras circunstâncias, não haveria ninguém para ser julgado.

Cada dia é uma promessa de felicidade, é uma potencialidade de alegria. Assim como o sol, renascem as esperanças a cada manhã.

Na sua Infinita Misericórdia, Deus fez o pranto e o riso; a flor e o espinho; a doença e a saúde; o morro e o vale; o dia e a noite. Na antítese desses valores, aprendemos a ressaltar o positivo.

O amor nos conduz para o cume de montes inacessíveis, nos colocando, assim, pertinho do céu, em comunhão com as estrelas, na intimidade da lua.

A vida e a morte são apenas diferentes prismas através dos quais se veem as coisas.

Os sentimentos mais sublimes, se bem cultivados, são como as árvores que criam raízes profundas e fortes. Não se abatem com as procelas e só mesmo um vendaval poderá arrancá-las.

Quem não quiser receber críticas e censuras, basta que não viva: vegete à sombra, estagne, não fale, não aja, não pense.

O amor, a música, a criança, a flor são provas concretas, palpáveis do amor de Deus à humanidade.

Tolo é quem diz não ter ilusões: a vida, em si, é a maior das ilusões.

Não se pode pretender encontrar água em um cântaro que se esqueceu de encher.

Quem não amou, não sofreu, não se alegrou, não pode dizer que tenha vivido.

A vida é toda ela uma expectativa: em compasso de espera. O segredo é não desesperar.

Quem dera pudéssemos morrer como o sol, deixando no espaço toda uma sinfonia: de cores e beleza.



Pessimista é aquele que, ao contemplar o céu límpido e azul, é capaz de adivinhar nuvens carregadas de mau preságio.

Quando vires uma flor desabrochando à margem da estrada não indagues o porquê e o para quê.

Sente-a.

18. A mulher brasileira (Texto teatral)

Senhores, senhores,

Não é uma história nova que vamos lhes contar através do nosso show: talvez seja uma velha história contada de um modo novo.

Trata-se do árduo e doloroso caminho percorrido pela mulher no sentido da sua emancipação, de sua identidade de ser humano, da ocupação do seu espaço no mundo atual, mostrado através da Música Popular Brasileira, encarando o problema de maneira descontraída e alegre, pois, afinal de contas, apesar de todos os pesares, algumas conquistas e vitórias foram conseguidas por ela.

Vejamos, pois:

1. Acorda Maria Bonita

Narrador: Nem a valente Maria Bonita, companheira de Lampião, o Rei do Cangaço, escapou de sua sina de ser a doméstica, a responsável pela cozinha, em pleno sertão nordestino.

Encenação: Coreografia – Moças vestidas de cangaceiras, com armas, revólver na cinta e com um coador de café na mão.

Música: Acorda Maria Bonita

Letra: Rolando Boldrin

Composição: Antônio dos Santos.
Interpretação: Rolando Boldrin

O livro de Isis

*Acorda Maria Bonita
Levanta vai fazer o café
O dia já vem raiando
E a Polícia já tá de pé*

*Se eu soubesse que chorando
Empato a tua viagem
Meus olhos eram dois rios
Que não lhe davam passagem*

*Cabelos pretos anelados
Olhos castanhos, delicados
Quem não ama a cor morena
Morre cego e não vê nada.*

113



2. Lata d'água

Narrador: E é ainda a mesma Maria sofrida que sobe o morro em direção à sua casa, buscando a água para o consumo diário.

Encenação: Coreografia – Mulheres com a lata na cabeça, meninos pela mão. Só, passam vagarosa e penosamente.

Música: Lata d'água

Composição: Luis Antônio e Jota Jr

Interpretação: Marlene

Lata d'água na cabeça

Lá vai Maria

Lá vai Maria

Sobe o morro e não se cansa

pela mão leva a criança

Lá vai Maria

Maria, lava roupa lá no alto lutando,

pelo pão de cada dia

sonhando, com a vida do asfalto

que acaba, onde o morro principia.

3. Izaura

Narrador: Mas, apesar disto, éramos cantadas em prosa e verso. Afinal de contas, éramos as domésticas e as musas inspiradoras das mais pungentes “fossas”. Cozinheiras e amantes, tornando-nos imprescindíveis.

Sem encenação: somente música

Música: Izaura

Composição: Herivelto Martins e Roberto Roberti

Interpretação: Cyro Monteiro

*Ai, ai, ai, Izaura
Hoje eu não posso ficar
Se eu cair nos seus braços
Não há despertador
Que me faça acordar
Eu vou trabalhar
O trabalho é um dever
Todos devem respeitar
Oh! Izaura, me desculpe
No domingo eu vou voltar
Seu carinho é muito bom
Ninguém pode contestar
Se você quiser eu fico
Mas vai me prejudicar
Eu vou trabalhar*

4. Januária

Narrador: E a pobre Januária, apesar de tão homenageada, permaneceu na janela, sem a mínima participação na vida que passava.

Encenação: Uma moça na janela (vida) muito adornada, com uma faixa de miss.

Música: Januária

Composição e Interpretação: Chico Buarque

*Toda gente homenageia
Januária na janela
Até o mar faz maré cheia
Pra chegar mais perto dela
O pessoal desce na areia
E batuca por aquela
Que malvada se penteia
E não escuta quem apela
Quem madruga sempre encontra
Januária na janela*

Mesmo o sol quando desponta

Logo aponta os lábios dela

Ela faz, que não dá conta

De sua graça tão singela

O pessoal se desaponta

Vai pro mar, levanta vela

5. A Rita

Narrador: E você, Rita? Que ingratidão! Ele havia construído um ninho de amor para você e você “deu no pé”! Coitado!

Encenação: Uma mulher triste e desolada assentada na cama.

Música: A Rita

Composição e Interpretação: Chico Buarque

A Rita levou meu sorriso

No sorriso dela, meu assunto

Levou junto com ela o que me é de direito

Arrancou-me do peito e tem mais:

Levou seu retrato, seu trapo,

Seu prato, que papel!

Uma imagem de São Francisco

E um bom disco de Noel

A Rita matou nosso amor de vingança

Nem herança deixou

Não levou um tostão porque não tinha não

Mas causou perdas e danos

Levou os meus planos, meus pobres enganos

Os meus vinte anos, o meu coração

E além de tudo me deixou mudo o violão

A Rita...

6. A Conceição

Narrador: A Conceição, pobre mulher! Vítima de uma estrutura social sonhava com coisas que lhe eram inacessíveis, tentando buscá-las, perdeu sua identidade, foi usada, tornou-se uma infeliz e, hoje, pagaria muito para ser a mulher simples do morro, voltar às suas origens.

Encenação: Moça humilde sonhadora vestida humildemente (por cima). De repente, arranca a roupa de cima e está (por baixo) com uma roupa de tango (saia justa, aberta) coloca uma peruca loura, e, rodeada por muitos homens, dança o tango, toma uns tapas e, ao fim da música, tira a peruca e mostra a inutilidade do caminho que trilhou.

Música: Conceição

Composição: Dunga (Valdemar de Abreu) e Jair Amorim

Interpretação: Cauby Peixoto

Conceição

Eu me lembro muito bem

Vivia no morro a sonhar

Com coisas que o morro não tem

Foi então

Que lá em cima apareceu

Alguém que lhe disse a sorrir

Que, descendo à cidade, ela iria subir

Se subiu

Ninguém sabe, ninguém viu

Pois hoje o seu nome mudou

E estranhos caminhos pisou

Só eu sei

Que tentando a subida, descen

E agora daria um milhão

Para ser outra vez

Conceição

7. Emília

Narrador: E a mulher utilitária, a mulher-mobiliário, mulher escrava, a Emília do sambinha? Com ela, o homem não pode viver; mas também não sabe viver sem ela. Vive dela. A satisfação, o prazer é conseguido com outra. A ela cabem as tarefas da casa. E se dá por muito feliz por uma noite de amor, de prazer, de vez em quando.

Sem encenação: somente música

Música: Emília

Composição: Mário Iago

Interpretação: Cyro Monteiro

*Quero uma mulher
Que saiba lavar e cozinhar
E de manhã cedo
Me acorde na hora de trabalhar
Só existe uma
E sem ela eu não vivo em paz
Emília, Emília, Emília
Não posso mais
Ninguém sabe igual a ela
Preparar o meu café
Não desfazendo das outras
Emília é mulher
Papai do céu é quem sabe
A falta que ela me faz
Emília, Emília, Emília
Não posso mais*

8. Cotidiano

Narrador: A mulher, à falta de se localizar, de assumir sua identidade, ela se torna repetitiva no cotidiano. Submissa, ela não se permite ser feliz. Torna-se, por isso, enfadonha, sem surpresas, identifica-se com o próprio dia a dia. É a mulher relógio.

Encenação: Relógio enorme. Mulher desperta o marido às 6h, sorri, café (bule exagerado) boca de café – boca de feijão, boca de paixão (vampiro).

Música: Cotidiano

Composição e Interpretação: Chico Buarque

*Todo dia ela faz
Tudo sempre igual
Me sacode
Às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca
De hortelã...
Todo dia ela diz
Que é pr'eu me cuidar
E essas coisas que diz
Toda mulher
Diz que está me esperando
Pr'o jantar
E me beija com a boca
De café...
Todo dia eu só penso
Em poder parar
Meio-dia eu só penso
Em dizer não
Depois penso na vida
Pra levar
E me calo com a boca
De feijão...
Seis da tarde
Como era de se esperar
Ela pega
E me espera no portão
Diz que está muito louca
Pra beijar
E me beija com a boca*

De paixão...

Toda noite ela diz

Pr'eu não me afastar

Meia-noite ela jura eterno amor

E me aperta pr'eu quase sufocar

E me morde com a boca de pavor...

9. Carolina

Narrador: O homem, coitado, tentou mostrar para a mulher que ela tinha que assumir o seu papel, que era necessário que ela participasse, mas ela preferiu ficar à margem da vida.

Encenação: Slides (fome, miséria, crianças desnutridas em contraposição a crianças felizes, flores nascendo, dia de sol, água de rio, uma luz de vela – a tela em branco)

Música: Carolina

Composição e Interpretação: Chico Buarque

*Carolina, nos seus olhos fundos guarda tanta dor, a
dor de todo esse mundo*

*Eu já lhe expliquei, que não vai dar, seu pranto
não vai nada ajudar*

*Eu já convidei para dançar, é hora, já sei, de
aproveitar*

*Lá fora, amor, uma rosa nasceu, todo mundo
sambou, uma estrela caiu*

*Eu bem que mostrei sorrindo, pela janela, ah que
lindo*

Mas Carolina não viu...

*Carolina, nos seus olhos tristes, guarda tanto amor,
o amor que já não existe,*

*Eu bem que avisei, vai acabar, de tudo lhe dei
para aceitar*

*Mil versos cantei pra lhe agradecer, agora não sei
como explicar*

*Lá fora, amor, uma rosa morreu, uma festa
acabou, nosso barco partiu
Eu bem que mostrei a ela, o tempo passou na
janela e só Carolina não viu.*

10. Caso do Vestido

Narrador: O homem continua tendo todos os direitos, às mulheres restam as obrigações. O homem pode ter mil mulheres; ai da mulher que sair fora “da moral e dos bons costumes”. E a sociedade machista ainda afirma: “Ele é muito bom, não deixa faltar nada em casa”

Encenação: Homem entra dentro da própria casa com outra; passa por cima da mulher com um esparadrapo na boca para não falar e vai para o quarto do casal com a outra. (declamação de fragmentos do poema “O caso do vestido”, de Carlos Drummond de Andrade)

Fragmentos do poema “O Caso do Vestido”

Carlos Drummond de Andrade

Nova Reunião – 19 Livros de Poesia. José Olympio Editora, 1985, p. 157.

*Nossa mãe, o que é aquele vestido, naquele prego?
Minhas filhas, boca presa. Vosso pai evém chegando.
Minhas filhas, escutai palavras de minha boca.
O vestido, nesse prego, está morto, sossegado.
Era uma dona de longe, vosso pai enamorou-se.
Mas a dona nem ligou. Então vosso pai, irado, me pediu que lhe
pedisse, a essa dona tão perversa, que tivesse paciência e fosse
dormir com ele...
Minhas filhas, procurei aquela mulher do demo.
E lhe roguei que aplacasse de meu marido a vontade.
Vosso pai sumiu no mundo.
O mundo é grande e pequeno.
Um dia a dona soberba me aparece já sem nada.
Dona, me disse baixinho, não te dou vosso marido, que não sei
onde ele anda. Mas te dou este vestido.*

Peguei o vestido, pus nesse prego da parede.

Ela se foi de mansinho e já na ponta da estrada vosso pai aparecia. Olhou pra mim em silêncio, mal reparou no vestido e disse apenas: — Mulher, põe mais um prato na mesa. Eu fiz, ele se assentou, comeu, limpou o suor, era sempre o mesmo homem, comia meio de lado e nem estava mais velho.

O barulho da comida na boca, me acalentava, me dava uma grande paz, um sentimento esquisito de que tudo foi um sonho, vestido não há... nem nada.

Minhas filhas, vosso pai chega ao pátio. Disfarçamos.

Minhas filhas, eis que ouço vosso pai subindo a escada.

11. A rainha do lar

Narrador: A única profissão que a mulher podia exercer era a de professora. Lidando com crianças, ela se conservava imune ao disse-me-disse da sociedade. Não havia o que reprimir nessa profissão. Por outro lado, a mulher cuja profissão é ser somente “a rainha do lar” pode se tornar autoritária despejando sua neurose no marido, que a reproduz no seu trabalho tornando-se alvo de comentários.

Encenação – A professora na sala de aula, chegando com o dedo no nariz do aluno; em casa, o marido chegando com o dedo no seu nariz. Sugestão: Pode-se também projetar a cena do filme *The Wall*, no qual a música *The Happiest Days of Our Lives*, de Pink Floyd, é pano de fundo. O personagem da cena é um professor autoritário, que reproduzia na sala de aula o autoritarismo de sua mulher. A ironia é evidente no título da música. Ao final da exibição do fragmento do filme, projetar a letra da música em inglês e português.

CAPÍTULO IV

CONVERSANDO SOBRE A NEUROSE COLETIVA



*P*or que uma pessoa leiga se mete a escrever sobre área tão específica? Bem certo é o ditado: "Cada macaco no seu galho".



Ao centro, Gustavo; da esquerda para a direita, Rose H e Libério.

1. Aqueles que morreram e não foram enterrados

Por que uma pessoa leiga se mete a escrever sobre área tão específica? Bem certo é o ditado: “Cada macaco no seu galho”.

No entanto, aqui estão alguns escritos. Despretensiosos, talvez com pouco ou nenhum valor literário. Não tenho muitas veleidades.

Não sei se veio à luz ou foi parido por força da preocupação com a epidemia que assola os homens e de cuja existência eles não se dão conta.

Existe um germe solto no ar provocando uma “dança geral” das cabeças.

Pessoas consideradas “normais” (e aí caberia toda uma discussão sobre o conceito de normalidade) “embarcam” em relações confusas, impulsivas, mórbidas e delas não sabem sair; outra hora são vítimas de um psicomatismo tremendo, internadas em manicômios, ao sabor do despotismo dos profissionais que creem poder curar os “grilos” com doses excessivas de psicotrópicos e eletro-choques.

Transformados em doentes mentais crônicos, sem vontade própria, farrapos humanos que adentraram um caminho inóspito cuja volta é impraticável, integram o bloco daqueles que morreram e não foram enterrados.

Pessoas infelizes, angustiadas, deprimidas têm cruzado o meu caminho, ora numa convivência mais estreita que me faz sofrer os efeitos de seu estado, ora através de relatos em que se pode claramente apreender o estado mórbido em que se encontram.

Narrar essas experiências, a de advertência, talvez seja o escopo desses registros, em que não se pretende nenhum

aprofundamento psicológico ou psicanalítico: é a visão curiosa de uma leiga assustada pela frequência com que se percebem tais procedimentos.

E qual seria o antídoto para tal veneno? Existiria ou estamos todos fadados à sua inoculação, gerando uma grande neurose coletiva?

Eis que, então, está sendo normal sermos neuróticos.

Pense sobre isso, leitor amigo, cuide de sua cabeça e me perdoe por “meter o bedelho” na seara alheia...

2. Tudo vai recomeçar

– Já te avisei que não te quero em reuniões políticas.

Essas palavras já foram acompanhadas com gestos de agressão. E assim começou a luta corporal acirrada que deixou mulher de olho roxo e marido de cara arranhada. As crianças apavoradas refugiam-se atrás das portas e, no momento em que o homem caiu, o mais velho pôs-se a gritar:

– Você matou meu pai! Vamos fugir, mamãe!

Ficou certo para ela que aquela era a última cena que aguentaria. Pediria o desquite.

Em reflexão, trancada no seu quarto, reviu toda a sua vida conjugal.

Casara aos 17 anos com um homem que tinha o dobro de sua idade, ela, uma morena bonita, baliza e porta bandeira nos desfiles cívicos e desportivos; ele, preto, feio e muito mais velho. Estaria, então, apaixonada? Não, nunca o amara.

Amuada porque o pai não lhe permitiria o namoro com o filho do prefeito da cidade de interior onde moravam, teve,

durante o período de “fossa” e rebeldia, toda a atenção desse rapaz que a mimava e lhe dava presente.

Sabendo o pai racista por excelência e já o tendo ouvido proferir palavras de extrema desaprovação às suas possíveis intenções, pedir-lhe em casamento. Era o meio mais eficaz de se vingar do pai todo o sofrimento a que a submetera.

No princípio, a descoberta do sexo, a brincadeira de ser dona de casa a encantaram. Com ele, se sentia protegida. Depois, mais consciente, a vontade de viver a sua vida.

Estudou, começou a trabalhar para ajudar em casa e o ciúme começou a tomar conta dele. Interessando-se pela política, em discussões com os colegas, optou por essa militância.

Ele a fazer cenas porque ela deixava as crianças, chegava tarde em casa; e a ânsia de viver, maior que ela, a impeli-la para fora de casa. A casa que significava para ela a prisão, a limitação.

E mais brigas e a tentativa de suicídio por parte dele: a ingestão de comprimidos soporíferos em quantidade.

Nora recua amedrontada por uns tempos. Tudo parecia entrar nos eixos, mas a vida, as obrigações contraídas a chamavam lá fora.

Detalhe interessante: apesar de mais velho e do machismo, quem tomava todas as providências para a sobrevivência da casa era ela. Faltava dinheiro? Cabia a ela pedir emprestado ou vender algo, enfim se virar. A faculdade dele estava atrasada e ele não poderia fazer prova? Ela é que tinha que se deslocar e propor pagar com um cheque pré-datado ou pedir um adiamento da prova. A mãe dele adoecia? Ela tinha que providenciar o transporte para que ela viesse para o hospital da Capital.

Em contrapartida, ele tomava conta das crianças, dava remédio na hora certa e cobrava dela a falta de amor pelos filhos.

Cada vez menos ela gostava de voltar para casa. Espírito serviçal, socorria a todos os amigos em suas horas de necessidade. Ia ao médico com uma, arranjava empregada para outra, punha a casa da outra em ordem. Só não podia perder o último ônibus para casa.

Outra tentativa de suicídio: ele ingerira, na época, ácido de pilha. Hospital, médicos, remédios, o sentimento de culpa a fazê-la recuar novamente e forçar sua natureza para ser uma mulher do lar.

No afã de resolver a sua vida, ela havia aberto uma loja, mas dando muitas aulas e sem dedicação da parte dela, o negócio não deu certo. Dificuldades financeiras, dívidas, o machismo terrivelmente ferido, ele quis levantar certa manhã e não deu conta. Estava paralítico da cintura para baixo. Novamente hospital, dezenas de radiografias, remédios vários, assistência médica e nada de se constatar uma causa física.

- “Psicossomatismo”, diz o médico, “puro sintoma físico de uma cabeça neurotizada”.

No hospital, as perguntas de sempre:

- “Com quem você vai dormir esta noite? Pode dizer, sei que você não vai para casa. Vai deixar as crianças sozinhas como sempre”.

Sua cabeça começa a fraquejar. Ela reage. E, revoltada, não desmente a hipótese por pura insubmissão.

Depois de prolongado tratamento, ele reage.

Para piorar tudo, a mãe dele é acometida de câncer. Ela providencia a sua remoção, o seu internamento e lhe dá

a assistência necessária, com cuidado para que ela, à espera da morte, não tome conhecimento do seu drama.

As crianças adoecem, ela própria não anda boa de saúde. Começa a cair num estado de stress e sonha estar resolvendo os problemas e, no dia seguinte, jura que os resolveu todos. Assim, sonha que foi ao dentista e lá comparece no dia seguinte, teimando que lá esteve quando advertida pela profissional.

Volta ao presente. Sente a necessidade de colocar um fim à situação. Resolve viajar por um fim de semana. Na saída, ele, dramático, faz mil apelos, pede perdão e, como ela não cede, faz de conta que enfia uma faca no coração. Desta vez, ela olha com certa pena e consegue dizer apenas: "Que ridículo!"

E não retroage.

Quer passar nem que seja um fim de semana despreocupada.

Quer viver uma fantasia. Avisa a todos os amigos da cidade para onde se dirigiu e que mudou de nome. Chama-se Vitória agora. Diverte-se, bebe muito e, na véspera de vir embora, do seu sonho terminar, resolve não dormir para aproveitar mais o seu tempo. Passa a noite na beira da lagoa, quer ver o sol nascer. Chora muito, limpa a sua alma e volta. Morre Vitória, ressurge Nora.

Vai ao advogado e pede, por seu intermédio, ao juiz a separação de corpos e o desquite. Evita vê-lo. Tranca-se dentro do quarto.

Para se vingar (ela havia conseguido um dinheiro emprestado para pagar a prestação da casa em nome dele), ele se nega a pagar a prestação: "Você quer a casa, pois providencie o seu pagamento".

Ela se mantém firme no seu propósito, até que ele volta à carga:

– “Nora, eu não posso viver sem você. Juro que vou me mudar, mas me dê mais uma chance. Pedirei desculpas a todo mundo que ofendi, pedirei perdão pelo que lhe fiz. Você terá toda a liberdade, mas não me deixe. A gente muda daqui, começa vida nova. Eu lhe prometo que será tudo diferente. Minha mãe vem para nossa casa, ela precisa de nós, está para morrer”.

E ela que não cedera a uma chantagem pior (a ameaça de suicidar e matar todas as crianças), começa a refletir na possibilidade de reconstruir o seu lar.

Afinal, o juiz lhe havia dito, paternalmente: “Minha filha, você agora é jovem, mas quando vocês envelhecerem serão um pelo outro, pense nisso”.

E há quem ache que é fácil desfazer uma relação neurótica!

Ela fica. Com a certeza de que tudo vai recomeçar. De certa forma, essa é a vida a que está acostumada.

3. Mulher ou mãe?

Não conhecera o pai. Fora fruto de uma aventura durante a guerra.

A mãe, figura frágil, mignon, não achou certo, porque não tinha recursos ou porque queria viver a sua vida, arcar com a responsabilidade de um filho.

Entregou-o ao estado e ele teria sido criado pelas babás do governo. Lembra-se com carinho de uma ou outra que teria realmente lhe dado atenção. Com muito mais intensidade, lembra-se daquelas que o privavam do jantar por qualquer falta, por mais leve ou o tratavam com uma

alimentação digna de couchon. De uma dessas casas teria fugido, motivando a polícia a procurá-lo.

Encontrado, denunciou os maus tratos e trocou outra vez de “mãe”.

Inteligente, ia bem nos estudos, tendo atingido o término de um curso técnico. E faria o superior se sua mãe não surgisse novamente em sua vida, reclamando seus direitos e brigando com o governo para lhe restituir a tutela do filho.

Para que? É uma pergunta que até hoje ele se faz. E se a resposta não fosse o utilitarismo, não acharia outra.

De emprego em emprego, nada tendo o que o ligasse à mãe, resolve se casar. A moça era bonita, esbelta, inteligente. Deu-lhe um filho e daria dois se ele, com suas próprias mãos, não houvesse impedido seu nascimento. A mulher se transformou na mãe e, fatalmente, abandonaria a criança. Era preciso evitar isso.

A cumplicidade no crime (ao qual ela se submeteu revoltada e em pranto), o complexo de culpa conduziram-no fatalmente à separação. Afinal, ela havia engordado muito, já não era a sua boneca e isso era uma falta de consideração com ele que se conservava um atleta e bonito.

Bem sucedido na vida, dono de uma empresa média, deixa-se apaixonar por uma húngara, filha de uma família preconceituosa que não admitia a filha às voltas com um desquitado.

Montou-lhe um apartamento, para vê-lo, exigindo que, no dia seguinte, ela se mudasse para lá.

Ante a expectativa de ser deserdada de uma fortuna fabulosa, ela se recusou.

Novamente a mãe lhe fugia.

Pôs fogo no apartamento, tomou um “pileque” daqueles e acordou num navio que o traria ao Brasil.



– Mon Dieu, où est-ce que je suis?

Je ne parle pas portugais.

Je n’ais pas de documents.

E aqui, clandestino, estrangeiro, sem nenhum meio de sobrevivência, comeu capim, tirou o couro dos pés, fazendo enormes trajetos a pé, passou fome e frio.

Submeteu-se a meia dúzia de subempregos onde lhe eram dados a comida e os cigarros. Não podia reclamar: não tinha visto de permanência e, conseqüentemente nem carteira assinada, nem direito algum.

Tomou gosto pela cachaça. Através dela, fugia, ficava valente, sacava armas, ia preso.

Foi marceneiro, gerente de bar, armou fornos para a empresa.

Em seus esforços, agradava, fazia comidas gostosas para os patrões, sempre como um escravo.

Numa cidade do interior de Minas, agasalhado por um amigo companheiro de bebida, parecia que a vida ia melhorar.

Nessa época, “transava” também com a doméstica do dono da casa e tudo se resolvia em família.

Foi quando conheceu Ivone e, com ela, todo um apelo de crescimento e segurança como no regaço da mãe. A diferença de idades colaborava para tal.

Imediatamente, caiu em dependência. Almoçavam juntos e ela pagava a conta. Estava em situação difícil e ela

lhe emprestava dinheiro. Fizeram um passeio à praia e ela custeou a viagem.

Na hora de se encontrarem na cama, porém, o problema estava criado. Ele, impotente, substituindo por mil outros carinhos o prazer que queria lhe dar.

Ao invés de assumir o seu próprio problema, projetava-o na parceira.

Se viajava e, chegando, não a encontrava, tomava uma bebedeira, criava casos, recriminava-a pelo abandono (a ela ou à mãe?)

A mãe, que lhe havia renegado, surgia em toda a plenitude.

Se ela era ardorosa, acusava-a por isto; se era mais passiva, acusava-a ainda mais.

Queria que ela fosse exatamente o que ele queria que ela fosse naquele momento exato.

E se, num tempo dilatado, conseguiu atingir o orgasmo por duas ou três vezes foi o muito.

As relações se estremeciam cada vez mais, até o basta da parte dela.

Afinal, ela também sentia os seus complexos, que eram agravados a cada tentativa de aproximação.

No passado, os nervos em frangalhos, os músculos que pulavam a cada vez que, na época da clandestinidade, se aproximava um policial que podia lhe exigir documentos, consumiram a virilidade do gringo, sensual na teoria, mas praticamente um impotente.

Uma vez, passado algum tempo, telefonou-lhe. Precisava estar com ela, não estava bem, tinha feito uma loucura.

Encontraram-se e ele lhe contou, com muito medo de feri-la, que havia assumido a responsabilidade da preta doméstica de quem separara por influência de Ivone. Ela o ouviu, sorriu, desejou-lhe boa sorte com um comentário irônico: “Vocês se merecem, fazem um belo par!”

E por mais que ele lhe implorasse que ficasse junto a ele, que não o abandonasse, ela o deixou, bastante alcoolizado, em meio à avenida.

Não por falta de solidariedade, mas por sentir que não podia lutar contra a sua mãe.

4. Agora, ele não era nem Deus, nem diabo, nem gente

Não. Decididamente ele não podia perdoar! Ela quisera mesmo a separação e aproveitara do seu internamento naquela clínica, do seu decaupramento físico e mental. Era tão linda!

As pernas grossas à vista com as curtíssimas minis-saias, o perfil que o levava a chamar a atenção da mãe: “Olhe, mamãe, que perfil divino, grego, perfeito!” Gostosa na cama, se bem que sua rígida criação religiosa, sua formação moral impecável, nunca o deixara sair do tradicional nas relações sexuais. Ela não se importaria, tinha certeza. Mas, ela era esquizofrênica, paranóica e o escravizava no dia a dia. Ele era o motorista, lavava pratos, polia a casa. Na verdade, antes de casar ela armara uma cena de ciúmes, quando o viu conversando com a companheira com quem ela morava. Mais tarde, viria a entender que eram ciúmes dela e não dele. Lésbica ela? Sabe lá! Família de tarados, a dela. Consanguinidade, promiscuidade, tudo assim, feio, atingindo em cheio a sua formação moral e humanística.

Ela mesma não confessara estar interessada no seu próprio tio? Se transaram, ele não sabe. Mas, agora foi demais. Os dois filhos que conseguira extrair dela, muito contra a sua vontade (tentara abortá-los, com um pavor mórbido de alterações sanguíneas), ela levou para outro estado sem deixar nem o endereço. Cadela! Logo após deixá-lo, estava às voltas com outro homem mais jovem que ela, um estudante!

Anunciou para ele uma gravidez, e correu para esconder a barriga, carregando seus filhos. E o ódio consumindo seu corpo, seu coração, sua potencialidade de homem. Envelhecido precocemente, ele alimentava a tênue chama da vida com seu rancor, com sua revolta. Generalizava o sentimento doentio a todas as mulheres. Daí, as críticas acerbas à sua mãe. Foi ela que deixou, segundo ele, seu pai morrer à míngua. Era fria, não gostava de conviver com ninguém. Seu pai era seu herói. Chegava até a esquecer os choques violentos entre os dois; não queria lembrar que fora a causa de tremendas preocupações do pai, com sua determinação de ser um artista; não queria lembrar que, no dia em que o pai passou mal e veio a morrer, ele relutou em levantar, em ajudar a tomar as providências necessárias porque havia extraído um dente.

Perdera peso, quase não se alimentava e assustava as pessoas. Vivia de sua luz. Com ela, comandava a natureza e se sentia um moderno São Francisco de Assis. Estava, assim, acima dos mortais e era feliz.

Mas, ela não. Era doída. Criava caso com todo mundo. Prejudicava-o no serviço, tirava-o dali para resolver qualquer "picuinha". E quando ficava nervosa, tensa, corria para o banheiro e ejaculava pelas pernas abaixo. Porque, segundo ele, cientificamente, orgasmos eram, nada mais, nada menos que o resultado de tensões nervosas e musculares.

Povo maluco, aquele tio apavora mocinhas no interior do elevador, expondo o pênis e tentando aproximá-lo das meninas. Os primos mongolóides de babar. Mas o sangue nobre não se maculava. E o irmão ladrão estelionatário? Graças a Deus, na família dele era tudo normalzinho e a irmã só havia se internado numa clínica por falta de compreensão. Mas ele haveria de desmascarar. Chegava até a esquecer os choques violentos havidos entre os dois; não queria lembrar que fora a causa de tremendas preocupações do pai, com sua determinação de ser um artista; não queria lembrar que, no dia em que o pai passou mal e veio a morrer, ele relutou em levantar para ajudar a tomar as providências necessárias porque havia extraído um dente.

E quem conta que, muitas vezes, o bate-boca quase chegou às vias de fato deve estar enganado. O pai morrera e era homem. Ficara a mãe, a mulher, que, por essa condição, sofria todo o tipo de perseguição. Quem poderia perdoar uma pessoa que o internara num hospital de loucos? Havia o detalhe do pedido do médico para que isso se desse e depressa, mas era apenas um detalhe.

Ele era um iluminado. Houve tempo em que, de sua frente, saía um foco de luz tão intenso que o espantava. Nessa ocasião, ele era capaz de parar um motor de carro, levantar um gato do chão, paralisar incômodos, etc. Conversava com as plantas e vivia em êxtase.

De princípio, relutou em estar com os filhos que o chamavam pelo nome do outro. Depois, com muita insistência, voltara a buscá-los aos domingos. Mas ela não confiava nele e fazia exigências. Ele não tinha dinheiro, muitas vezes pediu-o a uma amiga. A uma mulher! Odiava-se, odiava o fato, odiava a amiga que sempre solícita o socorrera nas horas difíceis. E eram todas difíceis. Depois, habituado à prática de passar os domingos com os filhos, a prostituta da mulher inventa carregá-los.

Veria um advogado. Tra-los-ia de volta. Mas, de repente não queria advogado para rever os filhos e sim para destruí-la, eles estão correndo perigo de trauma e ela teria que pagar por isto, seria presa, morta (ou quem sabe viveria para ele?) ela era tão linda, tão gostosa, dormindo com outro homem, se empenhando dele.

Deus o livre, ele a odiava, não queria nem vê-la. Sentia-se o mais sofredor dos homens e nenhuma tragédia grega (ele amava os gregos) era mais trágica que a dele, coitado, traído (ele a tinha amado tanto), aviltado, e ela dormindo com outro, fazendo filho com ele, traindo o juramento que havia feito de “até que a morte nos separe”, puta ela, ele ia pedir ao tribunal eclesiástico que o liberasse do casamento porque ele tinha formação. Só que as novenas para São Geraldo não estavam surtindo efeito e ele falava contra Deus, duvidava dele, dizia-se cheio, mas com o tempo certo para a intervenção de terceiros. Precisava de dinheiro e os cunhados trocavam de carro todo o ano, as irmãs estavam bem situadas, bem empregadas, mas ele nunca seria empregado mais, largara o cargo até vantajoso, mas ninguém o exploraria, ele tinha planos mirabolantes para viver de sua arte, mas a sociedade era corrupta, e ele vivia pedindo às pessoas licença para se corromper, porque, assim, teria dinheiro. E ninguém sabia se queria arranjar um emprego. Ensinava a todos como viver, tinha normas corretas e verdadeiras, era o dono da verdade e a todo o momento vertia todo o conhecimento de todos os teóricos de qualquer matéria, mas não extraía da vida as suas próprias experiências. Brigara com o mundo, com a direita, com a esquerda, com o centro, com os psicólogos (mas citava também todas as suas teorias no seu ar professoral).

E lá dentro, o ódio que excluía toda e qualquer possibilidade de êxito em qualquer negócio que empreendesse. D. Quixote moderno avançava em moinhos de vento,

acreditando-os gigantes. E a saúde dos filhos e atrás disso, o ódio da mulher.

Sentado numa cadeira, na casa da mãe, afundara-se em si mesmo e no seu ódio e se recusava a participar do processo da vida.

Tinha cheiro de defunto, falava (quando o fazia) como um guru, detendo toda a sabedoria do mundo. Um belo dia começou a se despir com o propósito de submeter a própria irmã a uma relação sexual. A família saiu toda apavorada. E ele foi parar no hospício. Isto não tinha a menor importância: agora ele era Deus, poderia destruir o manicômio e sair de lá quando quisesse...

Daí se seguiram as doses excessivas de psicotrópicos, os eletrochoques, a cronicidade da doença. Agora, ele não é nem Deus, nem Diabo, nem gente. É um trapo que não age, nem pensa, nem vive.

5. Trinta anos se passaram

Rodolfo descia a rua e ela a subia. Há quanto tempo não se encontrava com ela, sua namoradina de 30 anos atrás. Pararam, apertaram-se as mãos, ela perguntou pela família dele. E constatou que nem tudo eram flores com ele também.

Ela havia se separado do marido e ele, de certa forma, não tinha mais casamento. Nada mais lógico do que marcarem um encontro para lembrarem juntos os velhos tempos de colégio. E ele se realizou mais cedo do que ela esperava.

Rodolfo não era um homem bonito. Era baixo, estava ficando parcialmente calvo, mas parecia possuir ainda muita vitalidade. E foi assim, através de sucessivos

encontros, que ele foi reconstituindo para ela os trinta anos em que se mantiveram afastados um do outro.

Conhecera a moça que hoje era sua mulher numa cidade do interior recém-saída de um colégio de freiras. Filha única de família abastada, inteligente e de uma moral intocável. Seria o protótipo da esposa para um “cara” da classe média. E assim foi feito. Ela, pseudamente modesta, humilde, com um tom choroso na voz, foi tomando as rédeas da casa e decidindo os destinos de cada um. E não tardou a se mostrar uma déspota.

Dentro de casa, uma pequena rainha cujos súditos andavam “de roda” para atender aos seus mínimos desejos. Cheia de preconceitos religiosos e tabus, trazidos das freiras, as relações sexuais tinham objetivo sagrado de fazer filhos. Quando não os quis mais, quebrou a intimidade do casamento. Ademais, ela era tão frágil, tão doentinha!

E disso se aproveitava para mandar mais e mais, com aquele jeitinho tão humilde, tão meigo de que só ela era capaz. Dava sempre como exemplo de pureza aos filhos aquela sua tia tão santa que tomava banho de camisola para não pecar vendo o seu próprio corpo. Com isso, levou a um casamento infeliz a primeira das filhas que, pouco tempo depois, não aguentando os maus tratos do marido, cheia de esquisitices, correu para casa de volta e promoveu o seu desquite.

A fuga não dera certo e ela caiu prisioneira outra vez. O outro filho fugiu para as drogas e o terceiro “se mandou” para uma comunidade nalgum lugar do país. Do marido, exigiu que reformasse a sua casa, transformando-a numa mansão. Exigiu, não. Solicitou meigamente. E ele empregou nisso seu dinheirinho da aposentadoria que se destinava à compra de um sitiozinho, com que sonhava durante toda a sua vida.

Rodolfo se lembrava de quando trabalhava fora, em uma cidade do interior e vinha duas vezes por semana ver a sua família. Nessas ocasiões, ela nunca se dignava a sair do quarto para prover qualquer necessidade dele. E se queria vê-la, tinha que interromper fatalmente a leitura a que ela estava sempre atenta, recostada em sua cama.

E, uma vez, só uma vez em cerca de dez anos, tentara fazer-lhe um carinho mais ousado por baixo do cobertor que a agasalhava e ela teria caído no choro convulso. Depois disso, nada mais, nunca mais.



A mulher o escutava muitas vezes, algumas delas até relembando, quem sabe, um beijo dado às escondidas, 30 anos atrás. E ele insistia em sua necessidade de afeto, pegava-lhe a mão, dizia ter certeza de que um dia, seus caminhos se cruzariam de novo e que ele havia esperado por isso durante muito tempo. Ela o escutava, ferida que fora pela vida também, e pensava: “No entanto, fui preterida; não tinha as excelentes qualidades morais que distinguiria da “figura” escolhida”. Carente de afeto foi até tida como leviana. E chegara a gostar daquele homem que, agora, à sua frente lhe pedia um pouco de afeto, um pouco de carinho!

Era meio impossível tentar agarrar a ponta da meada que ficara lá atrás. Mas quem sabe seria também uma resposta a sua própria carência?. Enfim, não custava tentar. Já era tão sofrida que não havia nada que a pudesse ferir mais.



No quarto, inteiramente despidos, ele lhe fazia mil carinhos, se mostrava ansioso, ardente, mas, não conseguia um minuto de ereção. Estava furioso contra sua impotência, se recriminava, investia de novo, para um novo fracasso.

Ela, paciente, tentava ajudá-lo conversando com ele, fazia-lhe carinhos também. Foram várias as tentativas. Por fim, ele se afastou, talvez envergonhado. E ela, embora já um tanto desinteressada em ajudá-lo em vão, permaneceu mais triste. Constatou que a esquizofrenia da mulher anulava um homem forte, viril.

E os 30 anos passados haviam realmente passado.

6. Flagrantes da vida

Chegaram ao bar onde estavam alguns amigos tomando uma cerveja e foram apresentados à turma por um amigo comum.

Faziam um belo casal: Fritz era alemão, alto, olhos muito azuis, e Samira, brasileira de nome semítico e ascendência alemã, morena, mignon, olhos muito pretos e uma certa aspereza no falar.

Enquanto o assunto não se tornava geral, conversava-se paralelamente sobre política, casos de estudantes (a mesa era bem heterogênea), etc.

Num dado momento, Fritz passa a exigir a atenção de uma amiga, dizendo: “Fale para mim também”.

Sua mulher ataca: “Ele é assim, não tolera ser excluído de nenhuma conversa. Todo o mundo tem que lhe dar atenção”.

Riram e a conversa prosseguiu desta vez incluindo o Fritz.

À terceira dose de vodca, entretanto, Samira dominava a mesa que já se encontrava reduzida.

– “Não dá; casamos há onze anos, não deu certo e nos desquitamos. Agora quero me afastar deste fascista de vez por todas. Estou cansada de ser “gigolada”, de me

submeter às suas taras sexuais. Não aguento me sentir podre ao contato da sua podridão. Não suporto apanhar mais, ficar marcada e ter que arranjar desculpas. Chega! Dentro de casa, não posso nem comer aquilo de que gosto e que compro com meu dinheiro. Ele diz que meus hábitos alimentares (bem brasileiros) são de um porco e....”

Prosseguiu numa torrente de impropérios, vomitando na mesa do bar toda a revolta e o rancor de que seu coração estava cheio.

Para os que tinham saído para se divertir, tal atitude constrangeu e fez-se um silêncio momentâneo.

E Fritz? Com os olhos infantis muito grandes, muito azuis, olhava aflito para todos e, sobretudo para a mulher que o invectivava, como uma criança injustiçada e envergonhada.

Repetia que amava aquela mulher, que não conseguiu ficar longe dela, bem que tentou... Que era uma mulher formidável, que ele ia deixá-la definitivamente para que ela pudesse ser feliz. Ele era um cavalo, pisava-a com o tacão de sua bota, segundo ela (mas que não era bem por aí que as coisas passavam), mas que ele não se defenderia. Ela acabava de selar a sorte dos dois.

Estranhamente, a mulher chorava copiosamente e perguntava também de uma maneira infantil: “Por que você faz isso, por que você impediu minhas aulas de balé, por que isso, por que aquilo?”

Tentando uma intromissão débil, uma das pessoas propõe alguma medida de conciliação: “Por que vocês não examinam o sentimento real que os une e batalham no sentido do entendimento mútuo? Está claro que vocês se amam. Recomecem em outros parâmetros”.

Não, está tudo terminado. Os dois choravam no momento da nossa despedida.

Ele passou o braço pelo seu ombro, ela se aconchegou ao seu corpo e foram os três para casa: ele, ela e a neurose que os unia.

Fatalmente, não haveria separação.

7. Reminiscência

Eis que a moça emerge de um passado de 25 anos.

A mãe prometera trazê-la para que eu a revisse após tanto tempo. Ei-la aí à minha frente. Médica, na verdade, ocupando três cargos importantes em Brasília. Diante de mim, porém, apenas uma mãe de família, dona de casa, esposa, enfrentando os problemas comuns.

O pior é que a aura de encanto que a rodeava desapareceu. A menina-fada da minha infância, que possuía uma merendeira, fora tragada pela voragem do tempo. Como a invejava! Como desejei, no meu tempo de escola, atravessar uma merendeira a tiracolo!

Para mim, era o suprassumo do luxo e do conforto. E me lembro, meio nostálgica, meio constrangida, das gordas bananas que se esmigalharam contra os meus cadernos, dentro da pasta. Foi um desastre. Não direi que os cadernos estavam limpíssimos, caprichadíssimos, que essa coisa de capricho nunca foi comigo. Mas... a lambança foi total. A ponto de exasperar a bondosa professora.

Vai, menina, vai ver se limpa essa sujeira lá fora!

A sorte é que minha tia morava perto e me ajudou na faxina. E o pensamento fervilhava: pois é, se eu tivesse uma merendeira, né, não acontecia isso.

Pois bem, a Cleuza tinha merendeira, andava escovada, brunida, cheirosa, sempre bem penteada.

E eu, aquele espirro de gente, só cabelos descabelados, não havia jeito de me mostrar arrumada. Era um custo para se encontrar o rosto naquele emaranhado de cabelos compridos.

Mas não era feia, não. Só desarranjada demais, puxa!

Bom, mas falávamos de Cleuza, voltemos à Cleuza!

O seu quarto! Que beleza! Era para mim um recanto encantado. Tapetes, jarrões com flores atravancando o trânsito da gente, bonecas, livros de estória, que coisa linda!

Quando acontecia de entrar lá (a Cleuza era minha amiga, apesar dos pesares, que estão pensando?), supunha que o céu devia ser assim.

Ela tinha sempre bombons, ai meu Deus! Já pensaram em delícia igual? E suas merendas? Às vezes, quando olhava para o meu pão frito na gordura, me brindava com um pedaço de bolo amanteigado. Manteiga só entrava em minha casa como expectorante. Para desagarrar o catarro, tomava-se um café bem quente com um cabo de colher (essa era a medida exata, o ideal) de manteiga.

Ah! Que vontade de gripar!

A Cleuza aí está! Envelhecida, é claro, tanto como eu, ou mais. Mas, por mais que procure não lhe acho o encanto de outrora. E me vejo na iminência de perguntar, plagiando o velho Machado de Assis:

Terá mudado a Cleuza ou mudei eu?

Tão frágeis somos nós, os seres humanos! Tão pequenos em nossa pretensa grandeza de "homo sapiens", tão falhos na nossa convivência com os nossos semelhantes!

Tentamos nos melhorar, envidamos esforços para que os ensinamentos de Cristo penetrem em nossos corações e, de repente, verificamos estar na estaca zero!

A garota era muito desajuizada, tida na cidade como uma moça fácil. E toda vez que eu entrava naquele bar com meu marido, ela se engraçava com ele. Aquilo me deixava furiosa com os meus verdes anos de princípio de casamento. Eu tinha horror dela e a tratava com certo desprezo.

O tempo passou para mim e para ela. Mais tarde, entro para o Sesi para fazer curso de corte e costura e a reencontro. Tão trêmula, tão instável que não conseguia traçar uma reta com a régua.

Tomo conhecimento de que ela fora criada por uma prostituta que mantinha uma casa de encontros; e a deixava presa dentro de um quarto para que ela não reconhecesse as pessoas que frequentavam sua casa.

Casara-se há pouco tempo atrás e, acabada a cerimônia do casamento, a polícia já aguardava o marido para prendê-lo.

Viveu pouco tempo com ele, mas o tempo suficiente para sofrer todo tipo de maus tratos.

Quando tomei conhecimento de tudo isso, tive vontade de me chicotear. Não tivesse eu me deixado vencer pela antipatia, e, ao contrário, houvesse me aproximado dela com a minha amizade e o meu apoio, talvez a pobre Nancy tivesse se sentido mais gente e não tivesse sofrido tanto.

9. Sede de viver

Chove. Chuva tranquila, miúda, monótona, incessante.
Céu cinzento.

Dentro de mim, o mesmo quadro. Desencanto, angústia,
amargura.

Tito Madi, mais sentimental que nunca, canta, através
do disco posto na radiola, a sua *Ternura Antiga*.

Aferro-me à letra da canção.

“Essa saudade, esse vazio, essa vontade de chorar”...

Como interpreta um sentimento com tanta fidelidade!...

Tenho vontade de dialogar com ele, procurar afinidades.

Sinto que, se ele é capaz de sentir assim, seria também
capaz de me compreender.

Que maravilha seria achar compreensão, delicadeza de
sentimentos, sensibilidade! Eterno anseio de minh’alma!
Eterno vazio no coração!

Volta o cantor a me dizer sobre seu “Cansaço”.

E novamente retrata o meu grande drama.

“Já cansei de viver de esperanças,



já cansei de tentar ser feliz...
...Esperei as palavras de amor
que não vieram
Ansiei por carinhos também
Não me deram
Caminhei sem destino até agora
Tenho sede, cansaço e amargura
Meu sofrer que é tão grande e só meu.
Só você é quem cura... “
É isto; não preciso dizer mais nada: sede, cansaço e amargura.
Sede de amor, de carinho, de ternura, de romance.
Cansaço de procurar tudo isto sem jamais encontrar.
Amargura causada pelo fracasso e pela decepção de ver
ruírem todos os meus sonhos.
Não me limitei a esperar pelo amor; procurei-o, amei.
Não só ansiei por carinhos; prodigalizei-os também.
Nada consegui além de sede, cansaço e amargura.
Como o compreendo, meu pobre e amargurado cantor!...
Lá fora, a chuva continua. Só lá fora? Não!
Também no meu coração tudo está cinzento
Como o céu e a chuva da amargura cai lavando as velhas
e mal cicatrizadas feridas; cai monótona, tranquila, miúda,
incessante.

10. O dia é amigo e a noite inimiga

O dia esconde as garras e os dentes afiados da fera.

À noite, o monstro sai e mostra toda sua crueldade.

Garras no coração, dentes na carótida, só larga a vítima extenuada e inconsciente.

Ai! Sinto que o ar me falta, o oxigênio, abram as janelas!

O sangue sai em borbotões e eu me afogo no sangue morno.

Sou um verme! Se eu fosse grande, sobreviveria...

Se chegasse alguém... Não, não quero que venha ninguém.

São bem capazes de aprofundar as chagas para o sangue sair mais rápido.

Quero sobreviver! Quero sobreviver! Quero sobreviver?

Não, quero ir embora, quero me entregar ao nada, ao tudo, ah..., sei lá...

Que adianta viver no mundo, sozinha?

Sou estrangeira aqui! Ninguém fala a minha língua.

Ninguém sabe quem eu sou.

Quem eu sou? Quem eu sou?

Nada, verme, cupim, bichinho que come defunto.

Verme metido a gente!

Que faço aqui? Como vim parar aqui?

Quero ir embora para Pasárgada.

Mas, não sou Bandeira, não sei o caminho.

Quero ir para minha terra de origem.
Onde há gente que compreende até mesmo os vermes.
Não adianta, é melhor ir me entregando aos poucos.
E sentindo a delícia de morrer afogada no próprio sangue.
Aos estrangeiros, antes de soçobrar, o meu aviso:
Cuidado com a fera que a noite solta!
Ela é mortífera.
O dia é amigo e a noite inimiga.
Morre-se mil vezes durante a noite ampla.
Vive-se mil vezes no dia pequeno.

11. A espera

Espero-o.

O peito infla de ansiedade, o coração tiquetaqueia em ritmo frenético. Antecipo a hora em que ele chegar, carinhoso e terno, tomar-me em seus braços com suavidade e carinho e me beijar.

Espero-o

Em o esperando, penso em sua solicitude, em sua afabilidade, na sua atenção, nas pequenas e grandes atitudes: o gesto de puxar a cadeira para eu assentar, ajudar-me a transpor os pequenos obstáculos do caminho, oferecer-me seu apoio para descer um degrau ou sair do carro, sorrir com um ar de cumplicidade, minimizar os meus erros, valorizar as minhas qualidades, oferecer uma flor, passar as mãos sobre meus ombros quando caminhamos juntos.

Anteipo os seus carinhos e os vivo, um a um: seu beijo ardente, terno, frequente... ah! Tão frequente! Seu abraço forte e suave ao mesmo tempo, tão cheio de amor! O calor de seu corpo crescendo em intensidade no desejo. As carícias ousadas preparando o grande momento. As frases de amor, as expressões de ternura murmuradas à meia voz, aguçando o meu desejo. E o clímax! Maravilhoso, perfeito, sincronizado, energético, transportando-nos ao paraíso.

Revejo o “depois” generoso, cheio de gratidão de um para com outro pela troca de energias radiantes. Ele me acolhendo em seus braços, eu deitada em seu ombro, nós a nos olharmos com muito amor, carinho e ternura, a nos falarmos coisas bonitas...

Espero-o.

E, na espera desse amor maravilhoso que se atrasa, que não chega nunca, consumo a minha vida, conto os dias na expectativa doce e dolorosa da sua chegada.

Há momentos em que perco a esperança, para logo depois retoma-la através desse sonho maravilhoso, talvez inatingível.

Mas... não será a própria vida um sonho?

Enquanto sonho, vivo; enquanto vivo, sonho!

12. Nunca mais...

Nunca mais as acharei...

Há uma dispersão, uma fragmentação de meu próprio ser.

Perdi muitas partes e agora não consigo mais montar o quebra-cabeça. Entre o que perdi, o que considero de mais

valioso é o encanto pela vida, a garra de viver, o entusiasmo de ver as coisas acontecendo.

O belo e o feio não me tocam mais. É simplesmente indiferente para mim estar diante desta paisagem linda, com os navios e barcos ancorados, o barulho do mar, o canal aberto à frente, as gaivotas cruzando o céu azul. Aqui ou na Cochinchina, seria a mesma coisa.

As minhas mágoas, de onde vêm?

Talvez da procura infrutífera da paz e do amor. Palavras, só palavras. Pus como meta na minha vida consegui-los. Tomei resoluções drásticas para encontrá-los.

Tudo em vão! As limitações do ser humano (evidentemente, primeiro as minhas) não permitem a consecução desse ideal.

Ao me ferir de morte, as pessoas esquecem que a minha reação não é aquela visível e concreta. É como um composto químico que vai corroendo os meus sentimentos.

Já cheguei à conclusão de que as palavras são muito perigosas. Ditas, elas não têm efeito retroativo, não se pode apagá-las, rasgá-las. Elas vão direto ao alvo e, irreversivelmente, deixam a sua marca profunda, sangrenta. Nem beijos, nem abraços, nem pedidos de desculpas... Nada consegue evitar a sua ação nefasta.

No meio de uma carícia, elas ecoam inexoráveis e gelam o coração e o corpo.

O que se faz no cotidiano é tentar passar por cima, fingir que tudo está bem, tentar não escutá-las.

Mas..., daí a pouco vêm outras mais pesadas, mais nefastas que, unindo-se às ditas anteriormente, aumentam o coro vociferante, perverso e lúgubre.

E um dia, vê-se que na cabeça da gente só existem vozes. São elas que invadiram todo o espaço que mataram os sentimentos, a razão, dilaceraram tudo.

E só elas existem. Finas, grossas, altas, baixas (às vezes, as mais terríveis).

A vida se acaba, com todo o seu encanto. Ficam só as vozes que torturam, que clamam, que enlouquecem.

13. Estou aqui sozinha...

Estou aqui sozinha, parada, talvez jogando fora um tempo precioso para outras coisas que dessem prazer ou me fossem mais úteis. E, ao fazer essa constatação, me vem outra reflexão: o que é o tempo, cronometrado e dividido em segundos, minutos, horas, dias, meses, anos, em face da eternidade? Como se aproveita bem esse fluir de areia na ampulheta, essa réstia de sol fugaz que, antes que nos apercebamos, já passou? E como reflexão conduz à reflexão num círculo imenso, incomensurável, me



vem à cabeça a inexistência do próprio presente, com sua pressa de virar passado. O momento em que comecei a escrever essas linhas já é passado. Conseqüentemente, como sou um ser humano cumprindo o seu ciclo evolutivo, não sou a mesma pessoa que começou a escrever. Nesse contexto, insere-se a própria problemática do “ser” e “estar” e a certeza de que ninguém é: todo mundo está. E “ser” é algo quimérico, utópico, inatingível. Daí o meu ceticismo quando as pessoas afirmam enfaticamente: “Eu sou assim!” Não há nada que seja perene ou estável na natureza humana; no fluxo e refluxo das marés consubstanciadas nas mais diversas vivências, tudo se transforma, impossibilitando as pessoas de “serem”. “Estamos” assim, em uma determinada hora, num determinado contexto. E aqui entra Montaigne, afirmando que o homem muda de acordo com os ventos das circunstâncias: é tão diferente o seu pensamento quando está com a barriga cheia ou vazia! Prova de versatilidade do homem é o próprio fato de não poder sentir duas vezes a mesma emoção, o que faz dela a única, a irreversível. Há sempre uma característica diferente, ainda que sutil, embora toda a ambiência seja recriada para repeti-la. Realmente, “o mesmo homem não cruza duas vezes o mesmo rio”.

A instabilidade gerada pela quase inexistência do presente e a insegurança do futuro, sempre indevassável, embora ocorra a cada momento, faz de todos nós, pessoas frágeis e inseguras.

Todavia, a grande ilusão que persiste é que somos donos do nosso destino, que realizaremos determinada tarefa ou desejo amanhã, na semana que vem ou daqui a dois anos. E nessa esperança da concretização de ideais, pensamentos ou sentimentos, passamos pela curta estrada, pela quimera maior que se chama vida. Às vezes, conseguimos até deixar algum rastro e disso nos

orgulhamos, sem sabermos que a poeira do tempo, fatalmente, o apagará.

E há quem diga que não tem ilusões!

14. Quero viver

Há certos estados da alma que são por natureza tão complexos, que se tornam indescritíveis.

Há dentro de mim hoje toda uma rebelião armada, tenho consciência disto. Mas, o que sinto, no entanto, é uma lassidão profunda, uma inércia, uma impotência, uma letargo, um niilismo absurdo.

A imagem da vida que tenho é da luta entre peixe e pescador. Preso no anzol, o peixe se debate desesperadamente. O pescador paciente, sabendo que ele está realmente fígado, deixa-o debater-se até exaurir, ocasião em que enrola a linha tranquilamente trazendo-o assim, para o cumprimento do seu inexorável destino.

Luta-se tanto, durante tanto tempo, para no fim, exausto da luta, colocar-se a cabeça no cepo, à espera do machado; e esse intervalo entre a luta e a decepção é o que se chama vida.

Estou oferecendo a minha cabeça ao cutelo. Estou exaurida dos papéis que represento.

São só papéis, realmente. Não dizem nada de mim mesma, do que bate dentro de mim. Queria poder gritar que, antes de ser esposa, mãe, professora, etc., sou um ser humano. Eu sinto falta de carinho, de apoio, de compreensão para com as minhas limitações. Quero falar de minhas coisas, das minhas oscilações, das frustrações, dos meus anseios, de minhas mesquinhas e débeis realizações. Chega de cobranças de desempenho. Chega de

exigências sem nada oferecer em troca. Chega de querer perfeição de santo, de anjo. Sou humana, lembre-se disto. Estou reivindicando o direito de viver e de ser eu mesma com erros, distorções, conflitos, incoerências, alternâncias de disposição interior, o direito de rir, chorar, amar odiar, enervar, gritar.

Quero viver! Deixem-me viver ou usem de uma vez, o machado do carrasco!

15. Vai deitar cachorra!

O chicote estala e sinto uma dor lancinante no dorso. Ganindo, corro para um canto, deito e, de lá, com os olhos brilhando, fico observando os humanos. Como gostaria de ser uma pessoa, um ser humano! As pessoas têm vontade própria, sabem o que fazem e o que querem, se locomovem para onde desejam. Só que gritam muito, parecem desequilibradas... Tenho vagas reminiscências de um tempo em que fui gente...

Mas, logo depois o chicote começou a estalar. Minha “dona” me batia muito e até meu dono, que era uma criatura muito amorosa chegou a me agredir muitas vezes. Eu tinha que ficar no meu canto e quando queria interagir, já vinha pancada...

Acho muito triste ser cachorra!... A coisa que mais desejei foi receber um gesto de afeição. Acredito porém, que, sou um animal muito ruim, só faço por merecer chicote.

Depois, mudei de dono. No princípio, fui tratada quase como um ser humano. Excitei... cedo demais. Daí a pouco, começaram os gritos e o barulho infernal do chicote.

No meu canto, pari filhos. E eles eram gente. Tão bonitinhos eles! Graças a Deus (sou uma cachorra que acredita

em Deus) não dei a luz a nenhum cachorro. Mas... ah! Que desencanto! Quando começaram a crescer...

- Vai deitar cachorra! Era o chicote impiedoso outra vez.

É, devo ser um animal muito perverso. Devo tê-los mordido muito, no verdor dos meus anos. No entanto, quando me mandam buscar comida eu vou docilmente, todos os dias. Às vezes, apanho na rua também. Mas o interessante é que o pessoal da rua bate com menos ódio, ou talvez eu sinta menos as pancadas.

Lá em casa as pessoas só ficam mais afáveis quando precisam de alguma coisa de mim. Aí, eu ganho até um passar de mãos no meu pelo, se bem que é um gesto fortuito e distraído. Muito interessante também é o fato de, cada vez que me aproximo de alguém, com meu olhar de súplica, e a pessoa se predispõe a me fazer um carinho, o pessoal fica bravo e me tira a chicotadas de perto da pessoa. Agora que já entendi isso (afinal, eu não sou uma burra, sou uma cachorra), não chego mais perto de ninguém para não deixar as pessoas embaraçadas.

Fico pensando que meu couro já devia estar grosso, não deviam doer tanto assim as chicotadas. Mas é que, em determinados lugares, abriam feridas. Estou com cada "broca" profunda que sangra muito e a brutalidade repetida incide sempre no mesmo lugar.

Tentei fugir uma vez. Mas voltei por causa de duas crianças que ainda queria proteger até elas crescerem mais. Crescendo mais, todavia, ficam com mais força na mão para manusear o chicote.

Quando estiver mais velha, então, e não tiver a mesma disposição, o mesmo adestramento, penso o que será de mim. Naturalmente me deixarão ao sabor de uma carrocinha e serei apenas mais um cão abandonado.

Acho que sou um animal inconformado. Talvez por causa das raras oportunidades em que pude andar em cima de dois pés e ter velocidade humana.

Ai... minhas feridas estão doendo tanto agora. Tento amenizá-las, passando nelas a própria língua, como fazem todos da minha espécie.

Aconchego no meu canto, cansada, procurando não gemer nem ganir, para não chamar a atenção de ninguém sobre mim. Tenho que aguentar as dores bem caladinha, não posso exacerbar ninguém, senão apanho mais e mais e mais.

Posso até morrer de pancadas, e não quero deixá-los com remorso. Para quê? O que significa matar uma cachorra velha e ferida?

16. Reflexões de uma mente doentia

Há três anos mais ou menos que eu estou perdendo o juízo. É claro que ninguém percebeu ainda. É tão difícil para as pessoas estabelecerem um limite entre a sanidade e a insanidade mental?

Afinal, quem sabe os loucos são quem têm razão? São mais autênticos, pelo menos.

A verdade é que não sei se algum dia fui muito equilibrada. Mas, agora não estou conseguindo ver um todo das realidades que se me apresentam. Elas chegam até mim fragmentadas e, se me apercebo de um detalhe, perco o resto, não consigo totalizá-las.

O hoje tem frequentemente se embaralhado com o ontem e nunca sei realmente o que é passado e o que é presente.

Entram aqui novas ponderações: haverá mesmo presente? Ele é tão relativo e tem tanta pressa de se tornar passado que não acredito que exista.

Às vezes escuto vozes que me falam da inutilidade da minha existência. Não sei se as escutei na infância, na adolescência ou se elas são até hoje. Creio que elas existiram sempre e continuam a martelar nos meus ouvidos como se não devesse nunca me esquecer da advertência.

É claro que continuo sorrindo para as pessoas, mesmo para as que não conheço e servindo-as indistintamente. Acham que sou até boazinha, generosa. Outra coisa que acham é que sou inteligente.

Não posso imaginar por quê, uma vez que não tenho conseguido dominar o caos que existe dentro de mim.

Momentos esparsos que vêm e vão pela minha cabeça, não dão a oportunidade de fazer a conexão com a época a que pertencem. E aquela impressão de já ter vivido muitas vidas dentro dessa vida, de já ter sido muitas pessoas diferentes com características bem distintas de comportamento, de personalidade.

Fico pensando na hora em que descobrirem que estou perdendo a razão. Hábitos inocentes aparecerão para todos como indícios da provável loucura que no momento se manifesta.

Acho que vou rir quando descobrirem. E se eu disser que já sabia disso há muitos anos, aí sim, ficará tudo comprovado.

Penso também que tudo começou quando eu nasci. Era assim uma espécie de menina-prodígio que se apresentava às visitas, que quis ler e escrever aos três anos de idade e que, aos cinco, já os fazia. O mal foi esperarem muito de mim. Ou teria sido o meu gênio forte, ou quem sabe o meu atrevimento de querer saber o porquê das coisas.

Sei lá. Era rebelde. Naquele tempo já queria ser amada. E como tal não acontecia, eu feria com gana as pessoas, ou melhor, os familiares.

Mas, ainda acho que foi por causa do amor que a coisa se vem agravando. Isto porque de repente apareceu 'ele' na minha vida. E quem é ele? Não sei nem mesmo se existe. Ele, talvez, seja a minha vontade grande de amar e ser amada. Pode ser também a necessidade de ser compreendida. Só sei que, tal como o conheci, ele é perfeito.

Gentil, carinhoso, inteligente, compreensivo, cavalheiro. Desde que o pus na minha vida, comeci a me sentir gente. Ri muito, chorei, me senti feliz.

Mas como o que dá para rir, dá pra chorar, ele me dá complexo de culpa e infelicidade também.

Cada momento que eu o tenho dentro ou perto de mim, cada momento de felicidade extrema, de êxtase profundo, é momento de dor dilacerante, de angústias incontáveis.

Hoje sou duas pessoas. E essa divisão tem me roubado o resto da razão.

Deito-me à noite, durmo muito e, no dia seguinte, as olheiras profundas e o envelhecimento me olham do fundo do espelho.

O pior é que não consigo tirá-lo do mundo dos sonhos. Se conseguisse, removeria todos os obstáculos para que houvesse uma realidade nossa. Mas, percebo que ele também não é um ser normal. Ele não quer, acha que não pode sair do seu mundo para construirmos um mundo nosso.

Acho que é por causa dos preconceitos, dessas pessoas que acham que é crime amar. Ele diz: -'Você é minha, querida. Eu sou seu'. E eu sinto que é assim mesmo.

Aliás, nessas muitas existências que vivi, sempre nos encontramos e nos amamos. Não é essa a primeira vez. Todavia, ele insiste em que não pode ficar comigo e eu, em estando com ele, por horas ou minutos, sofro muito porque sei que não pode ser assim realmente.

Dessa vez, achava que ele não viria. Demorou muito para chegar. Já não o esperava. Quando já estava conformada com a sua ausência e vivendo porque todo mundo em redor o fazia, ele apareceu. E eu me parti. E minhas realidades se partiram também.

As alternâncias das horas de intensa felicidade e da mais profunda depressão estão acabando comigo.

Não sei se foi ontem que o esperei e ele não veio.

No dia seguinte, ele afirma que veio e não me encontrou. Não sei onde está a verdade. Só sei que, mesmo ausente, ele está presente demais dentro de mim. Estabeleceu-se uma dependência que só vivo quando ele vem. Mas morro quando ele vai.

Nesses momentos, vejo vultos dentro de casa que conversam comigo, vejo-me respondendo, andando, movimentando, provendo a necessidade de todos. Mas, não sou eu. Estou longe, jornadeando, procurando-o, há momentos em que acredito que ele é uma doença sem cura. É o álcool do viciado, a droga do toxicômano. É o veneno que, inculado no sangue, age lentamente até o fim.

Mas, não quero e não posso viver sem ele.

Lembro-me vagamente das coisas que aconteceram antes de ele aparecer. Havia um homem que falava alto e gesticulava muito e brigava frequentemente que me levou com ele. Era ainda jovem, cheia de ilusões. E ele se comprazia em me arrancar com raiz e tudo todas as flores de ilusão do jardim da minha vida.

Até então era uma moça estudante que ganhava a vida com seu trabalho.

Apareceram crianças que compensaram muito a aridez da convivência com o homem. Tratei-as com desvelo, com carinho e, por elas, tive ânimo de prosseguir a minha vida. Estagnei ali durante anos a fio, vi as crianças virarem rapazes e moças e ainda os consigo ver hoje.

Eles, em parte, constituem o que tenho de carinho aqui onde vivo. Viviam para elas, trabalhava por elas, provia suas necessidades sem pensar em mais nada, até que ele apareceu e revolucionou tudo.

Dando um balanço, verifiquei que a mulher que existia em mim ainda não havia vivido. Instalou-me a rebelião interna, sem que ninguém pressentisse sua presença.

O homem me havia machucado tanto, que meu rosto era uma máscara impassível. E com ela mascarei meus sentimentos que agora eram vivos. Na minha demência, partia para análises biológicas ou metafísicas. E racionava: “Sou um animal limpo, sadio, com instintos de sobrevivência, com ânsias de viver. Sou um ser pensante, racional e tenho direito ao meu lugar ao sol”.

Mas, ele não quer que tenhamos um lugar ao sol. Prefere a sombra para me dizer que me adora que precisa de mim, que sou dele; para me beijar, beijos longos, apaixonados; para me possuir e me dar o mais legítimo dos prazeres.

O homem bravo tentou, durante anos a fio, me convencer que amor era sexo. Eu não dizia nada, mas não me convencia. Quantas vezes ele conseguia me levar ao orgasmo e dele eu voltava chorando de frustração!

Vi que ele gostava da fêmea e procurei sê-lo. Mas ele era insaciável e eu não bastava para ele. Era preciso que também as domésticas se submetessem a seus caprichos,

como aquela que me disse: “Vou embora porque o homem me agarrou”.

Chorei muito, sofri muito. Ele chegava tarde, às vezes cheirando forte a bebida. Queria trazer para mim os restos das prostitutas. E eu chorava com a boca no travesseiro por causa das crianças.

Nunca acreditei que amor fosse aquilo. E depois que o outro apareceu na minha vida, ficou provado que eu tinha razão. Ele me mostrou o amor em todas as suas manifestações, tal qual eu sonhava. Era para ele que eu escrevia coisas ternas, mesmo antes que voltasse a aparecer desta vez. Eu o amo, mas tenho medo do homem que fala alto.

Meu pai não falava alto. Mesmo quando me dizia aquelas coisas horríveis: que eu não merecia o ar que respirava, nem o angu que comia. Mesmo quando falava da minha figura desajeitada de adolescente. Muito mais tarde vieram me contar que meu pai não era meu pai. E eu nem importei! Tinha razão de ele não gostar de mim. Só que eu não tinha culpa. Hoje eu sei que gostava dele e queria que ele vivesse ainda.

Pus o homem bravo no lugar dele, mas não deu certo, um tinha muita coisa do outro e minha mãe, sempre que ia conversar com o de agora, chamava-o pelo nome do outro.

Fico muito tempo sozinha e é por isso que escuto as vozes. Penso que são as vozes do tempo. Vejo meu vulto esguio e informe de adolescente passar nas ruas e um rapaz dizer: “Ela parece homem vestido de mulher.” Não deviam judiar assim, mas eu era pobre, não tinha nome de família. Esse rapaz é um homem sério, amigo da gente agora. Mas toda vez que olho para ele a humilhação volta.

Também, por que haveria de ser tão feia? E tinha fama de namorada. Acho que é por isso que o homem bravo aproximou de mim. Certamente pensou na presa fácil que eu seria.

Mas a voz que escuto agora é a que mais me dói. É do namorado antigo, de muitos anos, de quem gostei tanto. “Você nasceu com destino da lua”.

Meu Deus, até hoje me sinto ofendida e... quantos anos tem isto? Mais de trinta... será? Perdi a conta!

Não quero ter destino de lua. Queria só conhecer o amor e agora eu já conheço, porque ele voltou. Não faz mal que ele só queira a sombra; não faz mal que ele não queira se concretizar. Ninguém nos vê juntos, mas eu o vejo, o sinto. Sinto o perfume do seu corpo, a ternura de sua voz, o calor dos seus beijos. Só eu, mais ninguém. Mas tenho medo assim mesmo.

E se eu falasse, ninguém acreditaria. Não o veem. Não o escutam. Se eu falasse, eles descobririam que realmente estou louca. Mas eu não falo. Eles terão que descobrir por si e vão custar!

Hoje os doidos são tantos e estão por todos os lados. Estão no poder, estão com riqueza e isso faz deles pessoas normais. Doido é o pobrezinho que enlouquece de fome e de álcool.

Houve um tempo, não sei quando, que gostaria de ir a lugares em que minha condição humilde não permitia. Não tinha roupas boas, nem sapatos bonitos. E a sociedade toda a vida exigiu isso. As pessoas valem o que têm em cima do corpo, mesmo que o traje esconda merda. Era assim e vai ser assim sempre.

Por isso estou planejando qualquer dia desses sair nuazinha pro meio da rua...

E rir-me do escândalo dos burgueses!

Passei pela residência de um casal outro dia e os dois estavam à porta. Casa chiquíssima, confortável. Sei que eles não são felizes. Ela tão bonita, coitada, loura de olhos verdes e ele com cara de assassino. Fiquei pensando como o ser humano se assemelha ao pássaro preso em gaiola de ouro. Cada um quer a sua gaiola mais bonita e, dentro dela, põe em ordem sua felicidade para parecer aos outros que são felizes. E riem para todos acreditarem nela. Bem que lá dentro lhes dá ganas de bater as asas de encontro às grades até morrer ou conseguir a sua liberdade.

Engraçado como a perda gradativa da razão leva a gente a ver as coisas de outro modo.

Queria uma boneca, ansiava por ela. Mas nunca pôde ser a que eu queria. Contentava-me com monstrenhos de papelão. A infância cheia de projeções dos pais (ou da mãe?) foi também cheia de poesia. Acho que toda infância, por mais pobre, é um poema. Já a adolescência não. É luta, é conflito. Ainda mais quando, no auge de atingir a feminilidade se parece um homem.

E minhas datas maiores? E minhas vitórias? Essas me deixaram, todas elas, um ressaibo de amargura e uma mágoa. Não gosto de lembrar-me dos dias importantes de minha vida. Isso, enquanto eu puder guardar, vou trancar comigo. A não ser que o juízo escasseie de todo e eu perca o restinho que ainda consigo conservar.

Estou ficando agitada demais. É o álcool que não me foi dado. É a ausência "dele". Preciso "dele", mesmo sabendo que vai me fazer mal. Não sei há quanto tempo ele não aparece. Só sei que... não... não sei. Mas pode ter um dia só. Dá pra ficar desorientada. Ele é tão bom, tão maravilhoso! Acho que pertence a outra dimensão.

De que falava? Não consigo guardar a ordem do que quero realmente dizer. O que aparece agora é que uma vez o homem me bateu. Foi um tapa no rosto. Tudo fica confuso e eu me lembro de outras surras, mas acho que as outras estão na infância. Era minha mãe que batia até que eu ficasse roxa. O pai batia pouco. Uma vez, bateu com minha cabeça na parede até que eu desmaiasse, porque eu estava cantando. Sentia revolta, vontade de falar besteiras. Mas, ainda não era como estou hoje e tinha medo.

Quando o homem me bateu, compreendi que tinha de me encolher e aceitar tudo. Havia as crianças que podiam ver aquilo e se marcarem. Então, começou a deglutição de toda humilhação, de todo o menosprezo, de todo o sofrimento. Isso é prostituição ideológica, parece que era como se me arrancassem a alma e o corpo cumprisse sua finalidade sem a essência vital. Chorei até secar as lágrimas. Feri-me até engrossar o pelo. Nunca deixei de ajudar, de estar presente, atuante em sua vida. Mas, vida eu já não tinha. Até que ele apareceu.

Mas ele não aparece pra valer. Só aparece quando estou sozinha. Por isso, tenho gostado mais de ficar sozinha, de andar sozinha. Não sei nunca a hora em que ele pode vir. Quando vem, compensa tudo. Ele é tão diferente do homem! O homem foi ficando cada vez mais estranho, cada vez mais distante e hoje, de vez em quando, o vejo dentro de casa, sobretudo no momento em que ele grita querendo as coisas.

Sobretudo quando fica despesa para ele pagar. Estou deprimida, muito angustiada. Falei com "ele" que não viesse mais. E falei também com as crianças que vou pensar mais em mim. Vou deixar cortar o telefone. Não tenho dinheiro, o homem diz simplesmente que também não tem. Estou cansada de falar em dinheiro, me faz mal. Sinto náuseas.

Por não ter dinheiro, passei uma vida inteira de privações. Para conseguir dinheiro para manter minha mãe e meus irmãos, lutei de sol a sol. Quando falta o dinheiro, resultado de trabalho sério e suado, tem briga. Por dinheiro, o homem se vende, rouba, mata, esmaga, espreme o seu irmão.

Detesto dinheiro. Esconde imundícies, faz sepulcros caiados.

Parece que o passado me puxa. É como se fosse assim um aspirador de pó. E já vou eu, poeira de gente, escutar as vozes de ontem. São vozes negativas, interativas, ativas que me interpenetram, perquirem alguém, repelem. Há uma mais alta do que as outras, que me acusa de traição, de adultério. É aí que a lâmina entra no pulso, o sangue jorra e a morte chega perto. Mas nem a morte se aproxima muito ao ver meu estigma. Volta sorridente pensando que, pior do que ela, é a vida que eu iria viver. Por que é que as pessoas nunca acreditam em mim? Acham que sou suja, que algo soa falso em minhas atitudes.

E tudo que queria era amar meu próximo com força total, socorrê-lo, amenizar dores, enxugar lágrimas, balsamizar feridas e rir com ele em seus momentos maiores.

Merda, que ninguém entende ninguém nesse mundo.

Mundo porco em que qualquer gesto de carinho, autêntico, espontâneo, cheira a sexo, a prostituição.

Prostituir-se é deixar de ser a gente mesma para assumir os outros.

Estou assim, confusa, assim desequilibrada de tanto submeter, de tanto ser manuseada, manipulada. Por me tratarem como débil mental acabei sendo, realmente, o que queriam.

Minha cabeça anda à roda, tudo se embaralha e eu não sei o que é e o que não é. Na realidade, acho que nada é. Tudo está apenas assim. Está sem nunca chegar a ser. Ser é impossível.

É como ver a vida desfocada. Tudo é nebuloso, indistinto, esfumado.

Acredito que ele seja uma criação minha, uma fixação. Só eu o vejo. Mas é tão bom quando está comigo! É tão carinhoso, tão terno que eu não vou deixar de trazê-lo para amenizar essa droga toda. Fico sozinha, mentalizo-o, chamo-o e ele vem. E me diz tanta coisa bonita e me dá tanto amor! Eu esperei tanto por isso!

Há momentos em que acho Deus tão engraçado. Por que é que Ele põe tanto potencial de amor no coração de uma criatura sua que vai viver no mundo de ódio e ambição? Ele deveria estar ciente (Ele sabe tudo!) de que, ao distribuir esse amor, sem nenhuma discriminação, entre todos os irmãos, o resto da humanidade iria olhá-la como se fosse uma espécie rara e iria interpretar mal cada um de seus gestos, cada uma de suas atitudes. Por que me fez assim, quando poderia me fazer exatamente como toda a maioria?

E agora, Ele deve estar se comprazendo em rir de mim. Deve estar observando “como me viro” dentro do contexto! E ainda argumenta comigo: “Você é que sabe; se renunciar ao Dom que lhe dei, poderá se dar mal!”.

Piorou tudo! Há tempos que não escrevo e, nesse período, tudo virou de cabeça para baixo! O homem ficou bravo demais. O dinheiro! Minha cabeça explode. Lá atrás, eu quase impossibilitada de estudar, sem boa alimentação, vestindo roupas dos outros, mas lá atrás não tinha grito.

Não por causa de dinheiro.

E agora lá mistura com aqui, com humilhação, com revolta dos meninos. Eu não quero que eles não gostem do homem. Preciso fazer alguma coisa, preciso de lucidez e minha cabeça estoura. E tudo se mistura presente e passado, e o amor de que sinto tanta carência e o carinho que não vem e já estou exausta de esperar. "Ele" já não aparece com a mesma frequência, embora fique sozinha e o chame até a exaustão. Acho que "Ele" está se diluindo com o resto. Bobagem, há momentos em que eu tenho certeza de que "ele" nunca existiu! Mas era tão bom quando podia sonhar! É, mas não posso pensar nisso agora, porque preciso fazer alguma coisa para mudar tudo, senão fica pior, eu posso tomar ódio do homem, os meninos também, não há como defendê-lo mais, eu queria defender e estava defendendo era o meu pai, mas meu pai não era meu pai, meu irmão me contou isso. Só eu e ele que sabemos.

Mas agora não dou conta mais, porque ele quis bater na moça e eu ia jogar uma coisa pesada nele e fugir com ela, mas ele não bateu. Não pode ser assim, tenho que defendê-los, eu os pus no mundo, eles vão escolher seus próprios caminhos, ninguém vai impor-lhes nada, como fizeram comigo.

Nasci torta, sem ser chamada, vim de atrevida e brigava com os velhos porque eles queriam que eu fosse eles e eu queria ser eu. Como se a gente pudesse se assumir nesse mundo! Eu preciso pensar. Está difícil. Eu podia morrer, mas não sei se seria uma boa, porque aí não haveria ninguém pra defender os meninos.

E eu não posso criar muita briga, mas toda vida engoli tudo para evitar briga por causa deles e já estou cansada de engolir, estou com vontade de vomitar. Eu podia ir embora, largar tudo, ninguém reparava que gente doida não tem responsabilidade. Não reparava, hein? Me

chamava de puta, fui embora por causa do homem, vai ver que fugi com algum.

Olha, eu não me importava com as mulheres do homem, toda vida ele foi de farra, de cabaré, de mulher da vida. Já sofri o que tinha de sofrer por isso. A gente não estava casado há nem um ano e ele quase dorme no cabaré, aí eu sofri.

E quando ele ia ao cinema comigo barriguda e sentava mais atrás para olhar para as mulheres do cabaré, e sustentava mulher, Maria do Carmo de Montes Claros, e a última que eu soube foi a Alice e foi a última por quem sofri e ele continuou chegando de madrugada e às vezes não chegava igual à noite que ele passou na casa da viúva de Abaeté e eu não importei, ele mesmo me contava e eu estava insensível e ele me chamava, às vezes, do nome das putas na hora da relação e eu não me importava, porque ele não existia mais, ele era a sombra que eu só notava quando ele gritava. Mas, também aprendia a não chorar com seus gritos e minha cabeça foi ficando fraca e hoje fica tudo misturado. Agora, eu preciso fazer alguma coisa depressa. Vou embora daqui. Ajunto minha tralha e os garotos e vou embora, eles precisam estudar e eu vou junto ficar perto deles e o homem não tem como brigar e com quem brigar. “Ele” não vem mesmo, foi mais um que fugiu e não quis mais me amar. E dizia tanto que me amava e aparecia tanto pra mim e jurava que eu era para sempre, que nunca ia me deixar e foi me deixando sozinha. Acho que percebeu que estou perdendo o juízo e amar mulher doida ninguém ama. “Ele” me deixou mais sozinha do que eu era, porque com “ele” cheguei a acreditar que essa bobagem de amor existia mesmo e agora sei que é mentira, é só uma palavra. Mas, “ele” também não existia! Ou existia?

Virgem, não sei mais nada. Só os meninos, esses eu acho que existem... Vesti-los, calçá-los e alimentá-los. Eu os quis, os desejei muito e vim embora com eles e achei que podia sarar da cabeça, mas eu acho que está pior; eu fiz um tanto de planos e nada deu certo e os meninos também não me querem e cheguei à conclusão de que ninguém nunca me quis. E agora que estou aqui, não vou voltar pra aquela merda de cidade que não soube entender tudo de bom que procurei dar a ela. Já falei que penso que tenho cara de puta e todo mundo vê em mim uma pessoa capaz de trair o homem com outros mil homens e é mentira porque nunca traí ninguém com ninguém. Só amei "ele", mas isso não faz mal, porque ele não existe, nem nunca existiu, foi minha cabeça doente que o criou, foi minha vontade de ter carinho na vida que fez sonhar, mas o sonho era tão bom que acreditei nele e cheguei a ser feliz. Mas, assim como apareceu, "ele" desapareceu. Agora, pensa bem: o homem está bom pra mim, eu quero esquecer tudo que aconteceu, mas ele ficou lá e eu vim. Ele não está bravo comigo mais. Será que ele já ficou sabendo que não estou boa da cabeça e dizem que a gente tem que ter paciência com os doidos? Mas, os moços agora me falam que eu não existo para eles, que fiz mal em pô-los no mundo e brigam muito e o dinheiro (merda!) anda curto e eu preciso procurar o que fazer, o que eu acho não dá, tem dia que quase não tem nada para fazer uma comida decente e eu estou muito à toa e sozinha e o pessoal não liga. Ninguém gosta de Deus, nem reza. As moças querem roupa, sapato, estão doentes e o dinheiro não dá e o homem inteira e não xinga mais.

Ele está muito bom, mas eu vim pra cá para ficar sabendo que não valho nada para ninguém, que "ele", meu "ele", não existe (e isso é tão triste!), que as pessoas tão falando mal de mim lá na aldeia, que abandonei o homem, que tô vivendo com outro, com um velho rico (aqueles

infelizes, desgraçados, filhos da puta, eu sei como é duro tomar ônibus cheio, fedorento, pra trabalhar com meninos de favela). E eles acabam com minha cabeça! E eu quero carinhar os meninos e eles me chutam prum lado, e ninguém precisa de mim e eu não quero voltar para a desgraçada da cidade e estou sozinha. Agora eu queria voltar era no tempo e pegar os menininhos no colo e trocar fraldinhas, dar mamadeira e amor sem ser repelida. Acho que não posso. Mas posso fazer de conta. Ou posso abrir o gás do fogão e dormir muito. Ainda vou resolver. Só sei que minha solidão é a mais solitária. Mamãe morreu e agora eu sei que ela me amava a seu modo. Outro dia a abracei muito e chorei. Ela era muito estranha e prepotente e me cortou muito. Me batia demais. Já apanhei tanto!

Estou cansada. Queria mesmo abrir o gás. Enquanto “ele” vinha, me dava forças. Mas agora, sem mamãe, sem pai, sem “ele”, sem filhos, sem amor (merda pra amor, palavra boba, que desperta ilusão na gente!), bom mesmo é dormir com gás. Assim, encontrava mamãe, e o pai que não era meu pai, mas eu achava que era e era, pode falar que não. Eu mesma sonhei com ele e fiquei muito alegre e chamei-o de pai e ele olhou pra mim com indiferença e disse: – “Eu não sou seu pai!”.

E isso não importa agora. Eu queria paz para minha cabeça. Vivo tendo medo dos outros. Já sofri tanto, tenho medo de ser ferida outra vez, e as pessoas ferem sem dó.

Por isso, o que resta é abrir o gás. Abro o gás... assim... gás rima com paaaz...



CAPÍTULO V

TRIBUTO A ISIS



A idéia de prestarmos uma homenagem a Isis, por meio deste espaço em seu livro, é uma forma de colocarmos em palavras o sentimento de seus familiares, amigos, profissionais da área da Educação e das Letras, da militância política, do serviço voluntário, enfim da solidariedade humana. Cada palavra é um ponto de uma rede de amor, que foi sendo tecida ao redor de Isis e por Isis.



1. Percorri por acaso o universo de Isis. Convocada por nossa eterna amiga Dete a digitar alguns textos – “10 poesias”. Na verdade, várias páginas amarelas, testemunhando tempo e histórias. Escritora que sou, mergulhei na alma de Isis e percebi que penetrava em momentos muito íntimos de criação e também em momentos públicos fundamentais na sua vida de mulher política/militante/consciente. Muitas vezes convidada a discursar sobre temas fundamentais como adolescência, cidadania, direitos das mulheres, valores, sempre remontando a Jesus, manifestando sua alma religiosa. Isis poeta. Isis filósofa, falando sobre o tempo com a maestria de quem conhece o reino das palavras. Revelando-nos a vida em sua literatura. Dando testemunho de uma mulher secularmente dominada pelos homens, muitas apanhando deles dentro de casa, perto dos filhos, por eles, abrindo mão de suas vidas. Homens que mantinham a mulher e andavam com as prostitutas. Isis teatróloga, viajando com as muitas Marias pela Música Popular Brasileira. Que ousou ser em uma época em que as mulheres eram submetidas aos homens. Mulheres que, algumas vezes, sem verem uma saída, rimaram paz com gás e preferiram morrer a viverem presas. Isis representa a mulher que derrubou muros, alterou comportamentos milenares, inventou outro jeito de ser, virou a mesa. Mulher guerreira, participante, cidadã, brasileira. Isis mãe gerando frutos, filhos também conscientes. Conheci Isis por meio de seu filho, Marcus Vinícius de Oliveira, com quem fundei uma ONG na década de 1980. Inteligente, sagaz, político, era mesmo um filho “da mãe”, refletia a educação e consciência política legada por Isis. Depois, trabalhei com sua filha, Heloisa Aline, em assessorias de imprensa, uma profissional competente e uma excelente colega. Filhos bem criados, resultado de uma vivência de respeito e sabedoria. Isis representa para nós uma nova mãe, sempre

linda, brincos grandes, vestidos soltos, sorridente. Uma grande amiga, nossas conversas sempre foram de igual para igual, diferente da relação com nossas próprias mães. Confesso que, percorrendo o universo de Isis, muitas vezes me emocionei. As histórias que vêm com datas, recordações das décadas de 1970/80, colocam-na num contexto histórico e fazendo história. Isis merece se eternizar nesse livro e as palavras, as tão queridas palavras, companheiras de toda uma vida, merecem viver em nós.

Cleise Soares

2. Isis, pessoa admirável que tive o prazer de conhecer nos dourados anos 1980 de nossas vidas. Hoje a admiro ainda mais, pelo exemplo de mulher, mãe, professora, amiga e profissional das letras brasileiras. Te considero como minha segunda mãe, minha amiga, orientadora de português e mestra do sucesso! Te amo muito!

Magda Braga de Souza

3. Pensar na Isis me remete ao Português. Mas um Português vivenciado com inteligência, cultura e, ao mesmo tempo, poesia e encanto.

Regina Célia de Moraes Bispo

4. Breve texto à minha amiga Isis: Isis de Oliveira, a maravilhosa professora com nome de artista de televisão. Eu te conheço há quase vinte e cinco anos e você é para mim um abraço apertado, como sempre gostou que fosse e que damos apenas àqueles que gostamos muito, e uma resposta clara sobre as vírgulas e os porquês nas frases e das relações, se juntos ou separados. Uma linda mulher que se dedica a todos, filhos, netos e amigos, com muita sabedoria e com os nobres valores da constante

busca da cidadania e da coerência política. Parabéns por mais essa conquista.

Fernando de Oliveira Mendonça

5. Falar de Isis é dar boas gargalhadas, lembrar de rimas e poesias, amor gratuito, carinho absoluto. Isis nos ensina que viver é muito bom, é antecipar natais, é ter apelidos carinhosos. É a eterna professora de todos que têm o privilégio da sua amizade.

Eliana Brasil Campos e Rafael Brêtas

6. Isis, a Magdinha me escreveu dizendo que o seu livro vai sair! Que bacana! Estou viajando pela França, que você tanto conhece e aprecia, e olhe o pensamento que me veio sobre você: "Isis... Ah!!!!... Sempre chique, bela e elegante como o clima de Paris!!!" Abraço e até o lançamento,

Rose H

7. Isis, você faz parte da minha história, não no papel mitológico da serpente Kundalini, a deusa das deusas. Mas no papel de uma pessoa real, uma mulher guerreira. Tendo em comum com a deusa Isis, a sabedoria, a amizade que uniu e une a todos nós. Com carinho,

Sandra Helena

8. Isis, vê-la é se pôr frente a uma pessoa carismática e sábia. Atrás das pulseiras, brincos e anéis, indispensáveis ao seu visual, existe a ISIS, professora dinâmica e incansável batalhadora no ensino da Língua Pátria. Discutir com seus pares os pormenores e controvérsias de posicionamentos dos grandes filólogos é, muitas vezes, seu tema predileto. Na linguagem coloquial, prima por uma conversa prazerosa e brincalhona. Mãe exemplar, avó coruja, não se cansa de mencionar, com justo orgulho, as

conquistas de sua prole. Embora tenha sido Secretária de Educação de Sete Lagoas, Presidente do Sindicato de Professores, entre outros postos de destaque, meu pensamento se prende à pessoa amiga, simples e simpática, preocupada em ajudar a solucionar os problemas de seus companheiros. É assim que eu a percebo e a admiro, ISIS.

Carminha Ferraz Borba

9. Com certa frequência, mas especialmente por ocasião de seu aniversário, a Isis me convidava para uma visita, durante a qual se renovava a oportunidade de me ver contagiado por sua transbordante alegria e permanente bom humor. Agora, sou informado de que será lançado livro seu, por iniciativa de seus filhos, o que me parece o melhor presente que a família pode dar à autora, dela obtendo, automaticamente, grata retribuição, uma vez que, muito mais que a fotografia, o bom livro faz vir à lembrança caracteres morais e de personalidade daqueles que, expondo idéias, fazendo crítica, descrevendo ambientes, direta ou indiretamente fazem alegre e movimentado retrato de si mesmos. Enriquecerá o trabalho a tendência da Isis de dar ênfase ao que é agradável, perpetuando inteligentes observações e elevado humorismo. Estão de parabéns a autora e os responsáveis pela edição. Abraços do amigo,

Nilo Beleza

10. Escrever sobre Isis, falar de sentimentos é uma dificuldade extrema para mim. Nem os 15 anos de psicanálise deram-me essa facilidade. Sou uma concha. Você, Isis, sempre dizia que eu parecia uma árvore ressequida, mar onde corria boa seiva. Isis, venho recordando o passado em sua companhia. Voltaram à memória os bons momentos dos encontros em sua casa. O sentimento mais forte que me vem é sempre a sua delicadeza em tentar

tirar-me da concha, em mostrar o valor da amizade. Não tivemos nenhuma briga por divergência de pontos de vista, éramos duas pessoas tentando usufruir o melhor de nós mesmas. Entendíamos as nossas divergências e a respeitávamos, eu impulsiva e você ponderada embora, sempre pronta a mudanças. Nunca convivi com uma pessoa como você: aberta para qualquer inovação. Basta relembrar as nossas viagens. As passagens eram compradas e lá íamos nós vivermos o que viesse. Nenhuma experiência era negada: desde uma boleia de caminhão em São Luís até as filas para pegarmos o visto em Praga, mesmo sem sabermos ler nenhuma, mas nenhuma palavrinha, em tcheco. Você se lembra dos vexames que passamos ao usarmos uma só passagem nos metrô romanos e sermos advertidas pelo guarda: “Vocês querem viajar de graça?” E de passarmos as duas por uma mesma roleta no metrô em Paris? Do encantamento no Museu d’Orsay com as pinturas de Van Gogh? E lá vêm novas lembranças... Quer saber de uma coisa muito séria?. Você é a única amiga de verdade que eu tenho e estou muito emocionada em admitir isto. Prometo entrar em contato. Um beijão para todos.

Sueli

11. Isis é mesmo outra história na vida da gente. Sempre inspira a sonhar o amanhã e viver tudo intensamente. O que fez em meu coração ainda trago nos olhos, na vida e guardo com muito carinho no escaninho da minha alma.

Cristina César

12. Isis, sempre a vi sorrindo, jovial, animada, esperançosa, pronta para ajudar, superatualizada e batalhadora quanto às dificuldades sociais e políticas que enfrentamos. Sua vida é um exemplo para todos nós.

Roberto Caldeira (Frank)

13. Isis, mulher mineira, que enfrenta e derruba barreiras com força e garra. Luta sem deixar de oferecer amor, atenção, carinho e a palavra amiga a quem dela precisa. Isis educa. Isis ensina.

Marcos Tadeu Amorim Queirós

14. O grupo que, em sua maioria, emergiu da liderança do movimento grevista dos professores de Minas Gerais em 1979, e que veio a assumir a diretoria do Sinpro-MG, era constituído por jovens docentes prenhes do desejo de reconstruir as condições materiais dos professores em Minas e de contribuir para a redemocratização da sociedade brasileira. Ao assumirmos a diretoria do Sindicato, após a renúncia da então diretoria em meados daquele ano, tínhamos em comum o sonho de conquistar melhores condições para os docentes e de somar forças para a reconstrução do movimento social, silenciado por longo período. Entretanto, internamente, nosso grupo era muito diverso quanto às concepções políticas, uma vez que tinha origem nas várias tendências internas ao movimento social. Essa virtude, a diversidade, às vezes ameaçava a efetivação da prática. É aí que localizo nossa querida Isis. Como amálgama ligando os diversos textos, ela reconstruía com brincadeiras e leveza a unidade, montando um hipertexto onde nós nos víamos como autores. Ela foi, em muitos momentos, a artífice que construía a caminhada na diversidade. Sua presença não se restringiu aos momentos da prática sindical. Como amiga, mãe, mulher continuava em nosso cotidiano, participando de nossas vivências, compartilhando alegrias e tristezas, nos encontros de “happy hour” ou no aconchego de nossos lares. Passado o tempo de militância comum, a dispersão da multiplicidade de alternativas não a retirou das trilhas de muitos de nós. Ela continua ligando-nos através de suas felicitações de Natal e aniversários

e, não raro, nos surpreendendo com a sua deliciosa presença. Em fevereiro próximo passado, quando a visitava em sua casa em Sete Lagoas por ocasião de seu aniversário, demonstrou ampliação de sua capacidade de ser amálgama oferecendo-me mudas de seu belo jardim. Agradecemos muito a você Isis por continuar sendo uma delicada e amorosa presença que une nossos diversos caminhos e trilhas.

Rosalina Batista Braga

15. Somos de uma América Latina, continente, que por mais de 500 anos é uma nação de índios, conquistadores e escravos, onde todos os tipos de confrontos acontecem, na luta pelo poder, capital, trabalho e sobrevivência. Gabriela Mistral, poetisa chilena, foi a primeira escritora latino-americana a receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1945, e deixou em sua memória escrita esta afirmação: “Todo o país escravizado por outro ou outros países, tem na mão, enquanto souber ou puder conservar a própria língua, a chave da prisão onde jaz”. Querida ISIS, conhecia você de longe e procurei uma maior proximidade, quando identifiquei que tinha nas mãos a chave da prisão para libertar centenas ou milhares de analfabetos e analfabetas, que não dominam os méritos e os deméritos de nossa Língua Portuguesa. Precisava fazer mais um concurso público (1992) para mais uma jornada de trabalho, recordar a gramática e outras regras, escrever uma boa redação e assim, ser aprovada. Recordo-me da professora de letras, paciente com a minha ansiedade nas suas aulas particulares, em sua casa, numa sala especial com cadeiras de escola, quadro verde e giz, espaço que sempre foi o meu preferido. Quando escrevo estas palavras para a minha professora de letras, fico ainda constrangida e sei que algum ponto, alguma vírgula ou concordância verbal estarão fora de lugar, mas o importante é que fui aprovada professora, para trabalhar nas

favelas de Belo Horizonte, garantindo assim mais um salário e espaço para continuar a luta pela cidadania de todos. Nesta luta nos encontramos muitas vezes, em atividades culturais, políticas, internacionalistas e, sobretudo, humanas. Prestar um tributo à escritora ISIS é, sem dúvida, irmanar-nos em volta da torneira comunitária, onde os lírios do vale, a rosa chá, a espirradeira, o pé de minerva, o pé de jambo e a roseira Rui Barbosa, de sua memória, estão em constante primavera exalando um doce perfume da natureza. Que o livro da ISIS possa ser lido por todos e todas, em vários lugares: escolas, teatros, praças ou quem sabe sob a sombra das árvores ouvindo o canto dos passarinhos. A própria Isis nos convida a ouvir: “Os gorjeios que vêm de um peito livre é, todo ele, um hino à liberdade, é marulho dos riachos, é prazer de viver, de varar a imensidão celeste, de brincar com as nuvens, de ser feliz! É uma sinfonia exuberante em louvor a Deus!” ISIS, aquele abraço de vitória sempre.

Maria José da Silva

16. “A mocidade passou, mas ela não desistiu. Procurou a poção mágica, sofreu, amputou, cortou o que estava estragado, enfrentou os perigos tentando se recuperar para aguentar a espera”.

Por várias vezes li este pequeno trecho de “A Sereiazinha”. Um conto deste belo e comovente livro da professora e amiga Isis da Silva Oliveira. Somos, ou fomos, em algum instante de nossa vida essa sereiazinha que corta na carne e na memória o que fez ou faz mal. E seguimos adiante, como já disse antes um outro poeta: o brasileiro é um forte, não desiste nunca. Nesta bela obra esculpida em vários anos de vida e de vivência – que não basta apenas ser – minha querida Isis parte das lembranças, quase mágicas, do tempo de menina e seus relacionamentos com os irmãos, vizinhos, amigos. Os pais rigorosos, as artimanhas

para evitar as surras, as dificuldades financeiras, só depois realmente percebidas com mais clareza. Era um tempo de alegria pueril em que se vestia o irmãozinho mais novo como uma boneca.

Depois, a juventude mutilada por perdas e danos: a morte do pai, a responsabilidade de ajudar a prover a casa para não deixar a fome ser real. Os dissabores, os questionamentos, os muitos medos. A luta para tocar a vida com dignidade. O arrependimento de não ter colocado em palavras o amor que sentia por amigos, parentes que ocupavam um lugar especial em seu coração. Todas, impressões em prosa, versos, discursos e até texto teatral.

São fragmentos de uma vida com muitos momentos felizes, intensos. Na verdade, o livro de Isis fala um pouco de todos nós – nossas dúvidas e aflições, conjecturas, emoções. Fala do tempo vivido, mas sob um olhar indulgente, amansado pelas muitas idas e vindas da maré, deixando marcas em nossa sereia. Tempo alimentado pela luzinha dos faróis – aquelas que dão rumo aos navegantes e nos renovam as esperanças.

Jô Moraes

17. Querida Isis, os laços espirituais que nos unem sempre irão muito além desta dimensão ou galáxia. Falar de você é indescritível, inefável. Você é uma grande lutadora, uma pessoa sagaz, uma mulher resoluta que batalhou para criar seus sete filhos com muita luta garra e perseverança.. Enfrentou todas as adversidades que a vida reservou para você, com muito humor, coragem, sabedoria e maestria. Conviver com você é uma fonte de aprendizado diário, uma fonte enriquecedora de sabedoria inesgotável. É uma grande responsabilidade, estar aqui agora escrevendo este testemunho para você. Desejo a você saúde, paz e muita longevidade para que sempre possamos

contar com sua companhia em todos os momentos de nossas vidas. E que nossa amizade seja duradora para toda eternidade. Que Deus te ilumine agora e sempre.

Lucas e Maria

19. Vó, é um sem-fim de sentimentos e pensamentos que nos envolve quando pensamos em você, vó. É carinho-amor, é respeito-amor, é sabedoria-amor. Este livro, que parece materializar um pouco as inúmeras coisas que você já nos ensinou, traz esse propósito bonito, de compartilhar com o mundo suas inteligentes e verdadeiras palavras e reflexões. E nós, que somos antes de tudo, seus netos (e fã's), ficamos com nossos corações preenchidos de orgulho, admiração, e mais respeito ainda. Respeito pela mulher que você é, pelas dificuldades que superou, e pela força que sempre te moveu a conseguir mais, e amar mais. Obrigado vó. Parabéns vó! Te amamos. Muito.

Seus netos

20. Olhando para trás, parece que o tempo passou tão depressa... Crescemos, seguimos nosso caminho, construímos nossa história. Cada um de nós carrega consigo suas lembranças particulares da convivência com você. As da mãe inteligente, que sempre desejou dar sua contribuição ao mundo por meio da educação, levantando uma bandeira a favor da cultura, construindo escolas, promovendo palestras, festivais, exposições, recitais... As da mãe professora, a melhor professora de português, transmitindo para centenas de alunos os seus conhecimentos, a sua sabedoria, o seu amor pela língua natal. As da mãe trabalhadora, que, muitas vezes, passou por cima das limitações físicas, para suprir nossas necessidades. As da mãe estudante, realizando tardiamente o sonho de fazer uma faculdade, varando madrugadas estudando com os colegas, depois de um dia fatigante de trabalho. As da

mãe brava e exigente, que queria que os filhos tivessem um comportamento exemplar e não hesitava em punir quando transgredíamos as regras. As da mãe carinhosa, que sempre quis tocar nossos corações através de gestos de incentivo e palavras amorosas. As da mãe conciliadora, apaziguando nossas diferenças e pregando a união familiar. As da mulher inquieta, que, aos trancos e barrancos, procurou seu caminho, tentando ser feliz. Não deve ter sido fácil, mamãe. Sete filhos para criar, sacrifícios, renúncias. Mas, saiba que, se cada um de nós tem suas recordações singulares da infância, adolescência e maturidade, existe um denominador comum que permeia todas: a certeza de que nos amou demais e de que fez o melhor que podia. Mais do que isso: temos um grande orgulho de ter você como mãe.

Seus filhos

21. Isis, querida amiga e mestra, ser a organizadora do seu livro foi uma rara oportunidade para retribuir um pouco, do muito que você fez e faz, não só por mim, mas por todos aqueles que fazem parte da nossa rede de amor. Se aprendemos os seus ensinamentos, é porque eles estão muito além da teoria, eles são sabedoria, exemplos de uma experiência vivida e partilhada chamada amor. Aprendi com você, que a grande sabedoria é superar os momentos difíceis com alegria e bom humor, que o amor acolhe e une a todos sem distinção, sem preconceito. Sinto uma incomensurável gratidão e orgulho de ser sua amiga! Quero continuar frequentando a “casa da vírgula” por muitos e muitos anos! Receba o meu abraço com o carinho de sempre.

Dete



CAPÍTULO VI

BAÚ DA MEMÓRIA



As imagens fotográficas nos incitam a abrir o baú da memória e possibilitam as lembranças alçarem voos...



Festa de "prenatal" 2009 realizada na casa de Isis, em Sete Lagoas. Da esquerda para a direita, em pé: Roberto e Dete, Eliana, Sandra, Fernando, Maíra, Maria, Isis, Libério, Sarah, Adair e Cristina, Arthur e Gustavo. Assentados: Júlio, Rose H, Anne, Júlia e Pedro.

A criança



Figura 1 : Isis com quatro anos, em 1937.

A estudante



Figura 2 : Isis com colegas do Curso de Contabilidade, da Escola Técnica de Sete Lagoas, em 1948.



Figura 3 : Isis no dia de sua formatura no Curso de Contabilidade, em 1951.



Figura 4 : Desfile beneficente no qual a jovem Isis desfilou representando a Casa Bangu, em 1953.

190

A família



Figura 5 : Isis vestida de noiva no dia do seu casamento realizado em 17 de fevereiro de 1954.



Figura 6 : Isis com o então marido Antônio Valace em ocasião festiva, em 1970.



Figura 7 : Em pé, da esquerda para direita, Heloisa, Luiza, Jaqueline, Eveline, Caio, Lucas e Estevão. Segunda fileira, da esquerda para direita, Julia, Isis, Valace, Maria e Fernanda. Na frente, da esquerda para direita, Túlio, André e Pedro.



Figura 8 : Caio e família na festa de 15 anos de Fernanda. Da esquerda para a direita, Nuno, Naiara, Fernanda e Caio (filho de Isis). Na frente, Samuel.

192



Figura 9 : Isis na festa de 15 anos de sua neta, Fernanda, filha de Heloisa Aline.



Figura 10 : Demétrius e os filhos. Ao centro, Demétrius. Da esquerda para a direita, Ierê e Luan.



Figura 11 : Isis com os netos e o filho Sérgio em sua casa. Da esquerda para a direita Sérgio, Isis e Gustavo. Atrás, Túlio Gabriel.

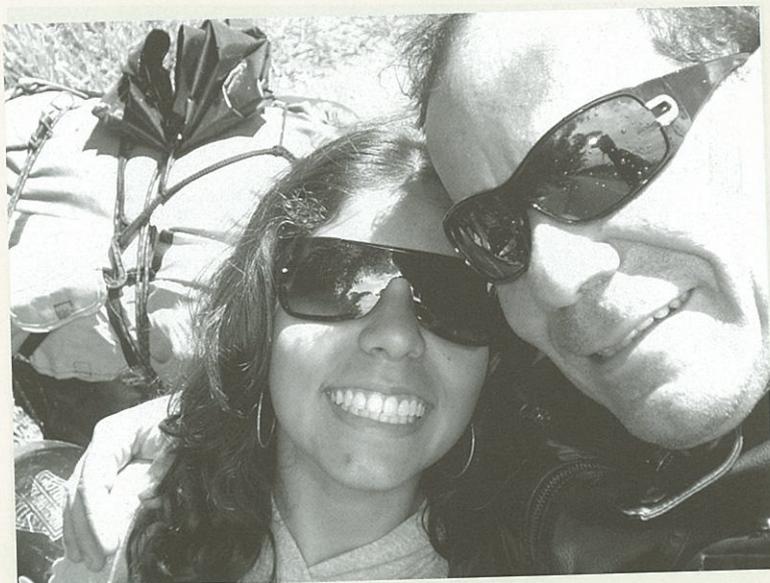


Figura 12 : Da esquerda para a direita, Natália, neta de Isis, ao lado do pai Marcus Vinícius, filho de Isis.

194

A secretária de educação saúde e assistência

Figuras 13, 14 e 15 : Evento organizado por Isis na época em que foi Secretária de Educação, Saúde e Assistência de Sete Lagoas-MG (1973 a 1977).



Figura 13 : Da direita para a esquerda: Isis com a cantora lírica (soprano) Lia Salgado e a flautista internacional Odette Ernest Dias.



Figura 14 : Da direita para a esquerda: Isis com Odette Ernest Dias, Clóvis Salgado, a soprano Lia Salgado e a pianista Isabel.



Figura 15 : Da direita para a esquerda: Isis e o "Quarteto de Cordas" da cidade de São Paulo-SP.



Figura 16 : Isis recebendo homenagem como incentivadora do evento de paraquedismo ocorrido em Sete Lagoas-MG, durante sua gestão (1973 a 1977) como Secretária de Educação, Saúde e Assistência.



Figura 17 : Isis com Juscelino Kubstcheck, por ocasião da formatura da primeira turma de estudantes de Direito da Fundação Monsenhor Messias de Sete Lagoas.

A solidariedade e a militância político-sindical



Figura 18 : Evento de cunho político realizado na Associação Cultural José Martí de MG – Amizade Brasil Cuba. Da esquerda para a direita: Isis e Maria José da Silva, secretária da associação.



Figura 19 : Evento beneficente de cunho político realizado no Cefet-MG, em 1991. Da esquerda para a direita: Marcos Tadeu e Isis.

A professora

198



Figura 20 : Isis recebendo homenagem "como destaque" na área de Educação, pela sua atuação no "Serviço de Proteção à Infância e à Adolescência – SPIA", em Sete Lagoas-MG, no ano 2000.



Figura 21 : Isis no Campus da UFMG na época da correção das provas do "Vestibular de 2001".

As viagens



Figura 22 : Isis com Sueli em frente ao "Monastério Escorial", em San Lorenzo de El Escorial – Espanha, maio de 1991.



Figura 23 : Isis em frente ao "Mosteiro dos Jerônimos" em Lisboa – Portugal, maio de 1991.



Figura 24 : Isis em Havana – Cuba janeiro de 1992.



Figura 25 : Isis no centro de Santiago – Chile, janeiro de 1995.



Figura 26: Isis e Sueli em "Mont Saint Michel" em Paris – França, junho de 1996.

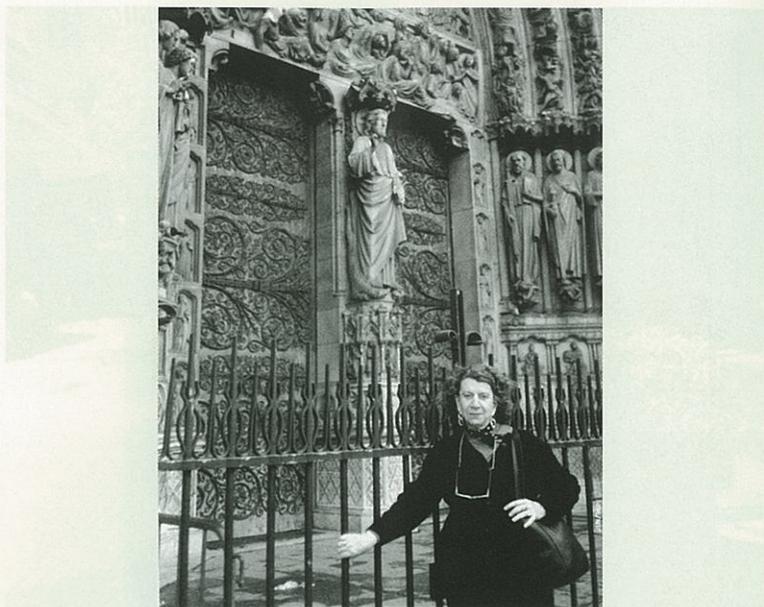


Figura 27 : Isis em frente ao "Pantheon" em Roma – Itália, junho de 1996.



Figura 28 : Em frente à casa de Christine no interior da França, em junho de 1996. Da esquerda para a direita: Isis e Sueli.



Figura 29 : Isis na região de Arromanches – França – junho de 1996. Da esquerda para a direita: Catherine, Isis e Sueli.

Figura 31 : Isis na região de Arromanches – França – junho de 1996.
Figura 33 : Isis na Alemanha, em outubro de 1998.

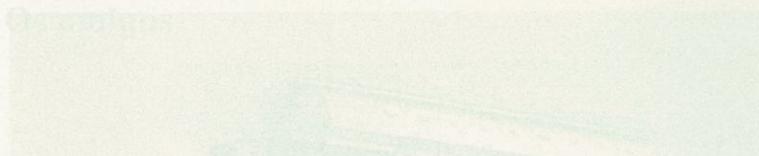


Figura 30 : Isis na ponte sobre o "Sena" em Paris – França, outubro de 1998.



Figura 31 : Isis no "Parc Floral" em Paris – França, outubro de 1998.

204



Figura 32 : Isis em frente ao "Arco do Triunfo" em Paris – França, outubro de 1998.



Figura 33 : Isis na Alemanha, em outubro de 1998.

Os amigos



Figura 34 : Isis com os amigos poloneses Sara e Jorge em Sete Lagoas, em 1955.



Figura 35 : Comemoração do aniversário do Libério no apartamento de Dete e Roberto Caldeira, em 9 de outubro de 1992. Da esquerda para a direita assentados: Rubinho do Vale e Marina Jardim, Amelinha, Dete, Vera e João Maurício, Maria Ilka e Beré Lucas. Da esquerda para a direita em pé: Fernando Marinho, Isis, Marcos Tadeu, José Vieira, Marcus Vinícius (filho de Isis) e Libério.



Figura 36 : Comemoração do aniversário do Libério no apartamento de Dete e Roberto Caldeira, em 9 de outubro de 1992. Da esquerda para a direita: Isis, Dete, Rose H, Regina e Estevão e Fernando Oliveira.



Figura 37 : Festa de "prenatal" realizada no povoado de São Sebastião das Águas Claras (Macacos), em dezembro de 1992. Da esquerda para a direita: Dete, Adriana, Vanessa e Rosan, Isis, Sandra e Libério, Fernando de Oliveira e Rose H com Pedro no colo, Fernando Marinho e Magda com Júlia no colo.



Figura 38 : Show de Dércio Marques no Centro Cultural da UFMG, em comemoração ao aniversário de Dete, Dersu e Malagute, em 29 de maio de 1993. Da esquerda para a direita: Rose H, Isis, Amelinha e Dete.



Figura 39 : Festa de "prenatal" realizada na casa de Isis, em dezembro de 1996. Da esquerda para a direita: Roberto e Dete, Magda, Isis, Libério e Sandra, e Eliana.



Figura 40 : Festa de "prenatal" realizada na "Pousada do Sol" em Sete Lagoas, em dezembro de 2006. Da esquerda para a direita, sentados: Libério, Isis, Eliana, Magda e Cristina. Em pé: Regina, Clara, Hall, Sandra, Fernando, Maíra, Estevão e Júlia.

Isis ousou ser em uma época em que as mulheres eram submetidas aos homens. Mulheres que algumas vezes, sem verem uma saída, rimaram paz com gás e preferiram morrer a viverem presas. Isis representa a mulher que derrubou muros, alterou comportamentos milenares, inventou outro jeito de ser, virou a mesa. Mulher guerreira, participante, cidadã, brasileira. Confesso que percorrendo o universo de Isis, muitas vezes me emocionei. As histórias que vêm com datas, recordações das décadas de 1970/80, colocam-na num contexto histórico e fazendo história. Isis merece se eternizar nesse livro e as palavras, as tão queridas palavras, companheiras de toda uma vida, merecem viver em nós.

Cleise Soares

“A mocidade passou, mas ela não desistiu. Procurou a poção mágica, sofreu, amputou, cortou o que estava estragado, enfrentou os perigos tentando se recuperar para aguentar a espera”. Por várias vezes li este pequeno trecho de “A Sereiazinha”. Somos, ou fomos, em algum instante de nossa vida essa sereiazinha que corta na carne e na memória o que fez ou faz mal. E seguimos adiante, como já disse antes um outro poeta: o brasileiro é um forte, não desiste nunca. Na verdade, o livro de Isis fala um pouco de todos nós nossas dúvidas e aflições, conjecturas, emoções. Fala do tempo vivido, mas sob um olhar indulgente, amansado pelas muitas idas e vindas da maré, deixando marcas em nossa sereia. Tempo alimentado pela luzinha dos faróis aquelas que dão rumo aos navegantes e nos renovam as esperanças.

Jô Moraes

ISBN 978-85-912278-0-8



9 788591 227808 >